



### Mudança de regime

JE'CA — Bonita magica, sim *sinhô!* A coisa foi tão ligeira que quasi ninguem deu pelo *passe!*

  
Coleção  
Documentos  
**103**

# A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**



A *CARETA* E O AMBIENTE POLÍTICO  
BRASILEIRO EM 1937





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# A *CARETA* E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937



- 103 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2025

## Ficha Técnica

Título: *A Careta* e o ambiente político brasileiro em 1937

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 103

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: CARETA. Rio de Janeiro, 11 dez. 1937.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Maio de 2025

ISBN – 978-65-89557-86-9

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

# APRESENTAÇÃO

O ano de 1937 traria consigo a confirmação de um processo histórico que se demarcava no Brasil desde a virada da década de 1920 a de 1930. A República Velha, em seus moldes oligárquicos sofreu seus mais graves reveses a partir de uma série de fatores que se agudizaram na denominada crise dos anos vinte. As rupturas no seio das oligarquias, notadamente a partir dos conflitos de interesse entre as centrais e as periféricas, levaram às campanhas oposicionistas da Reação Republicana e da Aliança Liberal. O tenentismo afirmava-se como força de contestação, espocando revoltas em vários pontos do país e ocorrendo o avanço da coluna tenentista por variados rincões do território nacional. As massas trabalhadoras passavam a intensificar suas organizações classistas e partidárias. A intelectualidade se manifestava em prol de uma cultura inovadora e calcada em princípios nacionais.

A Crise de 1929 constituiria o divisor de águas nesse campo de questionamentos à estrutura vigente à época da República Velha. Tendo em vista desentendimentos quantos aos destinos da política econômica nacional, mormente no que tange à exportação do café, várias oligarquias periféricas se reuniram à mineira e à dissidência paulista para formar a Aliança Liberal, em oposição à candidatura oficial, sustentada pela tradicional oligarquia paulista. A campanha foi acirrada e os aliancistas, ainda que oriundos do contexto oligárquico, buscavam apresentar uma proposta modernizadora, prevendo reformas no campo político, social e econômico. Em essência se estabelecia a disputa entre o modelo liberal clássico, sem uma maior participação estatal e as novas estratégias que se anunciavam a partir daquela crise econômica sem precedentes, as quais caracterizavam um Estado interventor na vida



socioeconômica do país. Apesar da certa popularidade granjeada pela Aliança Liberal, o resultado das eleições, como era tradicional no modelo oligárquico, trouxe a vitória governista. A partir de então começaram as articulações em torno de buscar outro meio para a chegada ao poder, ou seja, através das armas. Vários representantes aliancistas optaram por aliar-se aos tenentes e desencadeou-se a Revolução de 1930, promovendo a derrubada do modelo vigente e a ascensão daquilo que os novos detentores do poder denominaram de República Nova, em oposição àquela que denominaram de Velha, a qual estaria carcomida e anacrônica para enfrentar os novos tempos.

A partir de 1930, o grupo liderado por Getúlio Vargas chegava ao poder, formando-se um Governo Provisório, período no qual as maiores discussões giraram em torno da manutenção da ditadura ou a reconstitucionalização do país. O pano de fundo permanecia vinculado à luta pelo poder, entre os apeados, os vitoriosos e mesmo alguns dissidentes que já começavam a discordar da partilha pós-1930. A intensificação das disputas levaria à deflagração da Revolução de 1932, cuja derrota trouxe a consolidação definitiva do grupo varguista no poder. Com a derrota dos adversários, desencadeou-se o processo eleitoral e a formação de uma Constituinte, a votação de uma nova Constituição, em 1934, e a eleição indireta de Getúlio Vargas para a presidência, iniciando-se o Governo Constitucional.

A Constituição de 1934, entretanto, pode ser considerada como um texto constitucional natimorto, tendo em vista o exíguo tempo em que perdurou. Teoricamente, tal carta magna duraria até 1937, quando a partir do

estabelecimento de um modelo ditatorial, foi instituída uma nova constituição, mas, na prática, sua execução plena se restringiu até o ano de 1935, quando, após as revoltas comunistas, o governo conseguiu aprovar junto ao legislativo consecutivos estados de exceção, os quais neutralizavam muitos dos pressupostos constitucionais. Em 1937, ainda que os prenúncios de um possível golpe ditatorial fossem sentidos amplamente no seio da sociedade, havia uma aparência de normalidade, inclusive com a deflagração de uma campanha eleitoral que escolheria, por eleições diretas, o sucessor de Getúlio Vargas.

Nesse sentido, o contexto histórico de fevereiro de 1937 foi marcado por uma série de incertezas quanto aos rumos do país. De um lado, alguns pensavam que as eleições poderiam transcorrer bem e a transição de poder ocorreria, de outro, havia a perspectiva de que as instituições mais uma vez seriam rompidas e o grupo governista daria vazão ao seu projeto de continuação e até perpetuação no poder. Tal conjuntura aparecia nas páginas dos vários representantes da imprensa brasileira de então, como foi o caso de um gênero bastante popular à época o das revistas ilustradas<sup>1</sup>, dentre as quais àquelas

---

<sup>1</sup> Acerca de tal gênero, ver: CAMARGO, Susana (coord.). *A revista no Brasil*. São Paulo: Editora Abril, 2000.; COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)visita(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C. de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora

voltadas à abordagem crítico-humorística, que conquistaram amplo público leitor<sup>2</sup>. Dentre tais periódicos, esteve a revista *Careta*, publicação editada no Rio de Janeiro desde 1908 e que se consolidou no âmbito nacional, como edição voltada à informação e ao humor<sup>3</sup>.

A *Careta* reunia alguns dos principais caricaturistas brasileiros da época, e trazia em suas páginas matérias sobre assuntos variados, notadamente aqueles vinculados ao cotidiano, à vida urbana na capital federal, ao turismo, ao carnaval, aos bailes, aos clubes sociais e ao futebol, além de um enfoque recorrente para temas literário-culturais. A política era outra das preferências da revista que traduziu, sob o prisma caricatural, vários momentos do devir histórico brasileiro desde a República Velha até os governos populistas dos anos 1960. Em 1937, as edições da *Careta* deixavam transparecer aquelas incertezas

---

da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.; SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016.; e SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

<sup>2</sup> Sobre tais revistas, observar: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 53-64.; e SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 290-334.

<sup>3</sup> A respeito da *Careta*, verificar: ALVES, Francisco das Neves. *Perspectivas da Careta acerca do cenário político brasileiro de 1929 e a sucessão presidencial*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2025. p. 9-2.; e CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 71-97, janeiro-junho, 2012.

entre a transição ou a continuidade no poder. Mantendo o tom jocoso, sem necessariamente deixar de articulá-lo com a abordagem séria, de um lado a publicação apresentava os possíveis postulantes às eleições, de outro, o projeto governista de manutenção do poder<sup>4</sup>. Os olhares do magazine expressos de modo textual e caricatural acerca do ano em pauta, mormente quanto à sucessão presidencial, constituem o objeto de estudo do presente livro.

---

<sup>4</sup> Contextualização elaborada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. O contexto histórico nacional em fevereiro de 1937: um rápido olhar a partir da revista *Careta*. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique & MONICO, Reto. *O bicentenário da cidade do Rio Grande*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2017. p. 37-40.

# ÍNDICE

Apreciações textuais / 15

Concepções caricaturais / 45



# APRECIÇÕES TEXTUAIS

A expressão imagética foi um dos pontos altos da revista *Careta*, demarcada por meio de registros fotográficos, ou mesmo de fotorreportagens, bem como a apresentação em larga escala de ilustrações construídas a partir da arte caricatural. Ainda assim, o modo tradicional de comunicação da imprensa periódica desde as suas origens, o textual, não deixou de compreender significativo espaço na ordenação editorial do magazine. Um dos segmentos de maior relevância para a divulgação de textos por parte do periódico foi a seção *Looping the loop*, que fazia o papel de editorial, aludindo à expressão em inglês que equivale a uma volta completa, vindo ao encontro do caráter de revisão semanal ou a “revista da semana”, termo que deu origem ao gênero jornalístico em questão. Além de tal matéria editorial, houve outras formas de inserção textual no semanário, como, entre outras, artigos, crônicas e reportagens.

Logo na primeira edição de 1937, o tema do *Looping the loop* era voltado à temática presidencial, com o editorial intitulado “A psicologia do candidato”. Segundo a revista continuava “no cartaz o problema da sucessão presidencial”, havendo “algumas escaramuças, uns discursos políticos pelo rádio, palpites nos jornais, viagens de avião entre Porto Alegre e Rio”, de modo que “a coisa continua encruada, não ata nem desata”, havendo um “impasse”, sem andar-se “nem para frente, nem para trás”. Apontava que estava se esgotando o prazo, mas “os candidatos não aparecem”, ficando “na moita”, pois “um ano de distância dá para o indivíduo ‘queimar-se’ e até mesmo ‘congelar-se’”, fazendo com que os candidatos não aparecessem. Desse modo, constatava que “ninguém deseja ser candidato”, por ser “uma coisa incômoda, aborrecida e prejudicial,



segundo parece”, havendo “nessa hostilidade um erro de observação psicológica”, uma vez que o lançamento de uma candidatura permitia ao possível candidato permanecer “sempre em evidência”<sup>5</sup>.

Em mais uma dessas seções, o periódico publicou “Pela democracia!”, no qual apontava que “não procedem os temores e os sustos de determinadas correntes políticas em torno do problema da sucessão presidencial”, constatando que “o fato de se repartirem as opiniões do país no futuro pleito, longe de significar um perigo para o regime, representa um sintoma saudável de que ele está vivo e forte na consciência de todos”. De acordo com tal perspectiva, considerava que “democracia é isto”, ou seja, “agitação de ideias, debate de programas, exame de atitudes”, de maneira que “o aparecimento de dois ou mais candidatos à Presidência da República” deveria “provocar o aplauso” de todos que se interessassem “pelas excelências do regime representativo”, sem que houvesse necessidade de receio “da vivacidade e da paixão que os nossos pleitos suscitam”. Defendia que “um regime só se firma e impõe à simpatia e confiança geral quando mostra o seu poder de execução, a sua capacidade de se exercitar livremente, sem peias nem óbices que lhe possam atrofiar os objetivos”. Nessa linha, considerava que seria “indubitável e irretorquível que a grande maioria do povo brasileiro é pelo regime democrático, com o qual está identificada e pelo qual está pronta a manifestar-se pelo voto, como já se pronunciou em outras eventualidades”<sup>6</sup>.

---

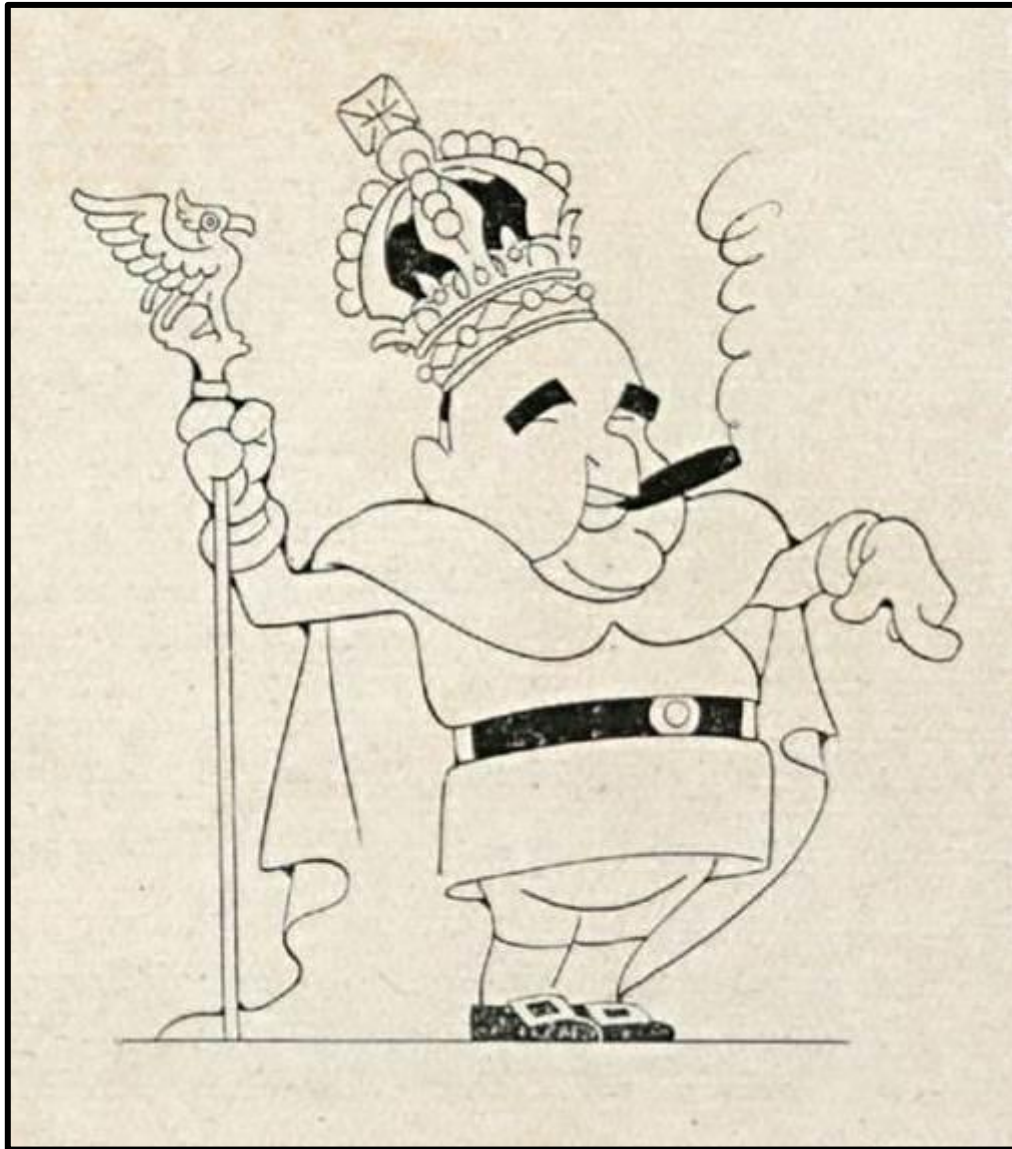
<sup>5</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 2 jan. 1937.

<sup>6</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 23 jan. 1937.

Frente às potenciais candidaturas à Presidência da República, a revista publicou um novo *Looping the loop*, intitulado “O novo ‘Fico’”, no qual apontava para a postura de Getúlio Vargas no que tange ao processo sucessório, destacando que “ninguém atentou ainda para a fleuma com que o atual Presidente acompanha a marcha da sucessão”. Diante disso, apontava que “toda a gente está preocupada”, querendo “saber quem é o homem”, uma vez que, “enigmático, sorridente, calmo, temperado por um otimismo constante, Vargas não se altera, não liga a menor importância aos acontecimentos que se estão processando”. Em relação às possíveis candidaturas, Getúlio parecia sempre solícito, concordando e prometendo ajudar, acalentando sonhos e afagando “com umas palmadinhas a boa intenção” e dando “meia polegada de sorriso e um até logo atencioso de despedida”. Demarcava ainda que, “inflexível na sua reserva, o ex-ditador constitucional e presidente revolucionário não deixa escapar a menor inclinação por este ou por aquele candidato”. Diante de uma possível busca pela permanência no poder, Vargas, na gravura que acompanhava o editorial, era retratado com vestes imperiais, estando pronto a repetir a frase atribuída a D. Pedro I no Dia do Fico<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 fev. 1937.



Ainda a respeito da sucessão presidencial, o magazine publicou “Quem será o homem? – Uma sensacional entrevista com o Presidente Vargas”, ilustrada pela fotografia de um sorridente Vargas. Intentando demonstrar que estava ajustada às lides jornalísticas contemporâneas, a *Careta* afirmava de maneira jocosa que passaria a realizar entrevistas para descobrir que viria a ser o presidente da República e, iria iniciar exatamente pelo detentor do cargo. A matéria mostrava um diálogo entre o estadista e o repórter da revista. Nesse sentido, a publicação afirmava que, “a fim de tentar uma solução que pudesse dar tranquilidade aos leitores”, resolvera “aproveitar o carnaval e proceder a um inquérito entre os *gros bonnets* da política nacional, com o louvável intento de saber quem é o homem”. Mantendo o teor humorado, a folha dizia que começaria “pela figura do ilustre e particular amigo, o presidente Getúlio Vargas”, explicando que, se ele era “intransigentemente reservado para com os outros colegas”, fora “extremamente ‘loquaz’ com a *Careta*”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 fev. 1937.



Na suposta reportagem, a primeira pergunta, “para disfarçar” fora quanto à saúde do presidente, para em seguida falar sobre o seu apetite. A tal respeito, o entrevistador perguntava se Vargas vinha comendo churrasco, ao que ele

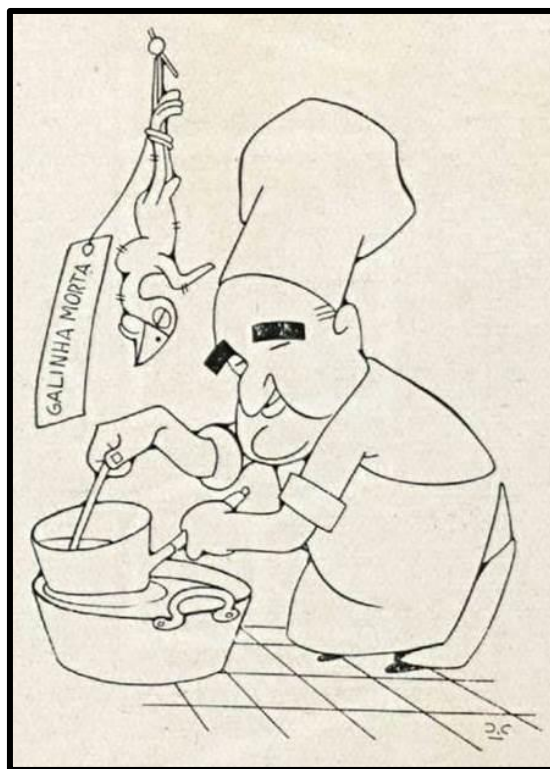
respondia que preferia o seu prato predileto, ou seja, um pirarucu – em plena harmonia com a capa e caricatura apresentava na Revista. Perguntado se o peixe vinha do Amazonas, o presidente respondia que não, e sim de São Paulo, descrevendo como “um pouco magro e com pernas bastante compridas”, apresentando um “espírito forte”, mas “a carne fraca”, em clara alusão ao candidato paulista Armando de Sales Oliveira. Finalmente adentro ao assunto de maior interesse, o repórter interrogava o presidente quanto à sua sucessão. Getúlio Vargas, evasivo, citava vários possíveis concorrentes, demarcando cada um com potenciais desqualificativos. Diante de tal posição, o entrevistador insistia, perguntando se Vargas não via “um homem com todos os predicados necessários a substituí-lo”, uma vez que nenhum dos possíveis candidatos havia escapado “ao seu arpão”. Em resposta, o presidente declarava que homens havia muitos, mas para ser “o homem”, esses seriam pouquíssimos, “talvez mesmo um só”. Diante da insistência do repórter, o presidente despistava e lembrava uma canção de carnaval, sem revelar um nome que pudesse sucedê-lo<sup>9</sup>.

“Mestre-cuca” era o título de mais um *Looping the loop*, no qual a publicação ilustrada comparava as ações de Getúlio Vargas – trajado à caráter na ilustração que acompanhava a matéria – no processo sucessório com as de um meticuloso cozinheiro que, com esmero, escolhia os ingredientes e preparava a cocção de modo a oferecer o melhor prato ao cliente do restaurante. Nessa linha estaria levando em conta a perspectiva pela qual, contrariamente à

---

<sup>9</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 fev. 1937.

“obstinação do imediato”, a correção estaria com o mestre-cuca/Presidente, que imprimia “à filosofia do gosto outras tendências, temperando os cardápios de modo a não perturbar jamais a digestão dos fregueses e, principalmente, a sua própria”, de maneira que retardava “propositadamente, dentro de um critério técnico, os pratos que os fregueses pedem” e, frente a uma possível reclamação destes, vinha a explicação: “Paciência! O ‘artista’ está caprichando”<sup>10</sup>.



<sup>10</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 mar. 1937.

Estampando a fotografia presidencial de Getúlio Vargas, a revista apresentou matéria intitulada “Achou-se o homem!”, na qual prometia dar “um grande ‘furo’ político” sobre “quem é o sucessor do atual Presidente”. Tratando o tema de modo joco-sério, a *Careta* se colocava na condição de estar “encarregada de fazer as coordenações necessárias”, para verificar o nome do “futuro Presidente”. Segundo a narração do periódico, após realizar várias entrevistas com pretendentes ao cargo presidencial, com resultados infrutíferos, o que seria prejudicial ao país, que “não podia ficar sem candidato”, pois não se poderia chegar “ao dia da eleição sem ter indicado qualquer pessoa”, o que seria “um perigo”, de modo que convinha “tomar-se uma deliberação quanto antes”. Diante disso, surgia o nome do próprio Vargas, partindo os responsáveis pela edição da folha para “comunicar ao nosso candidato o resultado das nossas articulações”, o qual “recebeu com a maior simpatia a indicação do nome de seu sucessor”. Frente à constatação de que a constituição proibia as reeleições, constava-se que “a constituição não passa de um boato” e, ao final, os redatores concluíam que assim haviam conseguido, “depois de exaustivo trabalho, completar as articulações de que resultou a escolha do futuro Presidente”, ao acharem “uma fórmula hábil, prática e vantajosa, que dispensa mesmo o trabalho da eleição e a cerimônia da transmissão do poder”, considerando que, em síntese, era “a vitória da velha fórmula getuliana: ‘deixar como está, para ver como fica’ e, “no fim dá certo”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 mar. 1937.





As críticas do periódico à vida política brasileira, notadamente no campo legislativo eram apresentadas no editorial “Crise de autoridade e de cultura”, no qual apontava que “a Câmara dos Deputados deixou de ser um recinto de

nobreza intelectual, para tornar-se autêntico picadeiro”. Demarcava que em tal recinto, discussões, debates e opiniões estavam dando lugar a um “ringue perigoso, em que os doestos, os insultos, os murros e os desaforos substituem a antiga eloquência da tribuna”, insultando-se “com uma facilidade incrível e espantosa”. Ainda explicitava que “a ausência de ética varreu o escrúpulo e os melindres da nossa representação política, implantando uma situação incômoda, vexatória e de consequências imprevisíveis”. Diante disso, diagnosticava que se impunha “um paradeiro a semelhante desordem intelectual, social e moral”<sup>12</sup>. Em outro *Looping the loop*, a publicação discutia intervenção no Distrito Federal, considerando tal medida salutar, pois assim “tudo estaria remediado”, começando “vida nova no Distrito, dispondo-se os verdadeiros valores morais da capital do país a retomar o exercício de sua atividades”, que teriam sido “interrompidas por uma política de suborno e compadrio, contra a qual era impossível abrir luta”, vindo a aplaudir os “propósitos moralizadores do governo”<sup>13</sup>.

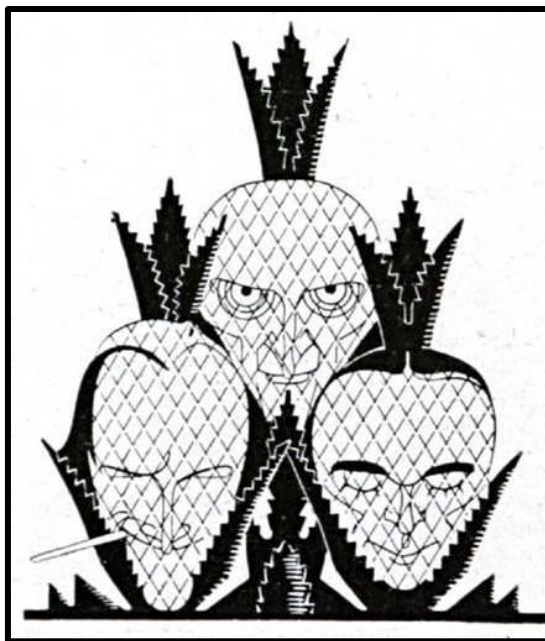
Retomando o tema sucessório, a *Careta* publicou “Os abacaxis” na seção editorial, referindo-se a três possíveis candidatos, o mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, o gaúcho José Antônio Flores da Cunha e o paulista Armando de Sales Oliveira, cujas faces apareciam transmutadas na fruta que servia de título à matéria. De acordo com o hebdomadário, “o Brasil está ameaçado de ter de engolir, no próximo quadriênio, uma salada de frutas”, e o

---

<sup>12</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 mar. 1937.

<sup>13</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1937.

que seria ainda “pior, de frutas indigestas”. Nesse sentido, afirmava que, “com a notícia da próxima sucessão presidencial, a safra cresceu consideravelmente”, uma vez, “de cada ponto do país brotou inexplicavelmente uma dessas bromeliáceas, cada qual se julgando com maior direito a servir de sobremesa ao paladar do nosso povo”. Dentre tais “abacaxis que estão por aí proliferando”, a folha descrevia três deles que “se mostram mais convencidos de sua vocação messiânica”, vindo a concluir que “o povo espera resignado”, sabendo que, “no final das contas, ele tem mesmo que engolir um abacaxi, ainda que não seja um desses três”<sup>14</sup>.



<sup>14</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1937.

Permanência e sucessão constituíram a pauta do *Looping the loop* denominado “Tempo e eternidade”, que debatia as propostas do Presidente Vargas “aceitar a prorrogação do mandato ou a reforma constitucional visando à reeleição”. Esclarecia que tais “termos são impróprios do vocabulário do nosso Presidente, que não costuma empregar essas expressões rebarbativas, limitando-se sempre ao sorriso enigmático”, com um “sorriso que lhe empresta à fisionomia o ar distante da Gioconda”. Na opinião do periódico, “o ambiente universal permite considerar o problema da continuidade administrativa e da permanência de chefes de Estado à frente de seus respectivos postos”. Dessa maneira, posicionava-se favoravelmente à tendência da permanência, apontando para “sua costumada tolerância, a capacidade de indulgência manifestada tantas vezes, a mansuetude de processos, a habilidade em preparar as soluções mais arriscadas”, em um conjunto que teria “de ser levado a crédito do Talleyrand gaúcho e pesar no exame das soluções mais convenientes ao Brasil”. Em conclusão, o magazine sustentava que o Presidente havia “transformado o mecanismo do sistema presidencial num verdadeiro torneio parlamentarista, revezando as camadas políticas e arejando-se ao contato do ar e das alturas”<sup>15</sup>.

No artigo editorial “Velas ao mar”, a revista destacava a frase “Que cada um solte a sua vela ao mar”, atribuída a Vargas, como uma “escapatória com que o Presidente quis fugir ao assédio dos candidatos que disputavam a sua preferência”. Nesse quadro, esclarecia que “Getúlio Vargas se tem mantido

---

<sup>15</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 abr. 1937.

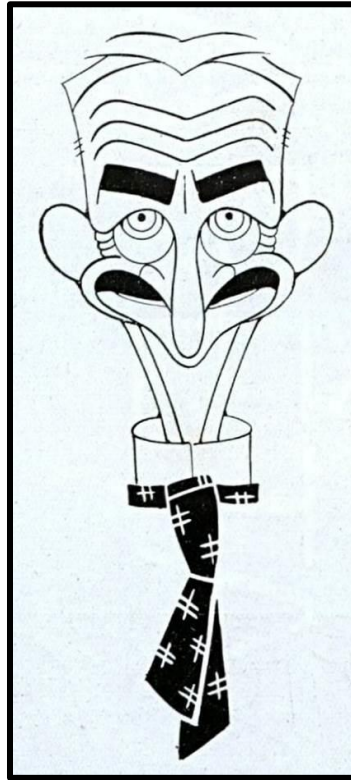
dentro da mais rigorosa discrição, evitando manifestar qualquer preferência por este ou aquele candidato”, de modo que, se ele chegasse a ter “inclinações” quanto ao tema, mantivera “o cuidado de resguardar o peso de sua autoridade, não se deixando comprometer”. Considerava que, com a tal frase, ficaria demarcada a “sabedoria” e a “malícia” daquele “Netuno risonho, que comanda as águas da política brasileira”, no que estaria colaborando com a estabilidade do país. Apontava que estaria armado um “delicioso cenário”, que estimulava “os barqueiros do momento a fazerem a travessia”, todos esperando “que o tridente de Netuno lhes aponte o caminho, facilitando-lhes o roteiro e entregando-lhes a bússola maravilhosa”<sup>16</sup>.

Em tom jocoso, o magazine trouxe outra imaginária entrevista, desta vez com o líder político gaúcho Antônio Augusto Borges de Medeiros, cuja efígie era caricaturada na ilustração da matéria. Em seu suposto testemunho, o chefe rio-grandense garantia que haveria “sucessão presidencial, nem que seja do Getúlio pelo próprio Getúlio”, já que o mesmo estaria “com as melhores intenções”, de maneira que, “se não puder reeleger-se, como é de seu agrado, não terá dúvida em aceitar a prorrogação do mandato”. Questionado se tal ato seria “democrático”, Medeiros considerava que sim, uma vez que teria “autoridade para dizê-lo”. A esse respeito, o entrevistado explicava que “o Getúlio, procedendo dessa maneira, revela-se um discípulo à altura do mestre”, não negando que teria “cursado a escola” castilhistaborgista, já que ele próprio governara “o Rio Grande durante 25 anos”, em um quadro pelo qual “Getúlio tem

---

<sup>16</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 abr. 1937.

ainda um saldo de 17 anos a seu favor” e, como ainda “é moço, pode aproveitá-lo com a habilidade que todos lhe reconhecem”<sup>17</sup>.



Levando em conta a certa agitação que o debate sucessório estaria a trazer consigo, a *Careta* publicou um *Looping the loop* voltado à exortação pública, exclamando “Pela ordem!”:

---

<sup>17</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 1º maio 1937.

“Pela ordem”. Nesta frase incisiva e curta está todo um compêndio de ensinamentos úteis e de experiências proveitosas. De nada o Brasil precisa tanto como dessa mercadoria. A ordem é o grande sustentáculo da nossa economia, o principal fator das nossas realizações em todos os campos de atividade.

A administração que não nos houver dado outra coisa senão a ordem, já terá dado tudo.

Porque a ordem é, realmente, o elemento fundamental que o país reclama dos seus dirigentes. Não exige muito. Quer apenas ordem para viver, para trabalhar e prosperar, dentro da legenda que inscreveu na faixa branca de sua bandeira.

Deem-nos ordem que já ficamos satisfeitos com isso.

E porque não desejamos mais nada e contra nada reclamamos, temos autoridade para exigir dos políticos, que marcham e contramarcham ao sabor de suas conveniências, um pouco mais de patriotismo, a fim de que seja preservada a tranquilidade do país no delicado instante que estamos atravessando.

Façam tudo o que quiserem, mas deixem-nos em paz, abrigados de qualquer discórdia sangrenta. Poupem à nação mais uma experiência nociva e o regime de mais um atentado à sua estabilidade.

É este o voto de todos os brasileiros, na hora em que se quer acender a fogueira da sucessão.

Precisamos de ordem.

E quem diz neste momento ordem, diz juízo e diz tudo.<sup>18</sup>

A busca por informações quanto aos rumos sucessórios do país tornava-se uma pauta tão considerável, que levava o magazine a buscar qualquer fonte de informação, como chegou a apontar, em termos de pilhéria, para as entrevistas que teriam sido feitas com dois objetos intrinsecamente ligados a dois personagens relevantes da vida política brasileira de então, ou seja, colhendo “as impressões do cigarro” de Osvaldo Aranha e entrevistando os

---

<sup>18</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 8 maio 1937.

óculos de José Américo de Almeida, para descobrir “o que pensa a propósito da sucessão, das candidaturas e dos movimentos políticos”<sup>19</sup>. Ainda a respeito do processo eleitoral, a folha ilustrada discordava do grupo político sul-riograndense liderado por Flores da Cunha, que se decidira a apoiar a candidatura de Armando Sales, “formando assim, ao lado das forças políticas que se desagregam do governo federal, para apoiar um nome forma da coordenação oficiosa”, em atitude considerada como “a maior contradição a que se pode chegar, em matéria de preferências políticas”, chegando a mostrar iconograficamente o chefe gaúcho como tendo escolhido o “bonde errado”<sup>20</sup>.



<sup>19</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 maio 1937.

<sup>20</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 29 maio 1937.



O lançamento de uma candidatura considerada governista foi noticiado em mais um *Looping the loop*, que dizia “Encontrou-se o homem!”, explicitando que, “depois de uma luta surda, em que por várias vezes perigou a sorte do regime, os Diógenes modernos da política brasileira encontraram, finalmente, o homem”. Referia-se a José Américo de Almeida, estampando o seu retrato e apontando que tal “escolha apresenta aspectos muito interessantes para serem focalizados”, como o fato do mesmo ser apontado como “candidato da maioria, lançado pelas forças situacionistas”, de maneira que “a sua candidatura não tem vício de origem, porque resultou de circunstâncias imperativas e impôs-se por uma série de razões acima dos interesses partidários”. Buscava explicar que tal candidatura “surtiu de acontecimentos imprevistos, que precipitaram a solução do difícil problema, garantindo a estabilidade das instituições”. Nessa linha, considerava que tal candidato seria cercada por “uma atmosfera de imediata simpatia”, sendo arrastada “para o seu nome a solidariedade de todas as correntes interessadas na defesa dos princípios democráticos”. Frente a tais constatações, a revista refletia que ali estava “a razão por que, pela primeira vez em nossa história política, o candidato oficial passou a ser o candidato popular”, e, em seguida, eram destacadas “a figura e a obra” de Américo, as quais estariam a recomendá-lo “à simpatia pública”. Com certo entusiasmo, o periódico demarcava que, “processada dentro da ordem, a campanha presidencial de 1937 vai oferecer o primeiro exemplo de uma luta democrática por excelência, em que prevalecerá exclusivamente a vontade do povo”, já que “os candidatos

apareceram, as velas estão lançadas”, restando “ver agora quem chegará primeiro a bom porto e salvamento”<sup>21</sup>.



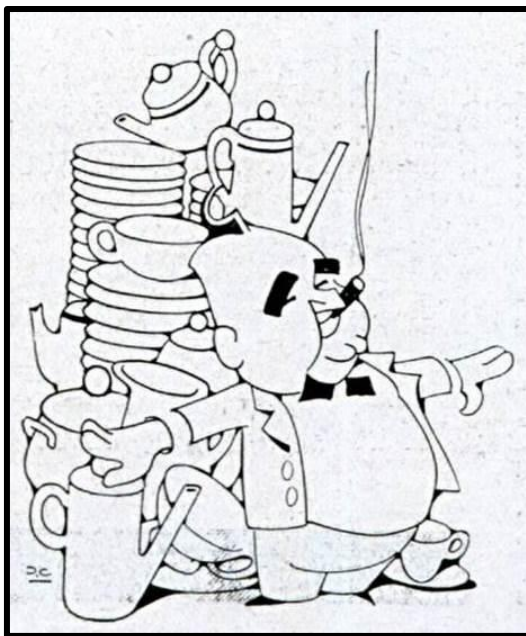
Em tom de fábula, *Looping the loop* lembrou de “O pulo do gato”, referindo-se à estória na qual a onça pretendia aprender a arte de pular com o gato, buscando realizar uma conexão entre a “historieta antiga e o quadro atual da política rio-grandense”. Segundo o semanário, Vargas ensinara “aos seus correligionários”, ao longo de oito anos, “os seus pulos e acrobacias, inclusive a ginástica de ficar parado, para melhor defender-se”, ao passo que Flores da Cunha, que teria frequentado “com assiduidade a sua escola, parece ter assimilado todas aquelas artes, inclusive a de *não querer brigar*”, restando a dúvida se ele teria aprendido a do “pulo do gato”, que seria “na história dos homens, como no folclore, o elemento que decide as questões”<sup>22</sup>. Em outra

---

<sup>21</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1937.

<sup>22</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 12 jun. 1937.

crônica editorial, Vargas era mais uma vez o protagonista, sendo elogiado em “suas qualidades políticas”, como no caso do “bom humor com que encara os homens e os acontecimentos”. Nesse sentido, diante de uma certa pressão por uma posição oficial do Presidente quanto à candidatura de José Américo, ele teria se limitado a dizer que ficaria “dentro do seu posto para defender as porcelanas” e era desse modo que aparecia a sua representação caricatural, acompanhada do elogio por sua postura, no sentido de colocar-se na defesa das instituições, “em face das competições que agitarão o Brasil na quadra que vamos entrar”<sup>23</sup>.



<sup>23</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 19 jun. 1937.

Trazendo uma ilustração alegórica que lembrava a tal “verdade do voto”, até então tão almejada, o magazine constatava que “a campanha presidencial, aberta com a apresentação das candidaturas” de Armando Sales e José Américo, iniciava-se “sob os melhores auspícios”. Considerava assim que “a luta pela conquista do voto promete decorrer dentro de um ambiente de serenidade, compenetradas as duas forças políticas”, que iriam “encontrar, de que uma competição eleitoral é um prélio de democracia e não um *match* de *catch-as-catch-can*”. Afirmava que “o grande receio de uma jornada política era que ela degenerasse em conflitos de ordem pessoal, apaixonando de modo violento os competidores”, lembrando que, no Brasil, “as grandes campanhas desenvolvidas em torno da Presidência da República foram espetáculos pouco asseados”. Perante tais questões, a folha demarcava que seria “justo reconhecer que as forças partidárias que se levantam para o torneio de janeiro de 1938 estão seguindo uma norma louvável, procedendo com a devida compostura e elegância”, tanto que “os dois candidatos foram os primeiros a selar o compromisso de bem viver, trocando rasgados cumprimentos antes de iniciada a luta”. Além de verificar “de lado a lado a disposição de não azedar a pugna com instrumentos de opressão e violência”, o hebdomadário previa que o governo federal não entraria “desabaladamente no mercado da sucessão”, optando por “uma imparcialidade que justifica a certeza de uma eleição limpa e digna”<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 26 jun. 1937.



Sob o título “Ideias não são metais”, mais um *Looping the loop* tecia críticas ao sistema eleitoral norte-americano, mormente no que tange às grandes somas de dinheiro envolvidas e a forma pela qual era realizada a propaganda partidária. Nessa linha defendia que na busca pelo voto, seria

justificável “uma propaganda de ideias”, a qual “os candidatos devem tirar de sua vida pública e não da caixa dos técnicos de frases feitas ou sermões encomendados”<sup>25</sup>. Tendo em vista o lançamento da candidatura integralista de Plínio Salgado e a tentativa do “maiorais do Sigma” de contar com certa aquiescência de Vargas para com tal candidato, a publicação ilustrada optou por demonstrar que não haveria um “compromisso do Presidente com a luzida corte fascista”<sup>26</sup>.

Em “Os quatro azes”, por meio do humor e do sarcasmo, o magazine avisava que, “para evitar juízos temerários”, precisaria, “com a franqueza e independência que nos são habituais, declarar categoricamente que não nos desinteressamos do problema da sucessão presidencial”, ocorrendo exatamente o oposto, tanto que teria “nada menos de quatro candidatos, cada qual com melhores títulos aos sufrágios da nação”. Nessa linha, declarava apoio a Armando Sales, a José Américo, a Plínio Salgado, mas revelava sua “predileção pelo quarto candidato, precisamente aquele que, por excessiva modéstia, não o é ostensivamente”. Desse modo, considerava que “ficam respondidas certas interpelações malévolas que temos recebido, para que nos definamos nesse magno assunto político”, tendo “como plenamente justificada nossa atitude de franco apoio simultâneo aos quatro candidatos”<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 jul. 1937.

<sup>26</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 10 jul. 1937.

<sup>27</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 jul. 1937.

A crença na disputa da vaga presidencial ainda ficava demarcada em mais uma edição do *Looping the loop*, cujo título aludia à expressão francesa que trazia por significado “cada um em seu lugar”. Segundo o periódico, “os candidatos que, em janeiro, disputarão nas urnas a direção suprema do país, divulgaram de maneira clara e ampla as diretrizes fundamentais de seus possíveis programas de governo”, por meio “de conferências, discursos, ou simples entrevistas aos jornais”. Em seguida, apontava os alicerces das campanhas de José Américo de Almeida e de Armando de Sales Oliveira, notadamente no que tange à questão educacional. Levando em conta tais exposições, a publicação carioca considerou que José Américo “andou mais junto à verdade”, até porque o mesmo “veio do povo, surgiu da multidão e sabe que o progresso do seu país depende da economia sabiamente dirigida e a cuja solução se prendem as conquistas das nacionalidades”<sup>28</sup>.

Um novo editorial denominado “Entre os dois, o coração balança”, a revista buscava demarcar sua posição frente ao processo eleitoral:

Para os grandes males, os grandes remédios, diz o velho anúncio da farmácia. Para as grandes crises, dizemos nós, grandes exemplos. E com esta máxima (...) temos riscado o rumo de nosso destino, na trepidação da imprensa brasileira.

Esse pensamento, que foi a pedra fundamental de nossa organização, tinha que nortear o nosso raciocínio para a definição de uma atitude. Era uma coisa que se impunha pelo sentido mesmo da lógica. Tínhamos que disseminar, com a nossa presença, o relevo de um exemplo claro e expressivo, aos nossos compatriotas, de tal sorte que não fosse simplesmente decorativa a nossa posição política no país. Precisávamos trazer um padrão, fixar um figurino, estabelecer um modelo, para que,

---

<sup>28</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 21 ago. 1937.

sob o espetáculo de nossos contornos e o aspecto de nossas cores, o pensamento nacional inferisse qualquer coisa de proveitoso para a sua marcha ascensional.

Com esse imenso desejo de ser útil, optamos por esta muito simples e digníssima maneira de bem viver: *Careta* possui todas as ideias e *Careta* está com todos. A nossa habilidade consiste em ficar com tudo sem guardar absolutamente nada. As ideias transitam por este semanário como caminhos em permanente encruzilhada. Encontram-se, mas não estacionam nem se assimilam: continuam o ritmo próprio, sem a mais ligeira modificação de harmonia.

E assim tem sido desde o começo e assim será até a consumação dos séculos (como se diz na Bíblia), quando as trombetas celestes atraírem os homens para os balcões imensos do juízo final, onde cada um ajustará as suas respectivas contas, dando-nos assim uma vasta folga com os entendimentos com os operários cá de casa...

Sempre confiamos na irradiação do nosso exemplo. Nunca, entretanto, imaginamos que promanasse do alto a cópia humana do nosso *modus vivendi*. (...)

Se assim fizessem todos os brasileiros, sem tomar a violência das atitudes definidas, todas as noites ao rolarmos o dial do nosso rádio, não iríamos imediatamente à procura de outra estação, desejosos de não escutar o prolongamento de sambas e marchas carnavalescas através da palavra campanuda e grave dos propagandistas políticos. E a 3 de janeiro cada um de nós, sem o incômodo auxílio dessas injeções auditivas, iria levar, talvez com muito mais consciência, o seu auxílio, num voto, para a salvação do Brasil<sup>29</sup>.

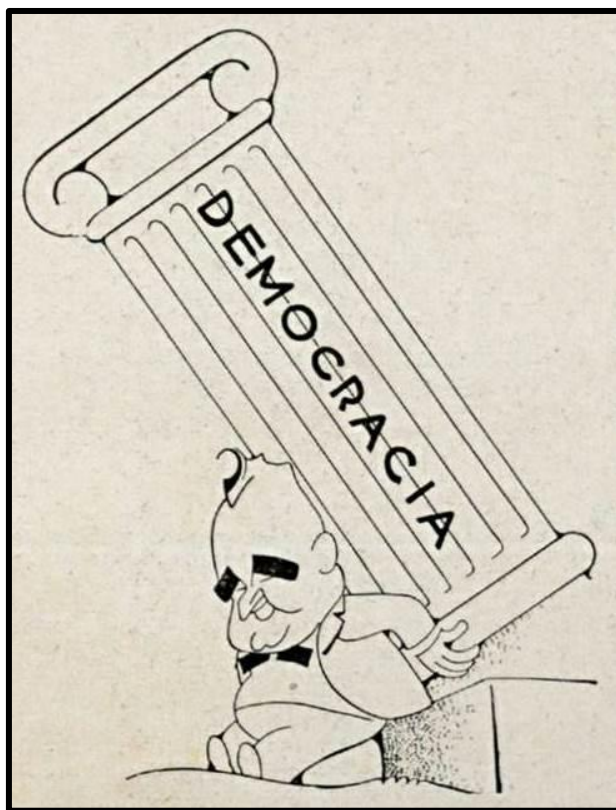
Um artigo mais uma vez elogioso a Vargas se referia à “oração de 7 de Setembro” que o Presidente proferira em tal efeméride, ilustrando a matéria caricatura na qual Getúlio sustentava a coluna da democracia. De acordo com o semanário, “o discurso do Presidente Getúlio Vargas, por ocasião das celebrações do Dia da Pátria”, teria refletido “a serenidade do homem que, nas proximidades do último marco de seu jornadaio governamental, tem a

---

<sup>29</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 28 ago. 1937.



consciência de que cumpriu o seu dever”, demarcando ainda que “essa oração, modelada em frases incisivas, revela o aprumo do pensamento e valeu como uma pública profissão de fé”. A folha descrevia que “horas terríveis viveu ele pra que o edifício da democracia não viesse abaixo, esborado”, de modo que “seu riso manso, transitando pro essas horas, teve o dom de semear a serenidade nas multidões”<sup>30</sup>.



<sup>30</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 25 set. 1937.

Em “As três rãs”, o *Looping the loop* tinha mais uma vez uma inspiração calcada nas fábulas a correspondente “advertência moralista” delas advinda. A historieta teria sido contada por Vargas a respeito de sua terra fronteiriça em que um camponês encontrou um comprador de rãs, garantindo-lhe que obteria muitas delas, mas, na hora da venda, surgiu apenas com três, explicando que “elas faziam um barulho louco, mas no fim das contas eram só três... três apenas”. Segundo a folha, “alguém que ouvira a história, contou nos dedos” e fez uma relação com os tantos nomes que haviam sido cogitados para candidatar-se à Presidência, dos quais só restara José Américo, Armando Sales e Plínio Salgado<sup>31</sup>. Os candidatos continuavam sendo o tema da “Semana política” publicada na última edição que antecedeu o golpe do Estado Novo, apontando tal seção que “começaram as inquietações políticas que determinarão uma verdadeira transformação na história atual do Brasil”. Dentre as notícias estavam a do afastamento do chefe político gaúcho Flores da Cunha, a das possíveis renúncias à candidatura presidencial de Armando Sales e José Américo, a da continuidade de Plínio Salgado no páreo eleitoral e até a do surgimento “de um quarto candidato”, que foi identificado apenas a partir de insinuações jocosas<sup>32</sup>. Após a deflagração do golpe, o editorial não se manifestou sobre o ocorrido e a “Semana Política” foi vaga quanto ao processo sucessório, havendo apenas uma indicação de uma negativa de José Américo quanto a “renunciar à sua pretensão política”<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 out. 1937.

<sup>32</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 nov. 1937.

<sup>33</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 nov. 1937.

A candidatura daquele que fazia o papel de candidato governista, José Américo ainda foi tema do *Looping the loop*, apontando que ainda haveria alguma incerteza quanto aos destinos do político. Nessa linha, a revista dizia que, “quando ele surgir de seu esconderijo, talvez que o romance atual da política brasileira esteja no seu epílogo”, podendo ser que o mesmo viesse a colocar “na última página desta série palpitante de nossa história, a tranquilidade que traz, em todos os livros de enredo difícil, o monossílabo – fim”, ou ainda poderia revelar “o final costumeiro dos romances em folhetim – continua”<sup>34</sup>. O silêncio que recaiu sobre o jornalismo brasileiro ficava expresso *Looping the loop* editado em 1937, que fazia uma comparação entre a análise de uma criação dramaturgica e a da conjuntura nacional. Na concepção do periódico, no Brasil fora “escrita uma notável peça política, cuja apreciação, se não chegou a variar de indivíduo a indivíduo, variou, pelo menos, de agrupamento a agrupamento”, de maneira que fora “vista por uns segundo o ângulo visual do interesse pessoal, por outros segundo ideias preconcebidas de organização social” e, “por outros, segundo uma concepção particular do caso brasileiro”. Em resumo, demarcava que “a peça determinou em alguns uma espécie de sideração, em outros surpresa, em outros euforia”. Com cautela, expressava que, “vazada em molde inteiramente novo para o nosso ambiente, a peça, no primeiro momento, quase não pode ser discutida”, pois “a discussão dependia de certa coordenação de ideias, impossível de improvisar-se”, em um quadro pelo qual seria “melhor que

---

<sup>34</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 nov. 1937.

as discussões sejam sóbrias” e “as opiniões não devem preceder, e sim seguir-se à observação”<sup>35</sup>.

Assim, as apreciações textuais da *Careta* a respeito do cenário político brasileiro do ano de 1937 acompanharam *pari passu* o processo eleitoral que marcava a sucessão presidencial. Em um primeiro momento, surgia a dúvida se haveria realmente o movimento sucessório ou se ocorreria uma continuidade no poder com Getúlio Vargas. Ao mesmo tempo era cogitadas várias candidaturas em potencial, levando em conta alguns dos protagonistas da vida política de então. Após estarem consolidadas as três candidaturas, o semanário inclinou-se ainda que levemente para o candidato governista José Américo de Almeida, sem realizar críticas mais veementes ao opositor Armando de Sales Oliveira e pouquíssimas vezes se referir ao integralista Plínio Salgado, além de, por mais de uma vez, se referir a um enigmático “quarto candidato”. Finalmente, estabelecido o Estado Novo, o tema sucessório se esvaeceu rapidamente, como se não tivesse chegado a existir, em um contexto no qual o editorial *Looping the loop* não mais abordou temáticas abertamente políticas e a seção “Semana política” deixou de ser editada naquele final de ano. Eram os efeitos do fechamento que marcaria o país, com uma prática governamental acirradamente coercitiva, repressiva e censória.

---

<sup>35</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 25 dez. 1937.

# CONCEPÇÕES CARICATURAIS

A arte caricatural foi uma das marcas registradas nas edições da *Careta*, notadamente ao abordar os temas de natureza política. A caricatura expressa em traços, sinais, desenhos, a natureza crítica, tornando-se capaz de elaborar e celebrar, com manchas sumárias, figuras, para cuja fisionomia contribui de forma grotesca, burlesca ou simplesmente ridícula<sup>36</sup>. Tal arte consiste em apreender um movimento, por vezes imperceptível, e torná-lo visível a todos os olhos, aumentando-o, de modo que leva os seus modelos a fazerem caretas como eles próprios as fariam<sup>37</sup>. Na caricatura, podem ser encontrados lado a lado, o comentário a um grande acontecimento político ou a figuras destacadas da sociedade, trazendo igualmente a piada acerca de uma qualquer figura popular<sup>38</sup>. Em meio aos imaginários de finalidade lúdica ou militante, associada ao humor, a caricatura aparece predisposta a pelejar por objetivos nitidamente formulados e por causas bem determinadas<sup>39</sup>. Ela veio a consolidar-se estabelecida como uma das formas de expressão da imprensa, no momento em que o caricaturista registra o momento histórico e o fato político significativo do

---

<sup>36</sup> BAHIA, Juarez. *Dicionário de jornalismo*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 64.

<sup>37</sup> BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do cômico*. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. p. 31.

<sup>38</sup> MORAIS, Fernanda Borges Ferreira; MAGALHÃES, Maria Benedita Cabral de & MORAIS, Maria José da Silva. *A caricatura: um recurso educativo nas aulas de História*. Lisboa: Associação de Professores de História, 1996. p. 6.

<sup>39</sup> HOMEM, Amadeu Carvalho. Riso e poder: uma abordagem teórica da caricatura política. In: *Revista de História das ideias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. v. 28, p. 742-743.

dia"<sup>40</sup>. Ao longo do ano de 1937, o magazine carioca, por meio da expressão caricatural, refletiu acerca do ambiente político brasileiro de maneira recorrente, com ênfase ao processo que marcou a sucessão presidencial.

Levando em consideração as negociações de paz realizadas na capital argentina, o periódico trazia o chanceler brasileiro, Mário de Pimentel Brandão, e o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Osvaldo Aranha, em trajes de gala, orgulhosos pelos resultados em torno da consolidação da paz, eram cobrados pelo Zé Povo – representação do povo brasileiro – quanto ao fato de que tais autoridades públicas deveriam começar seus trabalhos pela pacificação interna, em alusão à necessidade de manter a estabilidade do país. A constante presença de Getúlio Vargas nas caricaturas da revista já se dava na primeira edição do ano, com o Presidente atravessando uma enorme rocha com uma fenda no meio, representando a oposição, demonstrando a facilidade com a qual ele teria para conviver com a oposição<sup>41</sup>. Na capa do semanário, frente aos retratos de vários possíveis postulantes ao cargo presidencial, uma mulher se oferecia para ajudar Vargas na tarefa de escolher um candidato, agindo como uma Wallis Simpson, que exercera papel preponderante nos caminhos da sucessão britânica. Outros possíveis candidatos apareciam trazendo os produtos típicos de seus Estados, ao que o Zé Povo dizia saber que ele ficaria com o ônus das despesas<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> LUSTOSA, Isabel. Humor e política na Primeira República. In: *Revista USP*, set., out. e nov. 1989, p. 64.

<sup>41</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 2 jan. 1937.

<sup>42</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 jan. 1937.



**A LOGICA DOS SIMPLES**

Foram representar o Brasil na Conferencia da Paz, em Buenos Aires, o ministro do Exterior e o nosso embaixador nos Estados Unidos. — (Dos jornaes).

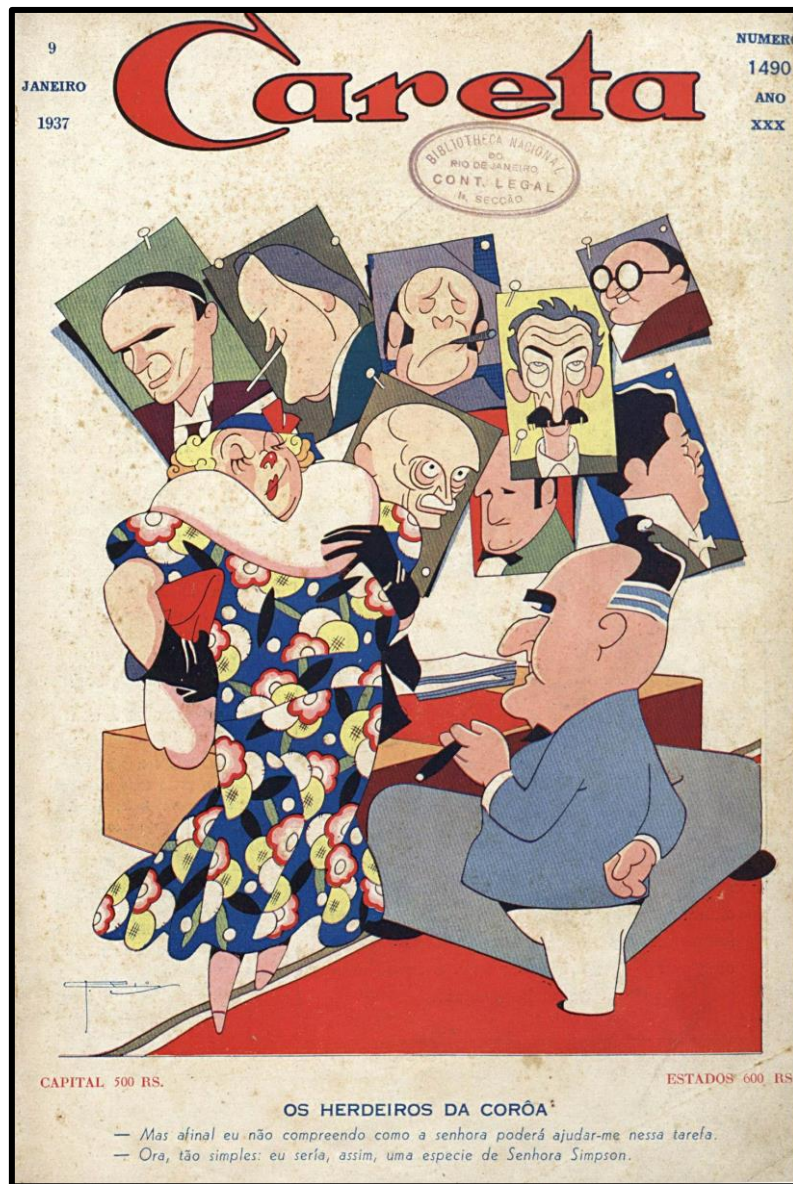
OS DOIS — Zé, conseguimos consolidar a Paz!

ZE' — E' pena que Vosmecês não começassem por casa!

2—4—1937









A possibilidade de reeleição de Getúlio Vargas foi vetada Superior Tribuna Eleitoral, aparecendo o Zé Povo diante de um juiz de tal corte, estranhando que ele ainda estivesse vivo, ou seja, com uma atuação mais marcante, que não

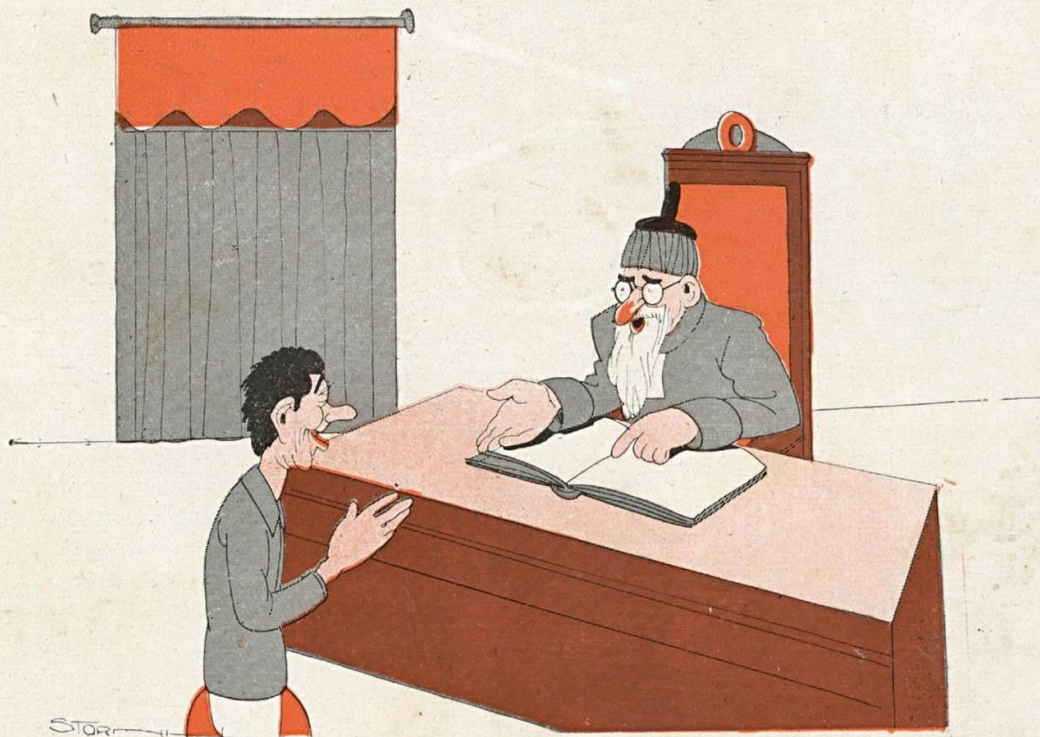
ocorrera até então. Em outra caricatura, os políticos chegavam a realizar uma sessão espírita para descobrir os destinos eleitorais do país, desenho acompanhado pela tradicional expressão comtiana sobre os mortos governarem os vivos, além da constatação da folha quanto a pouca qualidade dos possíveis presidenciáveis, não podendo nenhum “ser considerado do outro mundo”, ou seja, não teriam as qualidades devidas para o cargo pretendido. A partir da representação da tradicional passagem de ano, com o surgimento da criança que simbolizava 1937, o velho que designava 1936 encontrava-se caído, havendo o aviso do símbolo do tempo de que fora ele que derrubara o ano findo e não Getúlio Vargas. Perante as pretensões do líder gaúcho Borges de Medeiros no que tange à Presidência, um repórter dizia-lhe que não se apresentasse candidato, pois o povo não aguentaria mais um governo de um quarto de século, em referência ao longo período que o político rio-grandense permanecera no poder. A sucessão à coroa britânica voltava à baila, com o aviso do Zé Povo de que, caso vagasse mais uma vez o trono, no Brasil haveria um “topa tudo” pronto a assumir o cargo, levando em conta o nome de Getúlio Vargas<sup>43</sup>. A disputa pela cadeira presidencial chegou a ser comparado a uma “pescaria”, com um possível candidato apressando-se para preparar os anzóis. Tomando por exemplo o caso suíço, dois indivíduos conversavam sobre a possibilidade da adoção do sistema de reeleição no Brasil, ao que um deles reagia, dizendo que mesmo sem tal dispositivo, alguns candidatos brasileiros poderiam ser “bigodeados”, ou seja, encanados ou logrados, a partir das pretensões de Vargas<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 jan. 1937.

<sup>44</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 16 jan. 1937.

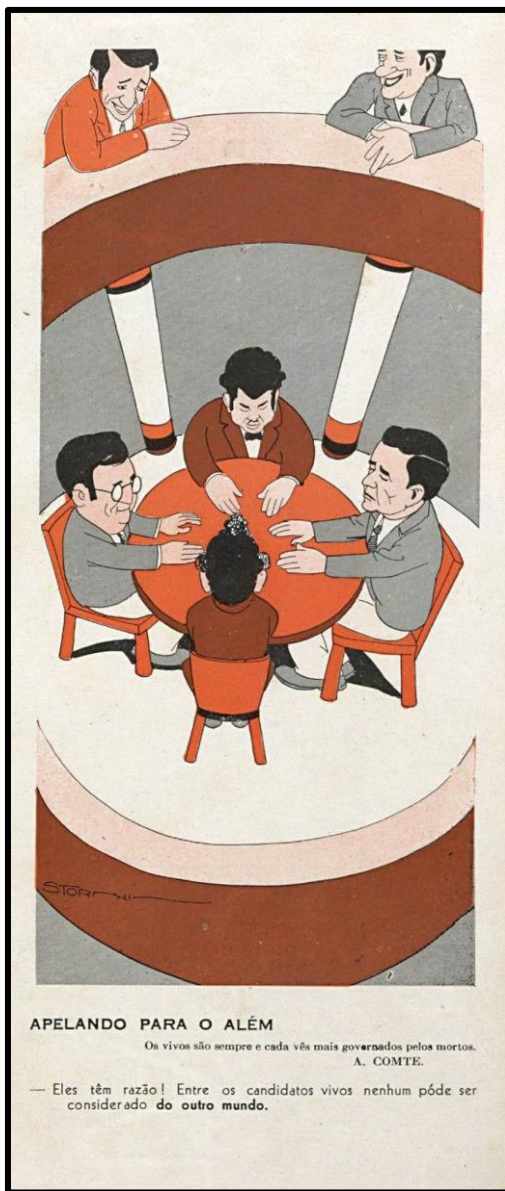
26



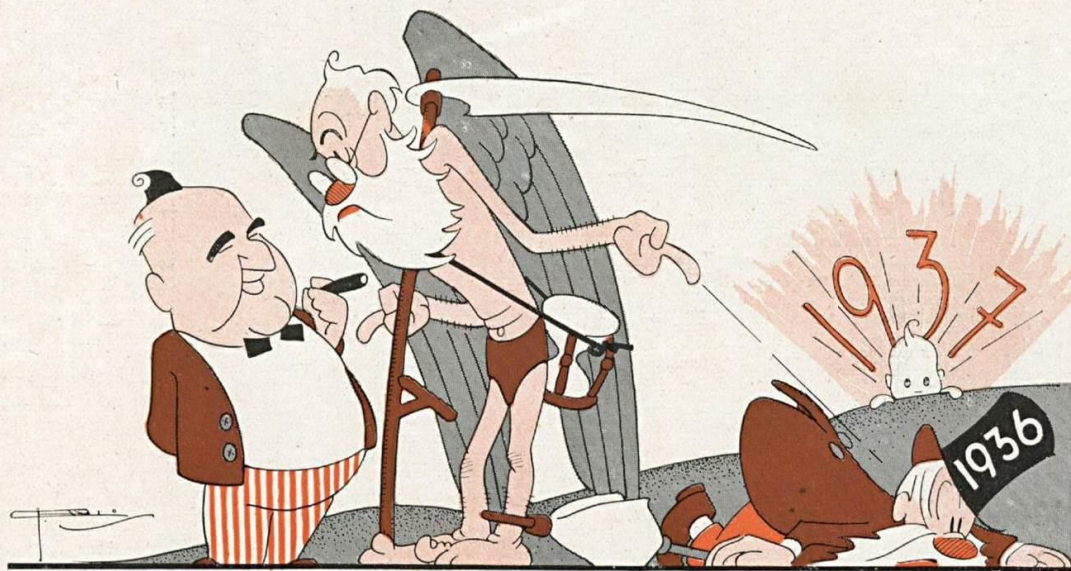
**CASO ESPANTOSO! . . .**

O Superior Tribunal Eleitoral declarou inelegível o atual Presidente da Republica.  
(Do noticiário)

ZE' — Uê! Ocê inda tá vivo? Pois olhe: p'ru muito menos tem muita gente enterrada...



30

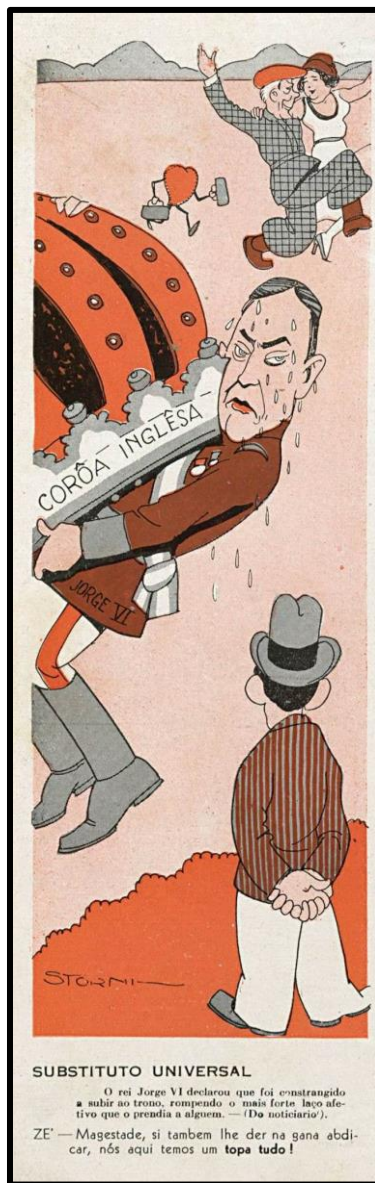


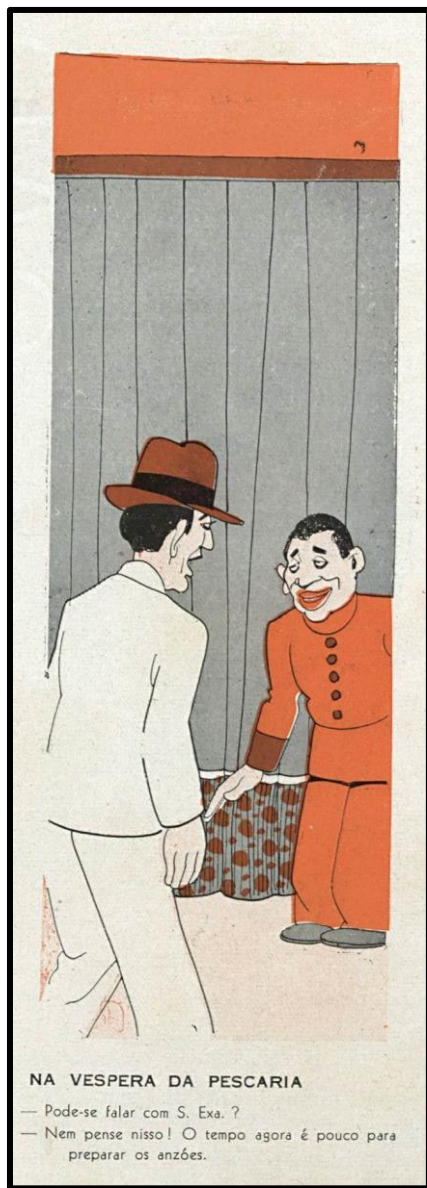
A Queda DO ANO VELHO

○ TEMPO — É bom não confundir. Quem lhe deu o tombo fui eu.











Brincando com o nome de um postulante, a revista constatava que Armando de Sales Oliveira teria deixado seu cargo para concorrer à Presidência,

aparecendo a figura do político carregando um pássaro que dizia não ser conduzido e sim atuando como um condutor, havendo também a presença do Zé Povo, que recomendava cuidado para aquele, pois seria melhor conservar um pássaro na mão do que “muitas águias voando”, em alusão às pretensões do paulista em ocupar o Palácio do Catete – símbolo do poder presidencial – também conhecido como Palácio das Águias, tendo em vista as aves que adornam a parte frontal do prédio. O mesmo tema retornava na caricatura intitulada “Tempo incerto”, na qual um homem no alto de um morro era questionado acerca das condições climáticas, ao que ele respondia que estaria se “armando chuva”, em referência mais uma vez ao candidato Armando de Sales. Sobre a notícia de que o político gaúcho Lindolfo Collor se disfarçara de mulher para poder viajar sem ser reconhecido, dois Jecas – outra representação do povo brasileiro – faziam troça quanto ao sul-rio-grandense, que aparecia pilotando um avião identificado com a política<sup>45</sup>. Mais uma capa do magazine trazia várias “pequenas notícias” interpretadas pelo prisma da pilhéria, sendo uma delas referente ao futuro papa ser italiano, informe que servia para exultação de Getúlio Vargas, por estar “aberto um precedente”, em relação à sua permanência no poder. Na frente da casa parlamentar, dois indivíduos comentavam sobre a troca da estátua de Tiradentes por a de uma vaca, em alusão à intenção dos políticos de estarem sempre ávidos por mamar nas tetas da nação<sup>46</sup>.

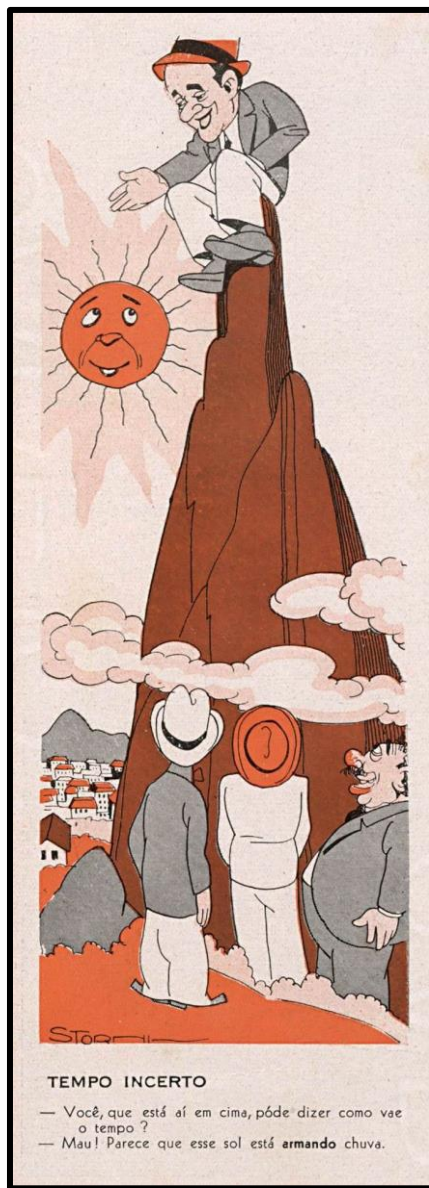
---

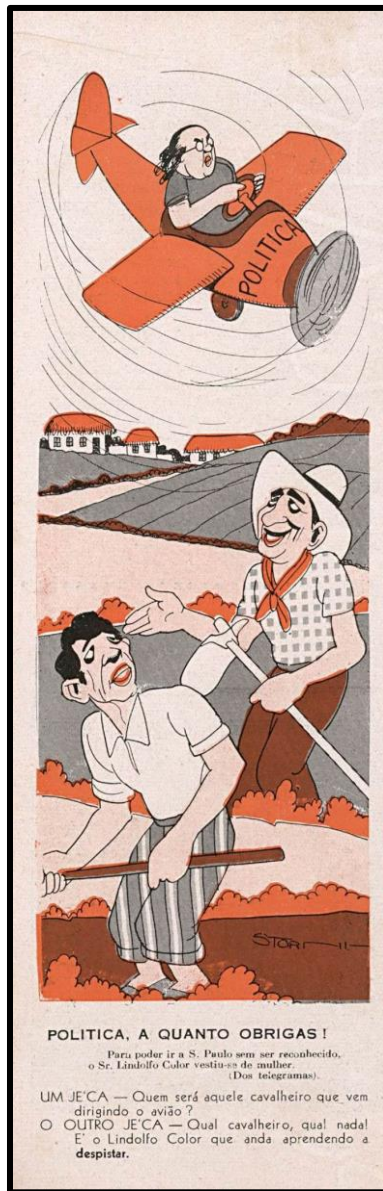
<sup>45</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 16 jan. 1937.

<sup>46</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 23 jan. 1937.

A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937







23  
JANEIRO  
1937

NUMERO  
1492  
ANO  
XXX

BIBLIOTHECA NACIONAL  
DO RIO DE JANEIRO  
CONT. LEGAL  
SECCÃO

# Careta

## Pequenas notícias

— Magnifico! Está aberto um precedente.

A Justiça sonolenta quando chega, os heróis já viraram pó.

— "Friquez, compra gamisa barata?"

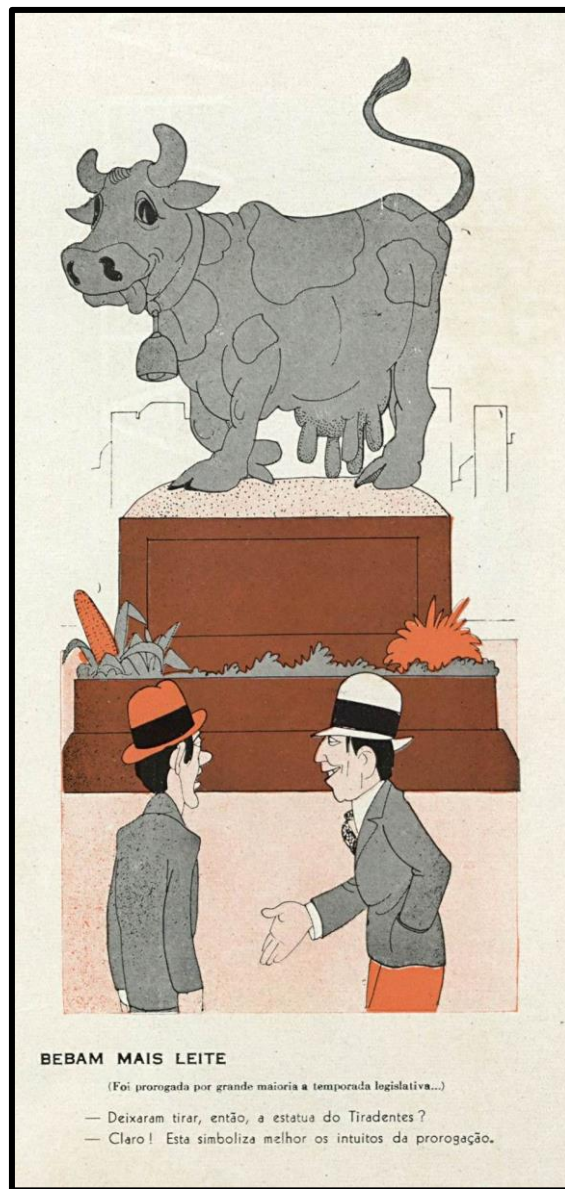
Em Madrid uma bomba matou uma mulher que queria o mendigo.

Papai Noel não dá brinquedos para quem não pediram.

Inaugurou-se o Abrigo Redentor. O ultimo mendigo vai "retirar do banco os seus fundos".

CAPITAL 500 RS. ESTADOS 600 RS.





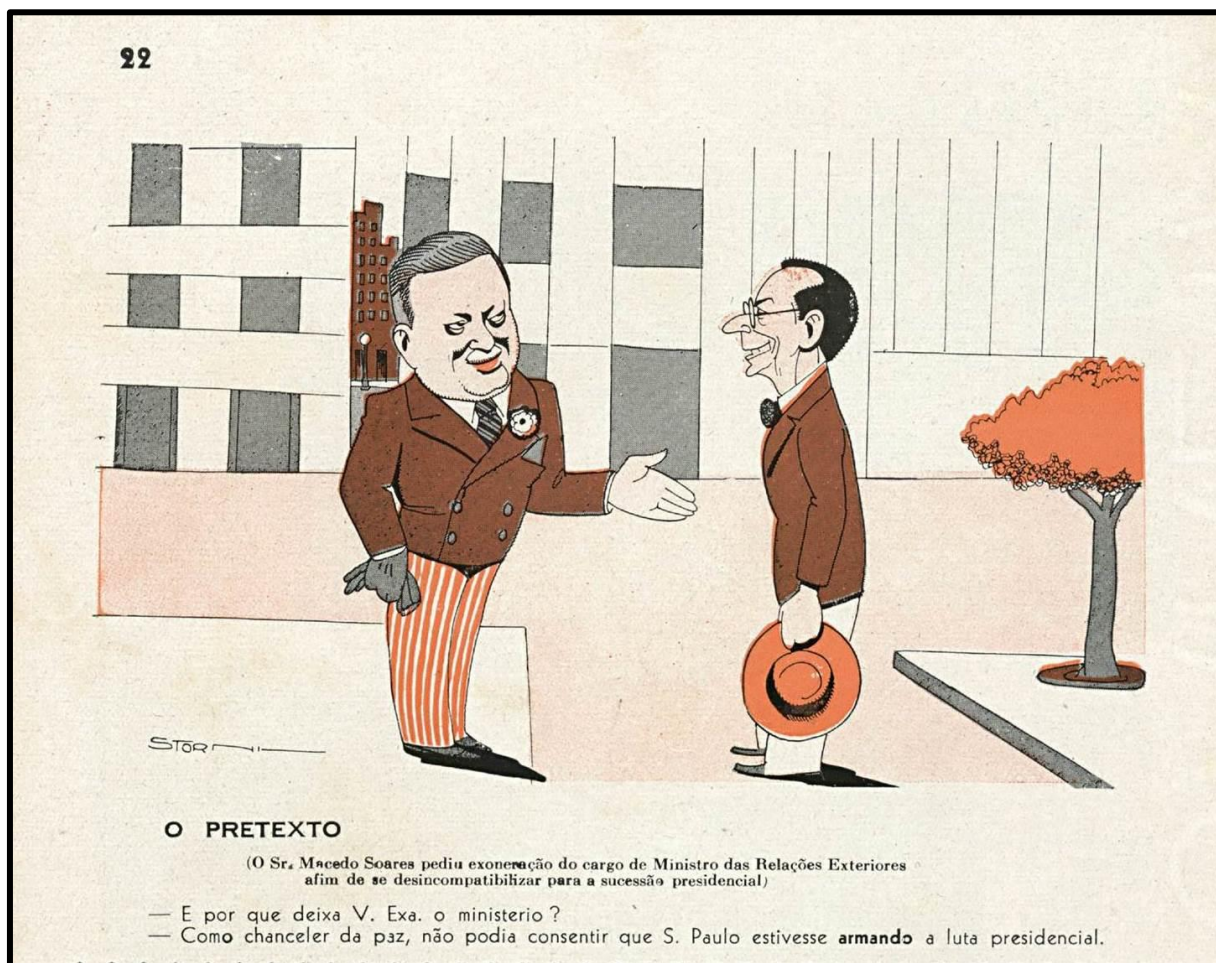
Outro possível candidato, José Carlos de Macedo Soares, teria se exonerado de seu cargo público para poder concorrer e enfrentar Armando Sales, de modo a impedir que “São Paulo estivesse armando a luta presidencial”, mais uma vez gracejando com o nome do político paulista. Mediante o apelo de alguns companheiros ao Zé Povo de que ele deveria acordar para tratar da sucessão presidencial, ao que ele se mostrava pouco interessado, privilegiando seus interesses no jogo do bicho. Ao frequentar uma cartomante, uma mulher queria descobrir que seria “o homem”, obtendo por resposta uma referência ao possível candidato à Presidência, tendo de vir a esclarecer que seu interesse era acerca de um pretendente a casar com ela<sup>47</sup>. A capa da *Careta* realizou uma verdadeira síntese das práticas políticas getulistas, com o Presidente da República colocando várias cascas de banana no caminho do Palácio dos Catetes, argumentando que não havia necessidade de colocar cerca de arame farpado para impedir acesso ao prédio governamental, bastando espalhar aquele tipo de obstáculo, que serviria para fazer possíveis concorrentes escorregarem antes de chegar ao Palácio das Águias<sup>48</sup>. O processo eleitoral brasileiro também vinha à baila, em caricatura que trazia um jogo de palavras entre a altura física e cívico-moral do candidato que se apresentava como representante da oligarquia paulista, Armando de Sales Oliveira, o qual era interpelado pelo Jeca, quanto a estar ou não “à altura do cargo”<sup>49</sup>.

---

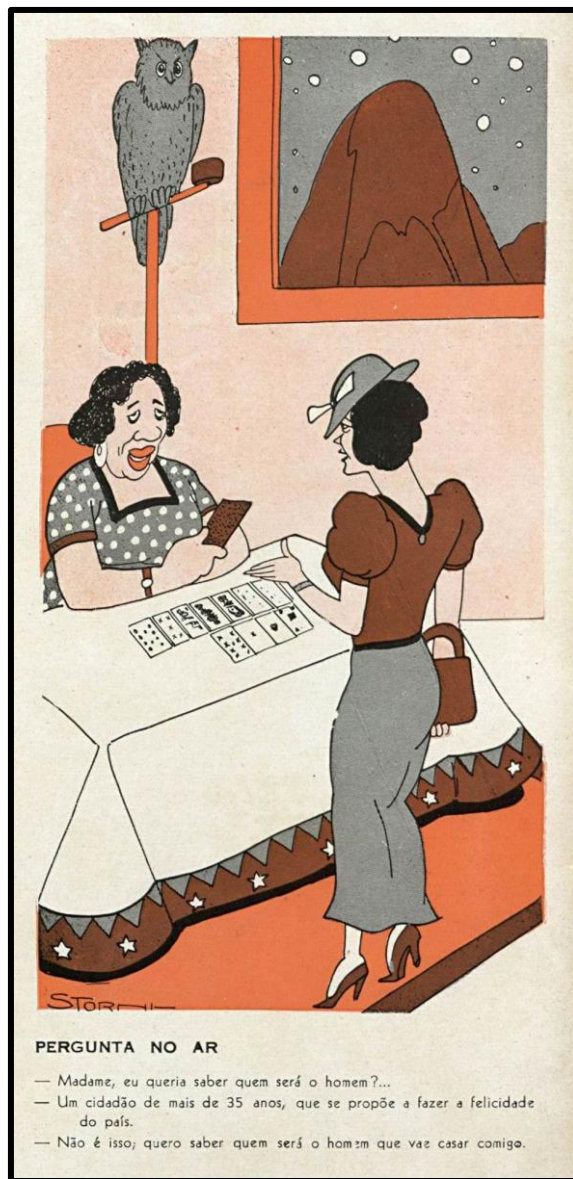
<sup>47</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 23 jan. 1937.

<sup>48</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 30 jan. 1937.

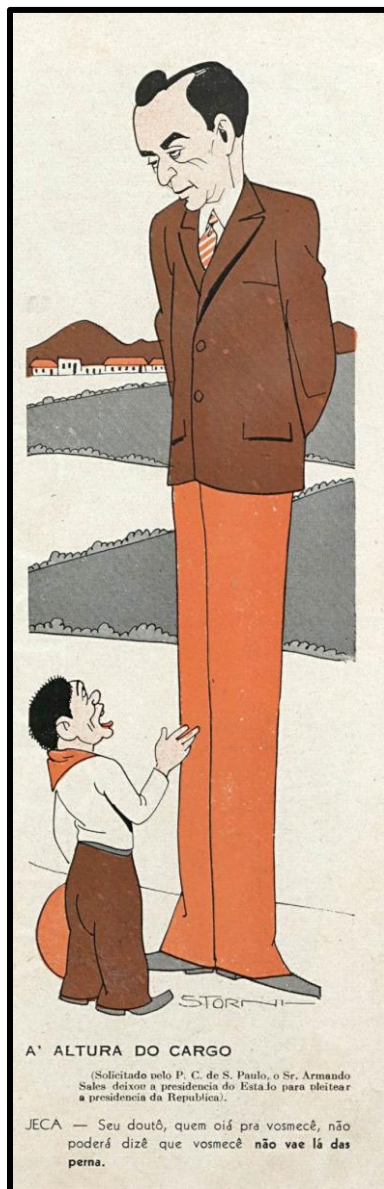
<sup>49</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 fev. 1937.











A conjuntura política nacional foi também expressa por meio de um tabuleiro de xadrez, representando a sucessão brasileira à Presidência da República, frente ao qual uma figura feminina, cujo avental identificava-a com a política, buscava acordar o “Zé-povinho” que, em plena festividade de carnaval, encontrava-se ébrio, sonolento e ainda com suas indumentárias e apetrechos típicos daquela época do ano. A “política” lembrava ao povo que o seu destino estava em jogo nas disputas daquele tabuleiro político, ao que ele respondia, meio grogue, com outra pergunta, ou seja, se ela se referia ao tabuleiro da baiana, em bem maior consonância com o espírito festivo de Momo. O ministro Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, cujo nome era tratado com um trocadilho, na forma de um gracejo, aparecia rebatendo as acusações que recebera do deputado federal Adalberto Corrêa, frente a uma figura feminina que representava a Câmara dos Deputados e tendo às costas outra alegoria feminil – portando uma balança moderna, sem ser cega, como nas representações tradicionais, pois tinha apenas um dos olhos cobertos – simbolizando a Justiça, em alusão à fala do Zé Povo, segundo a qual o homem público estaria trabalhando “para obter justiça”<sup>50</sup>. Outra ilustração apresentava uma analogia entre a política internacional e alguns costumes atribuídos aos brasileiros, de maneira específica quanto a uma certa despreocupação no que se refere às dívidas, em cena na qual, sob o título “A balbúrdia”, dois homens conversavam, enquanto uma velha senhora, que representava a Sociedade das Nações, mexia no calendário<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 fev. 1937.

<sup>51</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 fev. 1937.



A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937





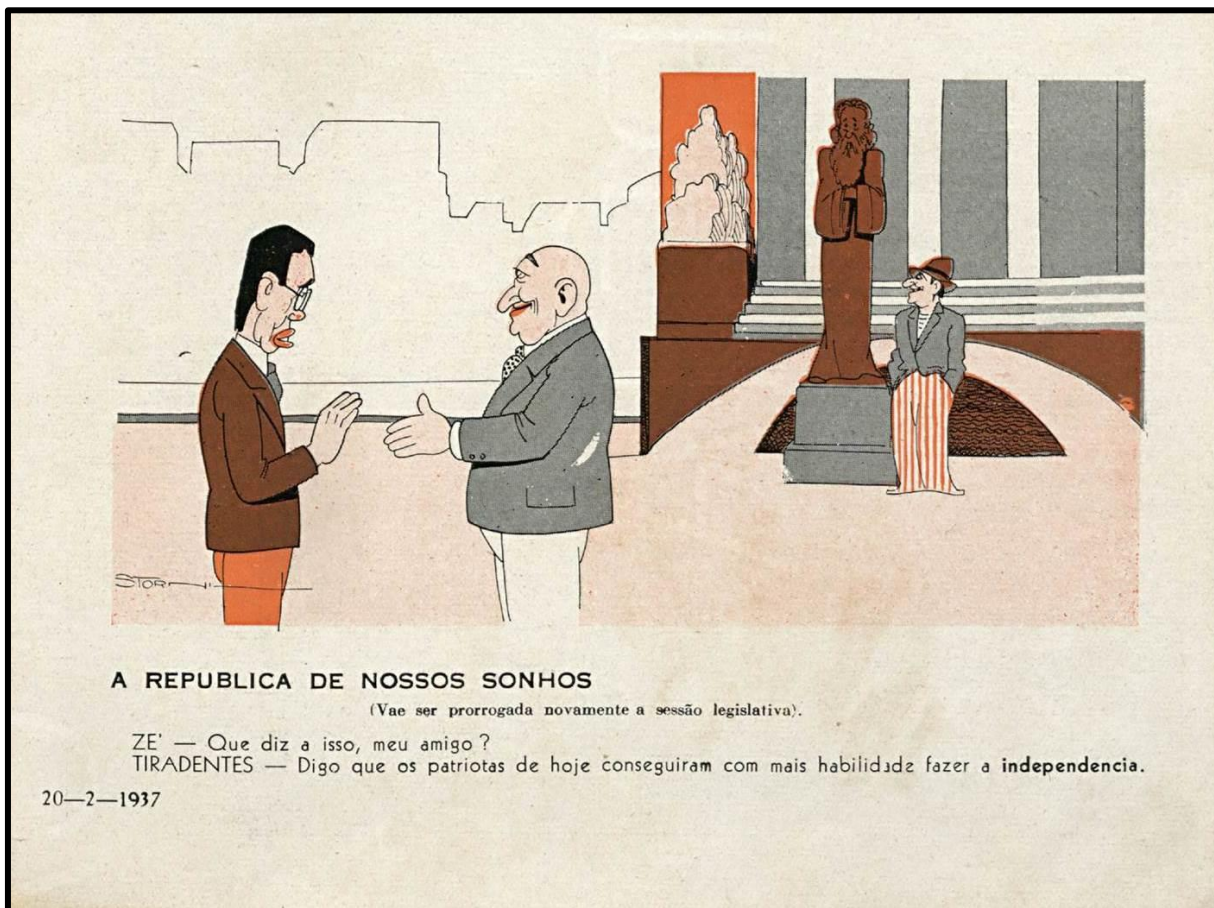


A respeito de mais uma prorrogação da seção legislativa, que significava mais subsídios financeiros para os deputados, o Zé Povo aparecia jocosamente mantendo uma conversa com a estátua de Tiradentes, a qual comentava que a partir de tal dispositivo os parlamentares estariam contribuindo para a construção da “independência”, mas, no caso, a financeira de cada um deles, e não a do país. Em mais uma manifestação da arte caricatural, ficava sintetizada a vida política brasileira de então, aparecendo um indivíduo se deparava com um vaso identificado com o Rio Grande do Sul, no qual, entre as flores, uma aranha tecia sua teia, constituindo uma alusão direta às intenções da oligarquia gaúcha de planejar sua permanência no poder, em detrimento dos interesses do paulista Armando Sales<sup>52</sup>. A última edição da *Careta* referente a fevereiro de 1937 foi bastante incisiva em termos da discussão da situação política nacional. Já na caricatura da capa, intitulada “A lição de pescaria”, Getúlio Vargas aparecia dando instruções que seriam ruins para dois possíveis candidatos à sucessão, pois, no desenho, o Presidente aconselhava o político que iria lançar o arpão, buscando acertar o outro que se encontrava nas águas, metamorfoseado em peixe, que amarrasse bem a corda na sua própria perna, de modo a haver maior resistência, em um quadro pelo qual, um dos políticos acabaria sendo abatido pelo arpão e o outro poderia afogar-se ao cair na água, ambos resultados favoráveis à continuidade de Vargas<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 fev. 1937.

<sup>53</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 fev. 1937.







Na continuidade da edição final de fevereiro, o caráter enigmático de Vargas, como um sinônimo de busca por continuidade no cargo, tentando eliminar possíveis concorrentes, era reforçado através de caricatura, em desenho no qual, desta vez era o próprio Presidente que, em um barco, de arpão à mão, buscava alvejar um candidato, metamorfoseado em peixe, enquanto, à margem, o “Zé-Povinho”, com um chapéu de papel à cabeça, identificado com a *Careta*, confirmava a perspectiva de que Getúlio Vargas pretendia arpoar o possível adversário, frente ao que a representação do “povo” constatava que o Presidente estaria “há muito tempo” preparando a sua “fisgadela”. A outra designação do povo brasileiro, o Jeca, recomendava que Vargas tivesse cuidado com a incidência da luz solar, enquanto tentava atravessar o caminho em uma corda bamba. Em mais uma ilustração cômica, o Zé Povo fazia troça com outro potencial candidato, Osvaldo Aranha, quanto à sua afirmação de que não precisaria ser um gênio para governar o Brasil<sup>54</sup>. Uma outra caricatura trazia Getúlio Vargas amarrado a um poste, enquanto era cercado pelos seus possíveis assessores, que, como indígenas antropófagos, estariam prontos a devorá-lo, surgindo o comentário do Jeca quanto à frase do político gaúcho acerca de inimigos e amigos. Em “Quitute difícil”, a opinião pública, representada por uma mulher, perguntava sobre os destinos da sucessão presidencial, ao que seu interlocutor, cozinhando as candidaturas em um caldeirão, revelava a atitude de procrastinação do processo, com certos candidatos tendo sido “queimados”, ao passo que outros, estariam sendo cozidos em água fria<sup>55</sup>.

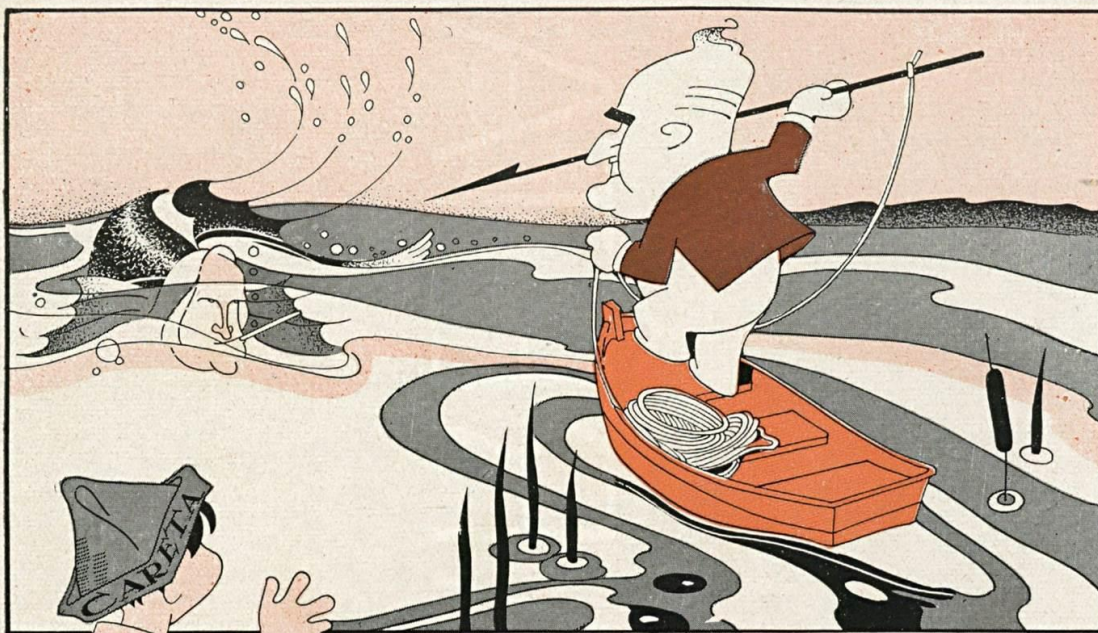
---

<sup>54</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 fev. 1937.

<sup>55</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 mar. 1937.



18



**CANDIDATO... A PIRARUCÚ**

— Quem não viu que vosmicê ha muito tempo anda ageitando essa "fisgadela"?

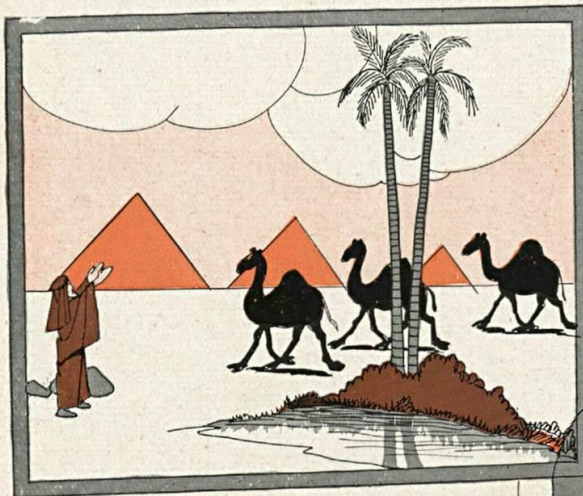


**OS MINUTOS DIFICEIS**

JE'CA — Cuidado com esse sol poente. E' muito traiçoeiro. Pro causa dele o outro se estrepou todo.

27-2-1937

34



### A RAZÃO DE SER...

O Sr. Osvaldo Aranha declarou que, para governar o Brasil, não é necessário ser um gênio. — (Dos jornais).

ZE' — E' verdade que V. Ex. fez essa declaração ?

ARANHA — Sim, Zê, é verdade.

ZE' — Então, pelo que vejo, V. Ex. é mesmo candidato.





Em mais uma alusão à perspectiva da continuidade, Getúlio Vargas observava seu próprio reflexo no espelho, imaginando a existência de um

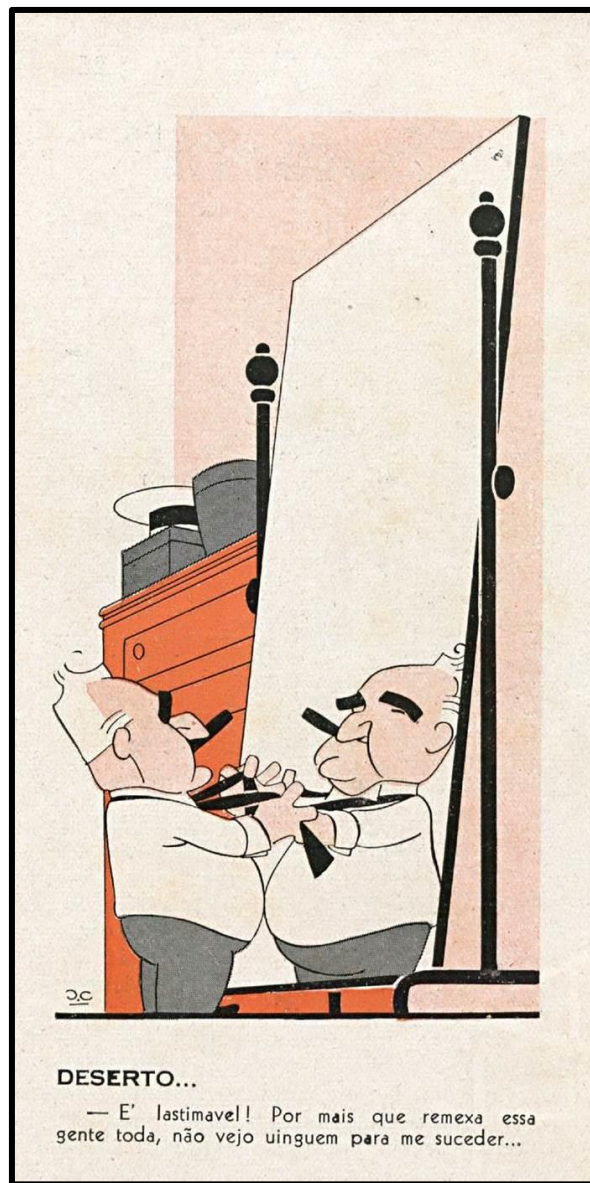
“deserto”, sem que pudesse encontrar alguém para sucedê-lo. A conversa entre os ministros Osvaldo Aranha e Macedo Soares girava em torno da existência de pelo menos dez presidenciáveis, com a certeza de que dois seriam eles próprios. A disputa por espaço eleitoral no que tange à sucessão presidencial chegou a ser comparada a uma luta de capoeira entre Macedo Soares e Armando Sales<sup>56</sup>. Vargas aparecia também como um “mestre”, que ensinava “lições de vida prática” para quase uma dezena de potenciais candidatos, orientando-os sobre postura, de modo a não virem a ser confundidos com fascistas ou comunistas. Em conversa nas ruas, dois indivíduos constavam que “as palavras escondem os pensamentos”, discorrendo sobre declaração de Vargas de que o “caso de candidaturas” tratava-se de um “boato”, e chamando atenção para as falas de duplo sentido do Presidente<sup>57</sup>. A ambiguidade de Getúlio Vargas era apresentada também em um diálogo que constatava os despistes do mandatário, ao levar para uma arma de fogo para pescar e um vara de pesca para caçar. Enquanto os políticos esforçavam-se para erguer a sua “igrejinha”, em referência aos conluíus e tramoias, Jeca perguntava o que o Presidente faria frente a tal ação, ao que ele respondia que colaboraria com a dinamite, ou seja, para destruir as pretensões daqueles. Levando em conta as diversas viagens de Osvaldo Aranha por diferentes localidades brasileiras, em prenúncio de sua campanha, levando em conta o “labirinto da política”, o Jeca estranhava as dificuldades do gaúcho em encontrar seu caminho para a capital estadunidense, de modo a exercer suas funções diplomáticas<sup>58</sup>.

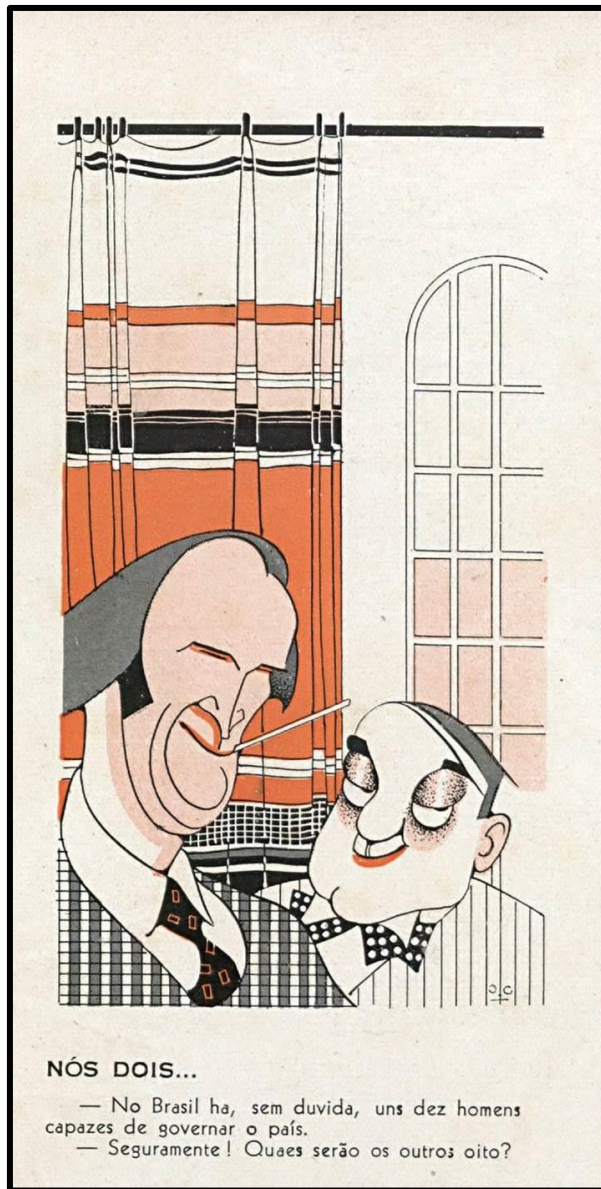
---

<sup>56</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 mar. 1937.

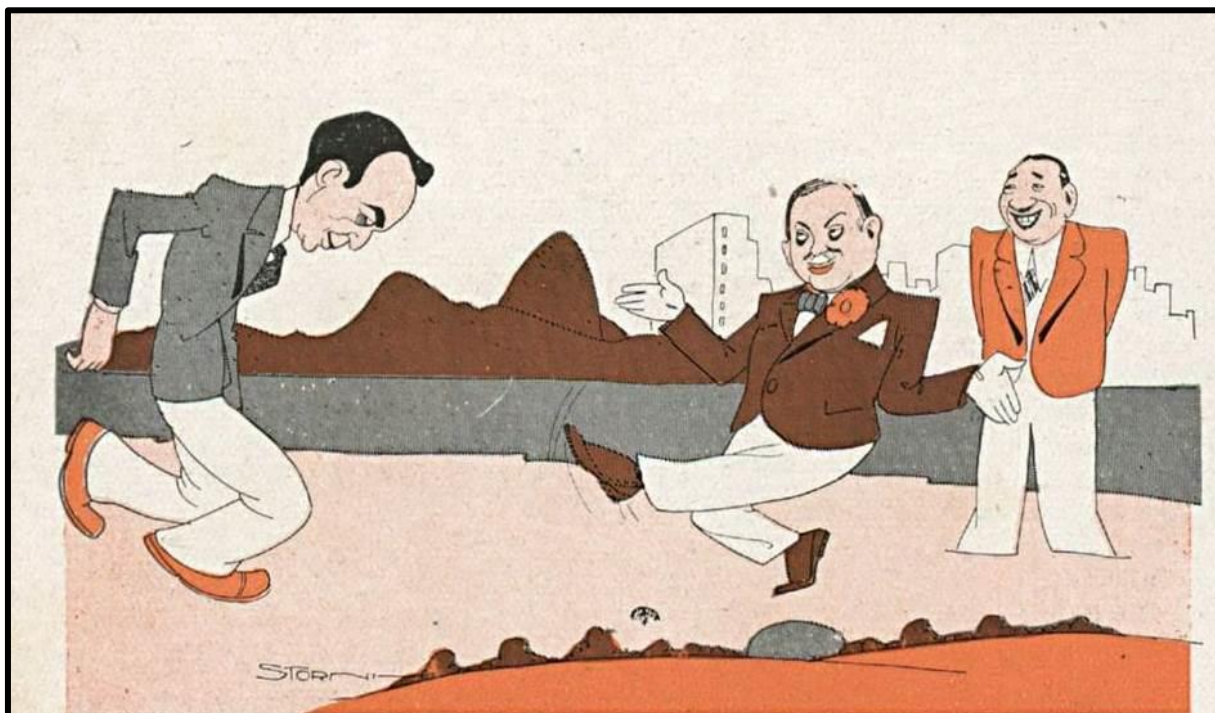
<sup>57</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 mar. 1937.

<sup>58</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 mar. 1937.



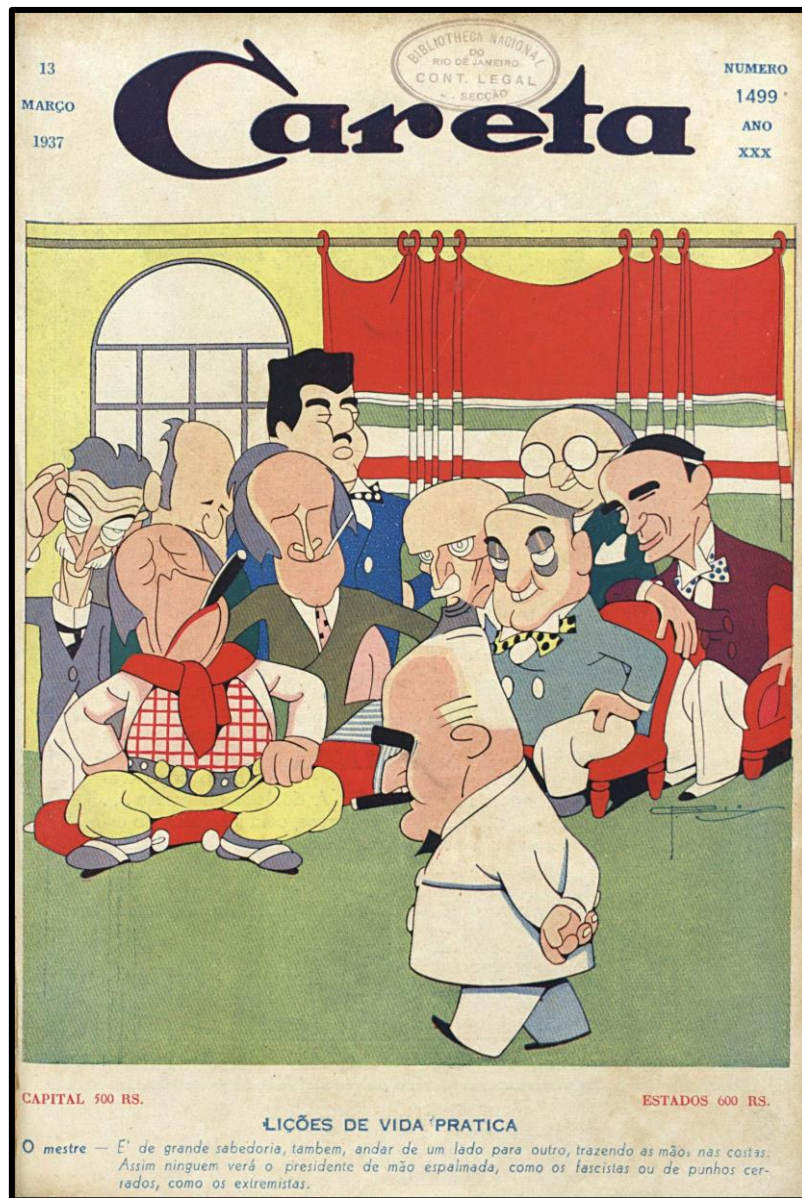


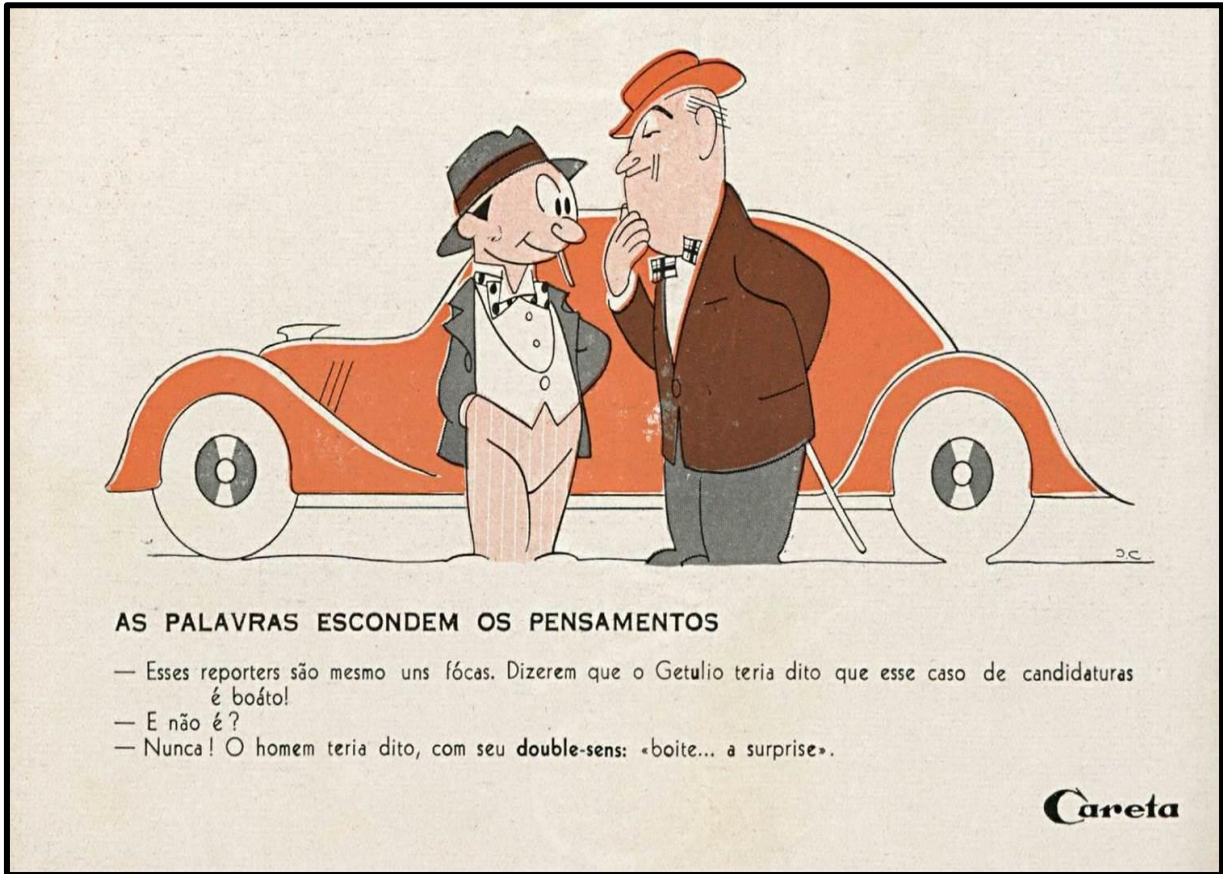


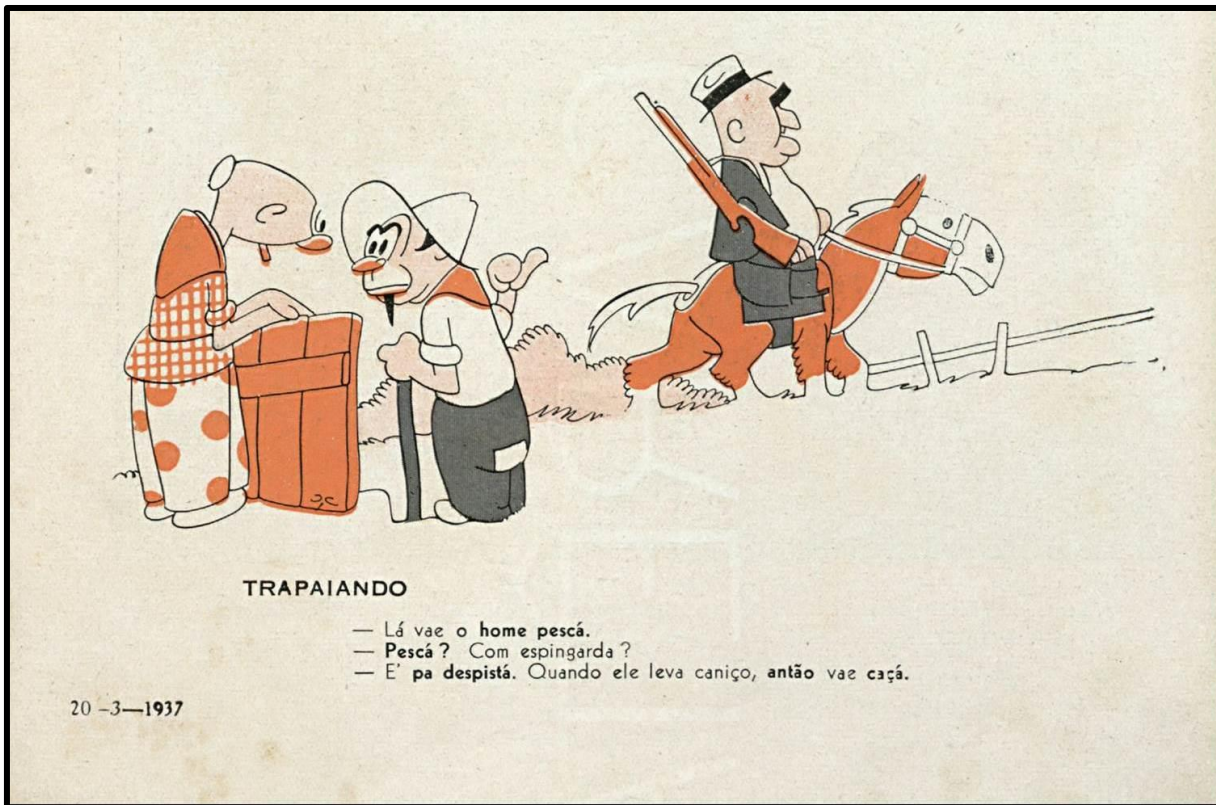


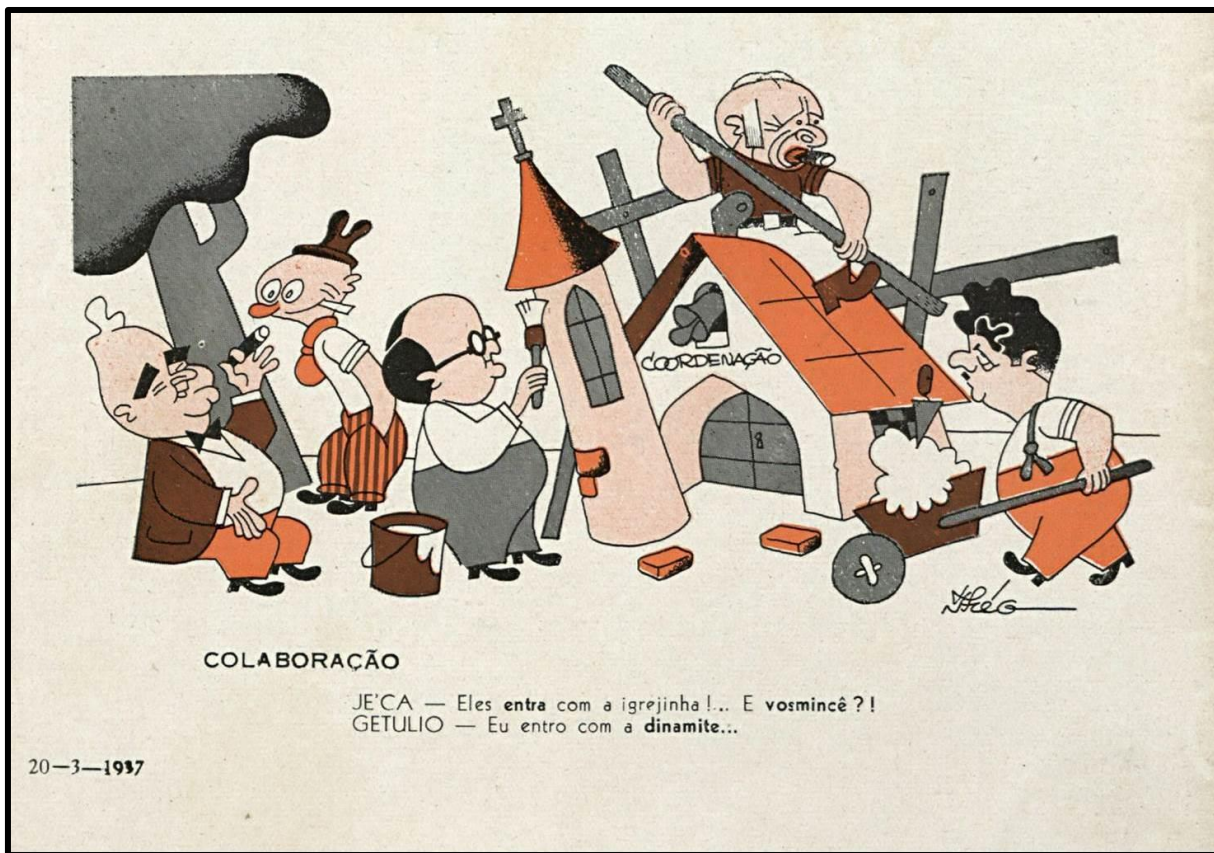
**UM RABO DE ARRAIA...**

MACEDO SOARES — Tem paciência, Armando, lá fóra é na diplomacia, mas em casa é assim!...

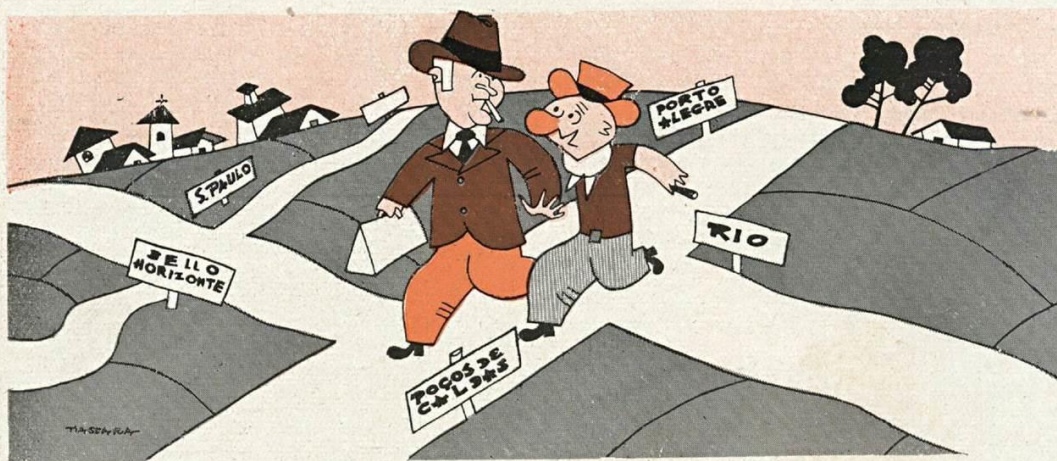








34



NO LABIRINTO DA POLITICA

JECA — Pelo que vejo, seu doutô, tá difíci achá o caminho de Washington!

Em entrevista com Getúlio Vargas, o político e jornalista mineiro Benedito Valadares Ribeiro apontava para a estratégia de outros presidenciáveis de se manterem temporariamente afastados dos holofotes, perguntando se não deveria fazer o mesmo, de modo que pudesse aparecer como uma espécie de terceiro candidato que levasse vantagem sobre os demais, sendo aconselhado pelo Presidente negativamente quanto às suas intenções. Em sua tradicional

caminhada com as mãos às costas, passando a frente de seis candidatos em potencial, sendo dois de cada Estado, Vargas refletia sobre os benefícios que poderia lhe trazer o aparecimento de ainda mais pretendentes à cadeira presidencial. O tema da “procura do ‘homem’” permanecia nas páginas da revista, como no caso de uma reunião em que dois indivíduos comentavam que o tema da sucessão ainda seria bastante obscuro quanto aos seus destinos. Em tom fabulado, a disputa pelo cargo presidencial era vista como tendo por protagonistas um papagaio, um corvo e uma raposa, sendo enxergada nesta a maior possibilidade de vitória a partir do olhar do Zé Povo<sup>59</sup>. Enquanto nove possíveis candidatos, exibindo suas “credenciais”, buscavam passar pela porta da Presidência, tratando-se o Brasil como uma “terra de estadistas”, jocosamente, Getúlio Vargas conversava consigo mesmo sobre a suposta qualidade dos candidatos. Vargas era mais uma vez o protagonista de caricatura na qual tivera os seus primeiros passos à época da República Velha, para depois ser levado ao poder com a República Nova, passando pela fase de aprendizagem durante o Governo Provisório e chegando à maturidade nas vivências da política a partir do Governo Constitucional. O embate à Presidência foi visto ainda como um jogo de pôquer no qual os gaúchos Osvaldo Aranha e Flores da Cunha mostravam-se derrotados diante dos quatro ases apresentados por Armando de Sales Oliveira, mas a vitória acabaria cabendo a Getúlio Vargas que, com um “baralho ‘ensinado’”, conseguia ter ainda um impossível jogo em sua mão, composto por cinco azes e um coringa<sup>60</sup>.

---

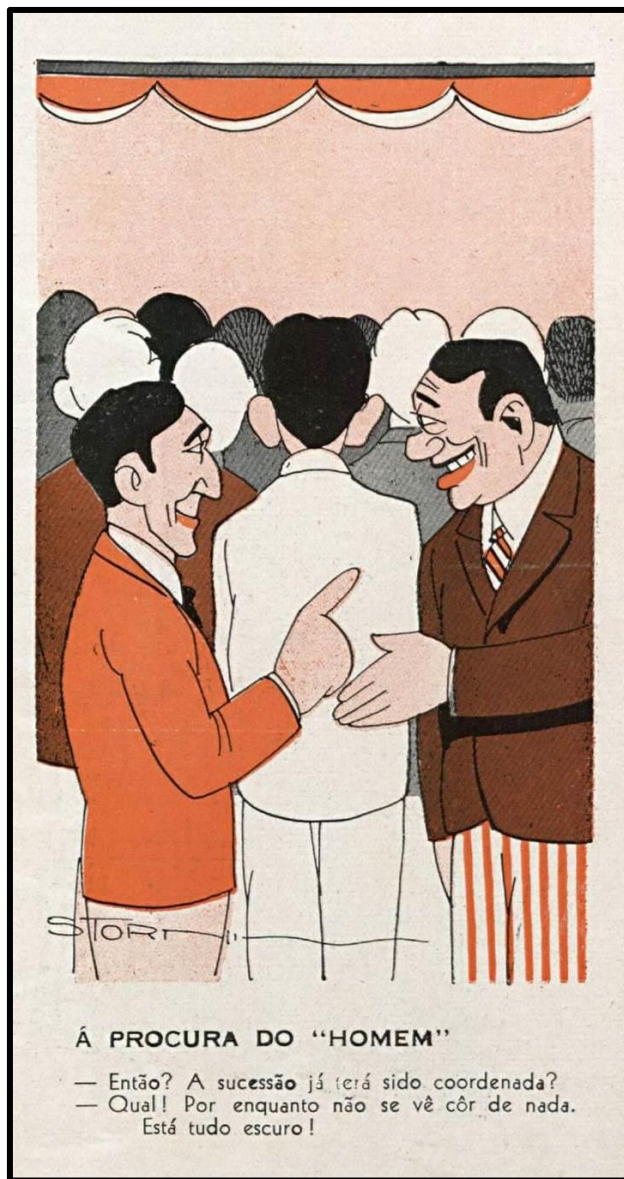
<sup>59</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 mar. 1937.

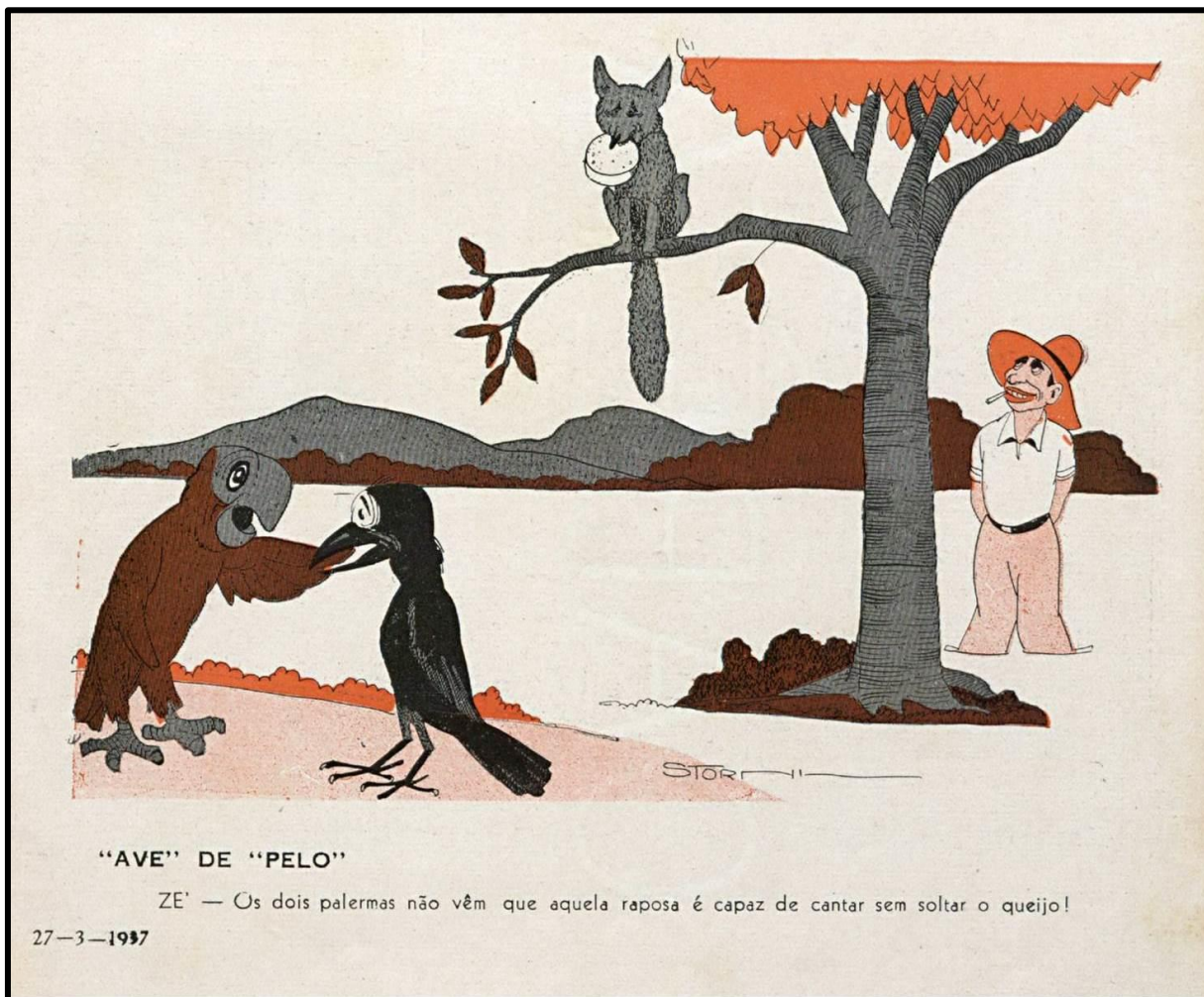
<sup>60</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1937.











**"AVE" DE "PELO"**

ZE' — Os dois palermas não vêem que aquela raposa é capaz de cantar sem soltar o queijo!

27-3-1937







Sob o olhar de Getúlio Vargas, três potenciais candidatos à Presidência eram entrevistados por um repórter, que queria a opinião dos mesmos quanto à sucessão, ao que os políticos escolados, espertos ou sabidos se negavam a

expressar suas posições, evitando possíveis riscos para aqueles que falavam demais<sup>61</sup>. Com vários dos possíveis candidatos escondidos atrás da porta, o político mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, um dos principais líderes da Aliança Liberal e da Revolução de 1930 e também pretendente à cadeira presidencial, trazia ao Presidente “promissórias”, que equivaliam a “velhas dívidas”, datadas de 1930, diante das quais Vargas, espertamente, fingia desentendimento, desprezando os compromissos assumidos. O tema retornava à baila com a conversa entre o mineiro Benedito Valadares, o baiano Juracy Magalhães e o gaúcho Flores da Cunha acerca da busca de uma postura de Vargas quanto à sucessão, intento fracassado, pois ele se limitara a trazer boatos a respeito do tema. A onipresença de Vargas na política brasileira, inclusive no microcosmo municipal, era demonstrada com o Presidente assumindo o papel de um químico que dissolvia o legislativo, deixando claro a um clérigo as razões do mesmo não ter sofrido com as consequências. A candidatura presidencial foi designada como uma fruta ambicionada por vários pretendentes, identificados por letras, aparecendo ao fundo um sorridente Getúlio, proferindo um tradicional ditado popular, segundo o qual o que estivesse a ele reservado, não seria de modo algum tomado<sup>62</sup>. Getúlio Vargas chegou a ser apresentado como um prestidigitador que fazia mágicas acerca da sucessão, tendo por público os políticos gaúchos Flores da Cunha e Borges de Medeiros<sup>63</sup>.

---

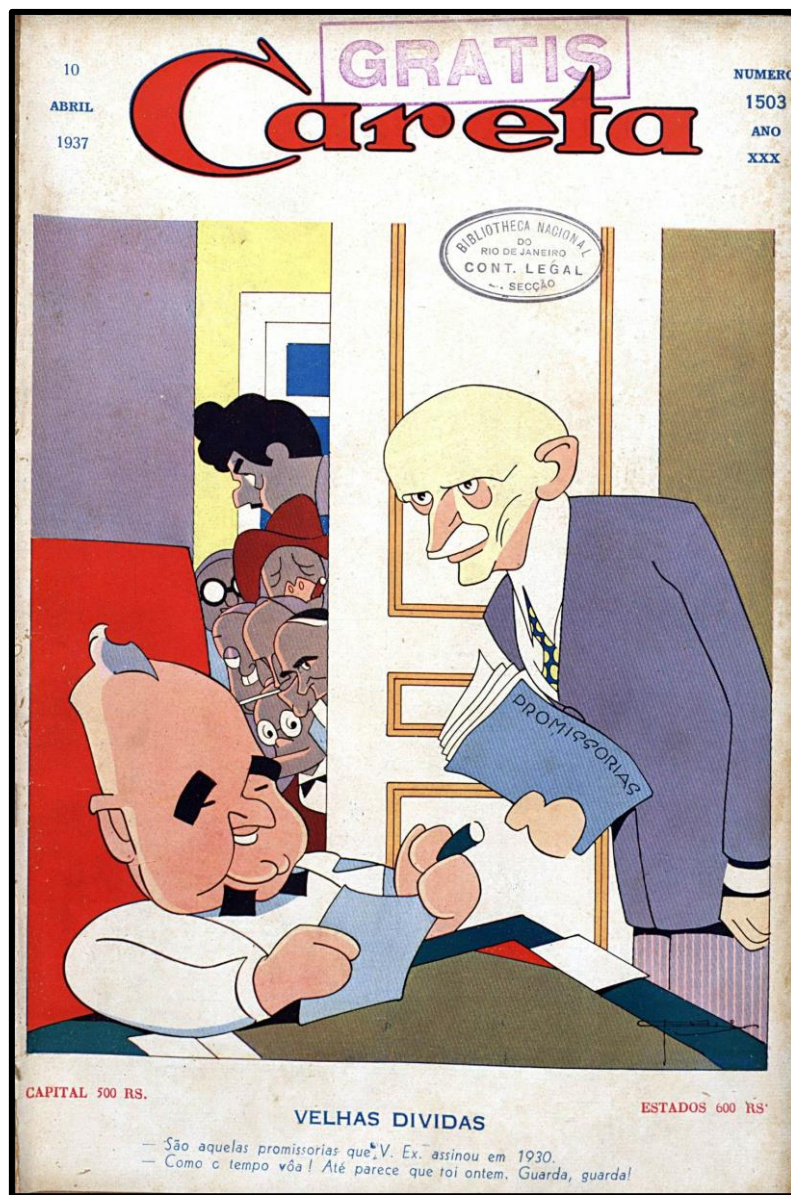
<sup>61</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 abr. 1937.

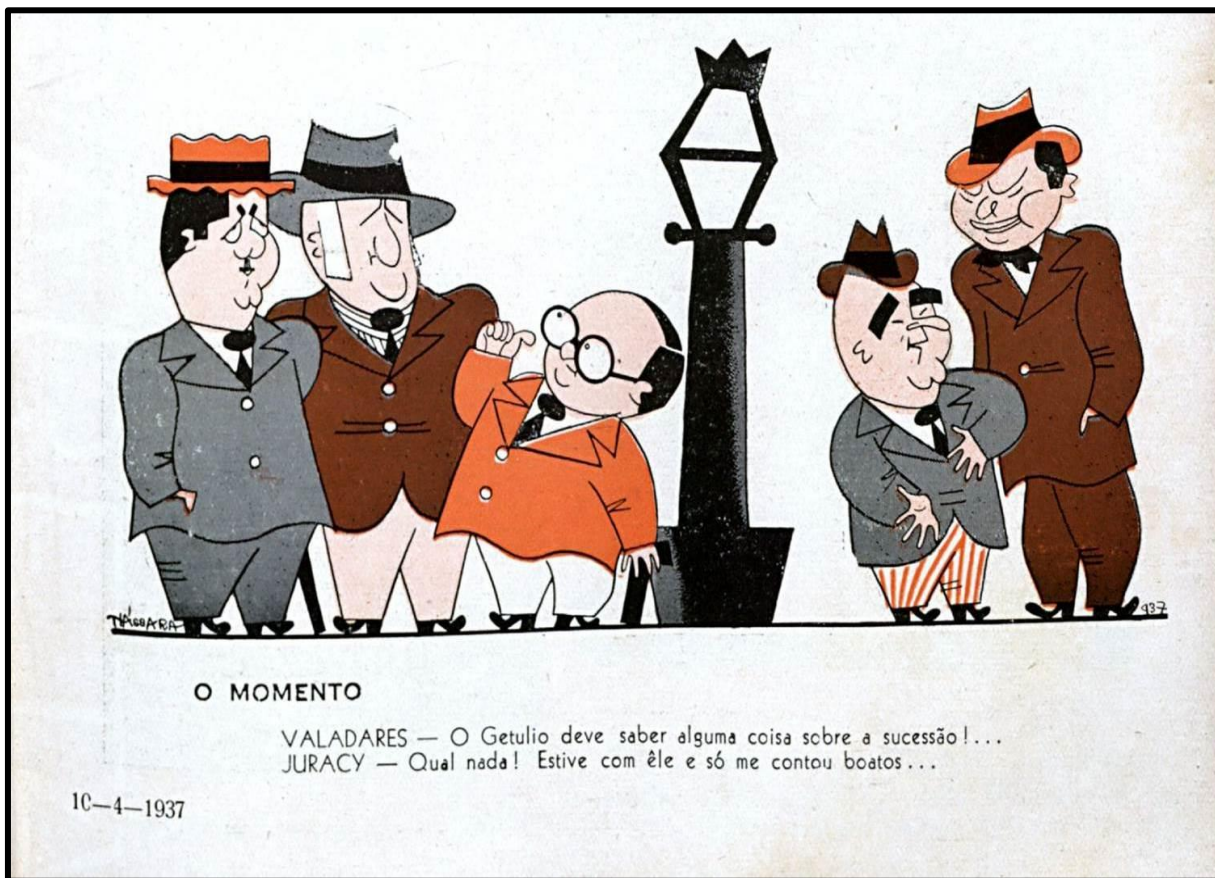
<sup>62</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 10 abr. 1937.

<sup>63</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 abr. 1937.

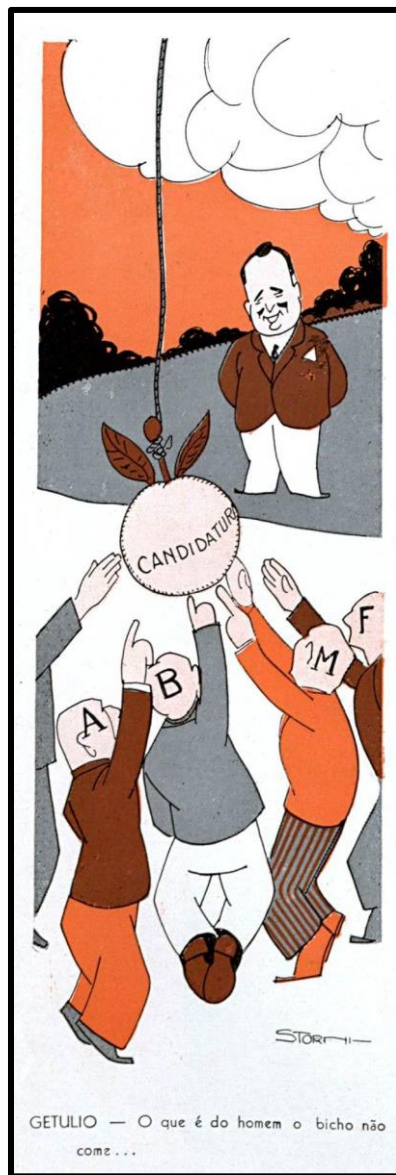














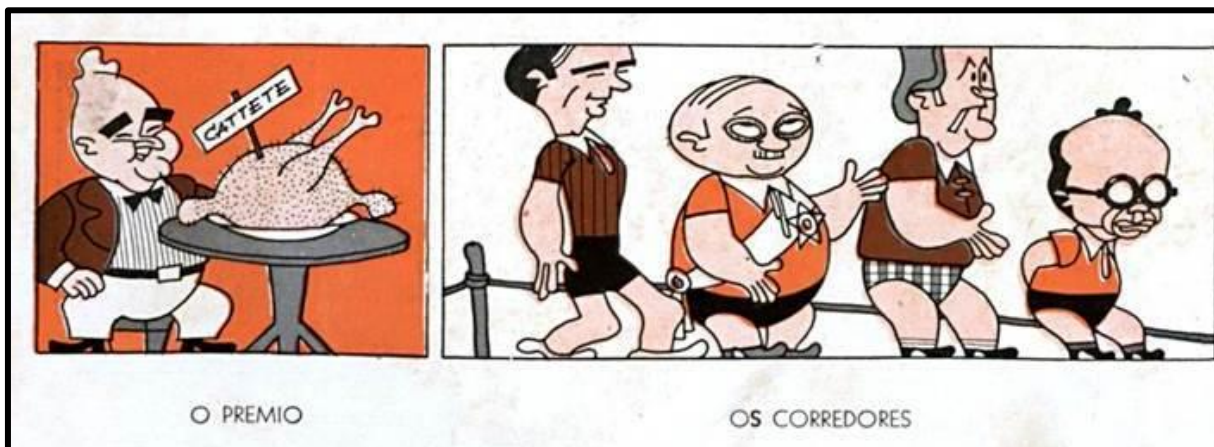
A força política paulista vinculada ao poder das oligarquias cafeiculturas era demarcado como um empecilho a qualquer perspectiva de continuidade de Vargas, como imaginavam Flores da Cunha e Armando de Sales Oliveira. As possíveis pretensões de Getúlio Vargas em permanecer no cargo foram também expressas em caricatura na qual os candidatos disputavam uma corrida, cujo prêmio era um frango assado, identificado com o Catete – símbolo do poder presidencial –, mas, na chegada, o vencedor se deparava apenas com os ossos do frango, o qual já havia sido devorado por Vargas. Os esforços de Osvaldo Aranha para manter-se no páreo eleitoral, enterrando sarcófagos, no sentido de eliminar possíveis implicações quanto ao seu nome, contavam com o deboche de Getúlio, que perguntava se os mesmos ainda estariam ligados ao “espírito revolucionário”, em alusão a princípios em parte esquecidos pelo outro sul-riograndense<sup>64</sup>. A candidatura de oposição liderada por Armando Sales foi também jocosamente vista a partir de uma alusão aos protagonistas da obra de Miguel de Cervantes. O apoio baiano a uma candidatura gaúcha ou paulista era discutido entre Vargas e Aranha, utilizando-se de um jogo de palavras, quanto aquele voltar-se a “todos os santos”, no caso uma disputa que seria entre São Paulo, terra de Sales Oliveira, e São Borja, terra de Getúlio. As tratativas sucessórias foram destacadas em conjunto de caricaturas, nas quais os destinos do país eram discutidos por figuras gaúchas como Flores da Cunha e Assis Brasil, sem que deixasse de haver a presença de Vargas, que chegava a negar peremptoriamente que seria candidato<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 abr. 1937.

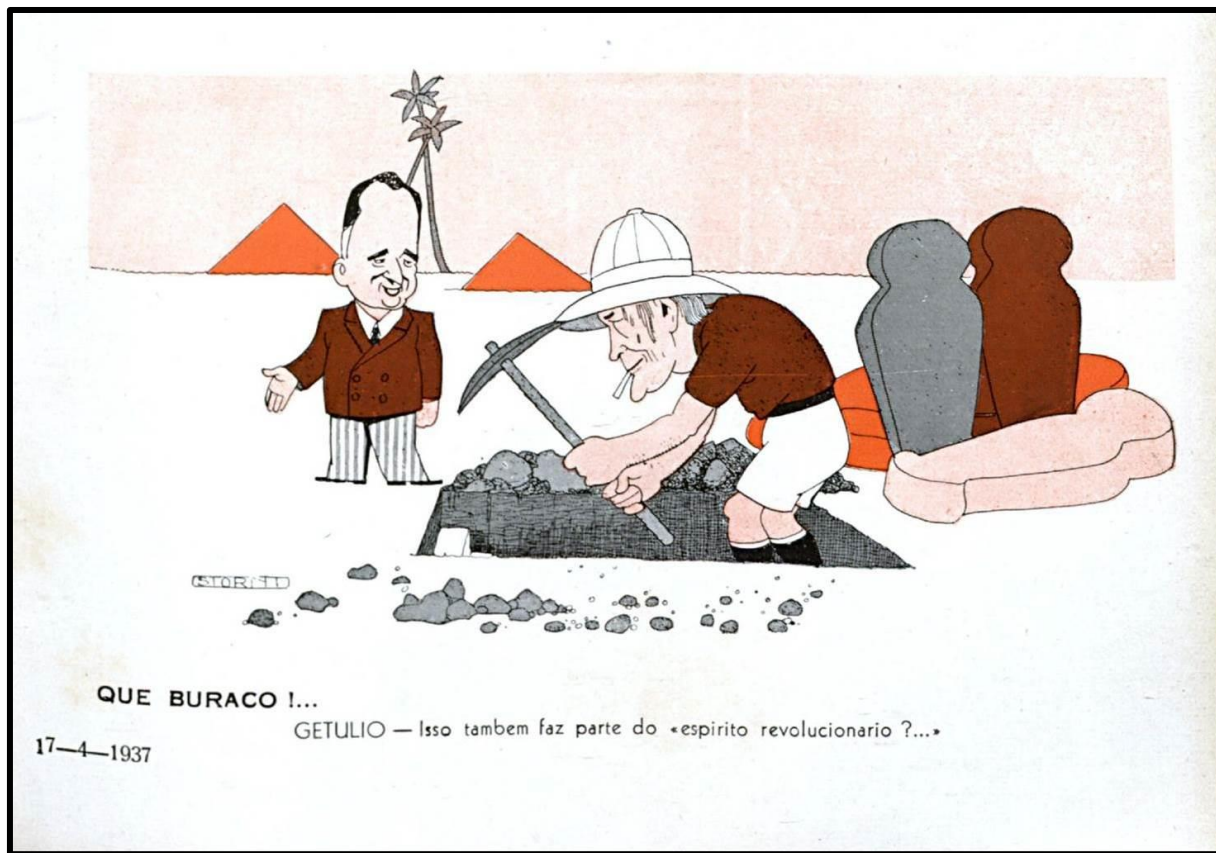
<sup>65</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 abr. 1937.

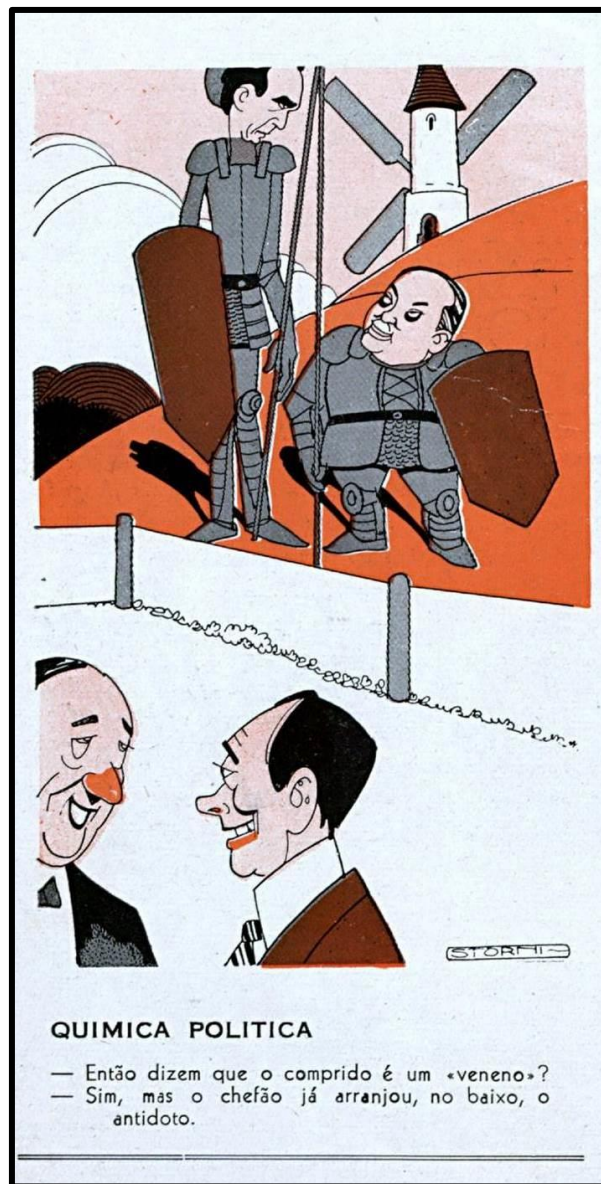






A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937





**QUIMICA POLITICA**

- Então dizem que o comprido é um «veneno»?  
— Sim, mas o chefe já arranjou, no baixo, o  
antídoto.

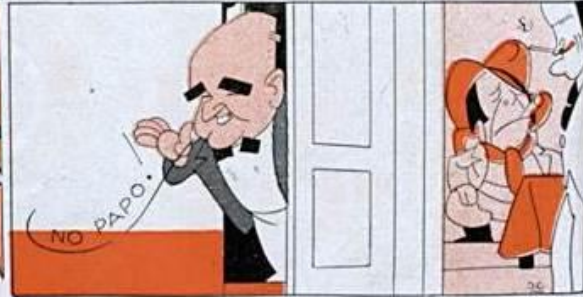




### PELA PRIMEIRA VÊS

Flores — «Somos por uma candidatura de conciliação, que atenda às necessidades do momento».

Reporter — Ah! Mas assim a vitória é certa. Nunca foi adotado um programa igual.



### MAIS UM

\*O general Flores esteve no Rio Negro em longa conferencia...\*



### ASSÁS, BRASIL!

— Este Assis Brasil é um grande numero! Acha que ha duzentos mil brasileiros capazes de governar o país.

— E não sobra ninguém para ser governado?



### O PRIMEIRO ESTRILO

— Arre! Isso é uma infamia! Eu já disse que não sou candidato!

— Então, que é isso?... Conserve o seu sorriso...

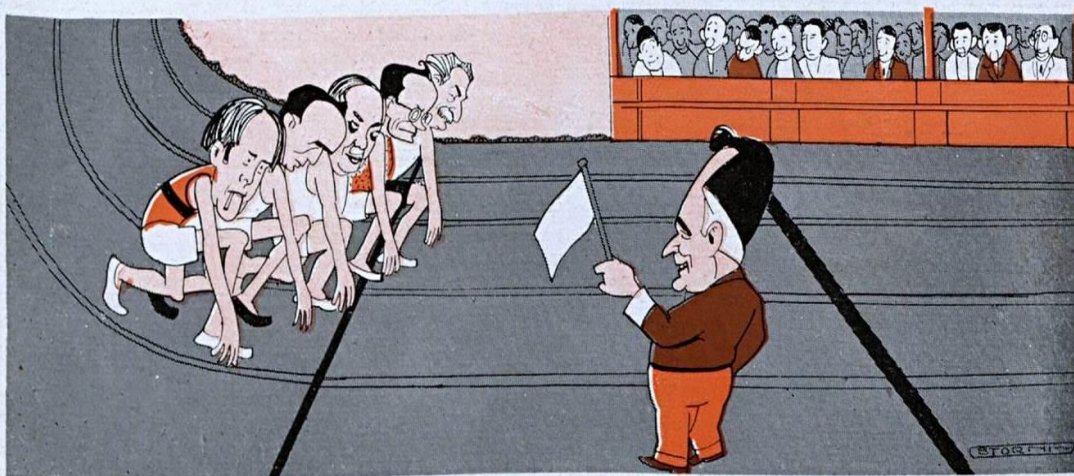
Os candidatos em potencial eram mais uma vez retratados como corredores, prontos a disputar uma maratona, sendo o juiz o próprio Vargas, que avisava os candidatos que os derrotados não poderiam deixar de sorrir, lembrando um de seus mais recorrentes hábitos. A respeito do plano de Getúlio quanto a construir um casa em sua terra natal para quando deixasse a Presidência, uma ilustração mostrava a intenção do “construtor” do edifício em isolar o líder gaúcho, de modo a impedi-lo de manter seus conciliábulos<sup>66</sup>. Passeando de braço dado com a alegoria feminil que designava a República/Presidência, Getúlio Vargas despertava ciúmes em meia dúzia de postulantes ao cargo presidencial. Apontando para a fraqueza dos partidos que atuavam no país, a revista comparava-os a um bêbado, que não se aguentava em pé, necessitando ter um comando para sustentar-se. Ainda acerca dos conchavos sucessórios, o gaúcho Flores da Cunha recomendava a manutenção de uma ponte, que pudesse vir a reunir no futuro, adversários do presente. Levando em conta manifestação anterior de Vargas quanto às candidaturas presidenciais, utilizando-se de princípios náuticos, ele mesmo dizia ao Zé Povo estar pronto para lançar sua vela ao mar, em referência à possibilidade de sua continuidade<sup>67</sup>. Um possível fracasso das pretensões políticas de Flores da Cunha era comparado ao seu violão que aparecia quebrada, sendo a responsabilidade apontada a partir da postura maliciosa de Vargas e Osvaldo Aranha, que se esgueiravam ao fundo da cena<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 abr. 1937.

<sup>67</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 1º maio 1937.

<sup>68</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 8 maio 1937.



**A MARATONA**

○ JUIZ — Convem não esquecer que o bom **sportman** deve receber a derrota sorrindo.

24-4-1937



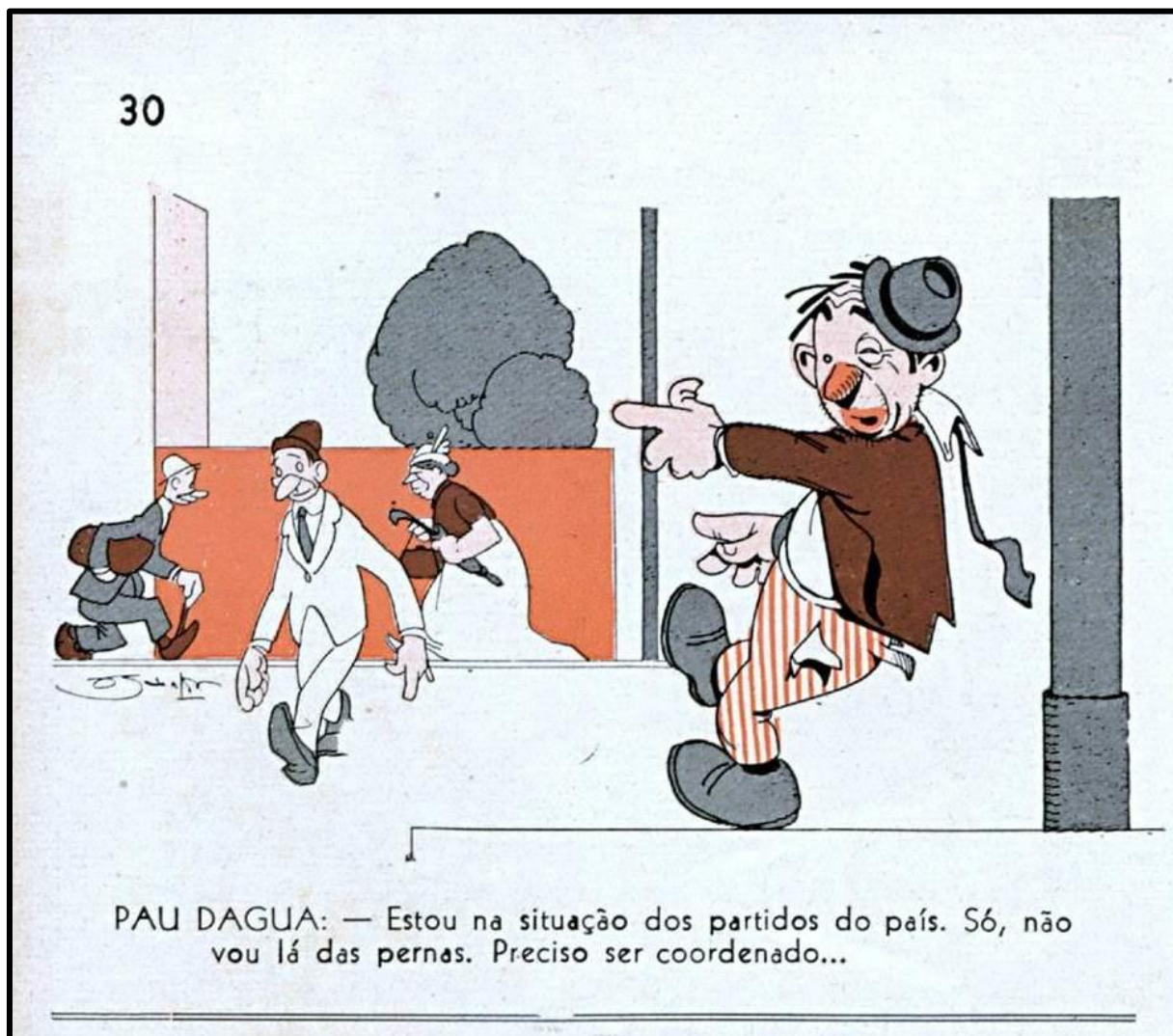
#### A LEI FATAL

O Sr. Getulio Vargas mandou apressar a construção de uma casa em S. Borja, para se alojar assim que deixar a presidência.  
(Dos jornais)

- CONSTRUTOR — A casa será toda cercada por um muro e não terá portão.  
GETULIO — E por onde entrarão as visitas?  
○ CONSTRUTOR — Ora, Exa.! Então V. Exa. acredita que ainda será visitado?











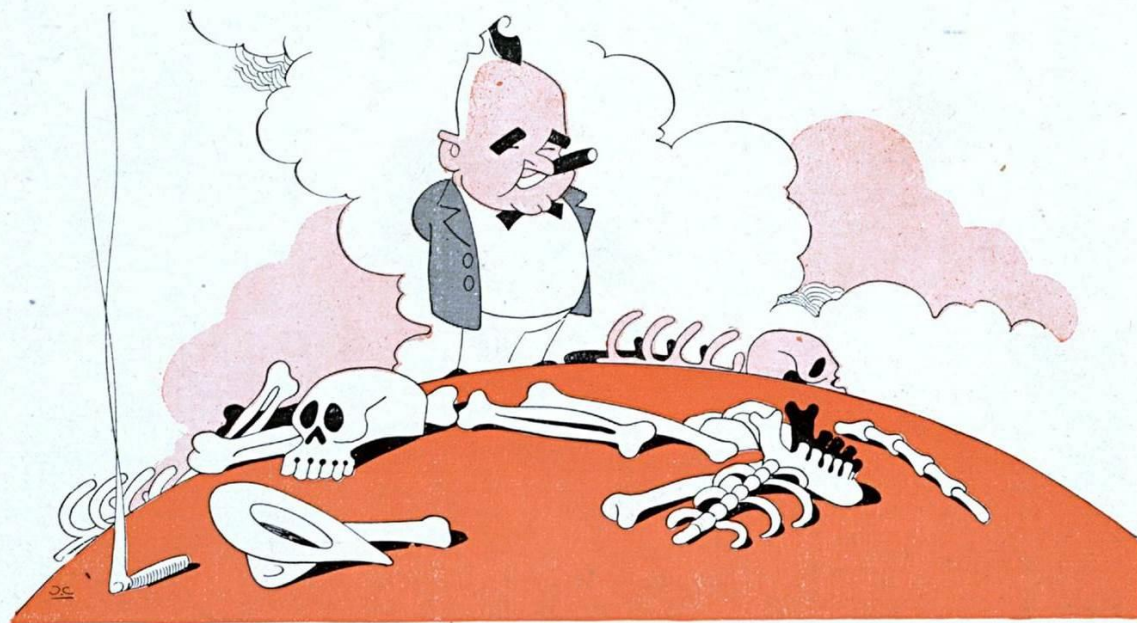


Em meio a esqueletos, Vargas observava um “churrasco cívico”, através do qual os demais candidatos haviam sido exterminados, restando apenas ele como “o último varão sobre a terra”. Enquanto Flores da Cunha perdia poder no Rio Grande do Sul, perspectiva simbolizada pela dificuldade em dominar sua montaria, Borges de Medeiros e Getúlio Vargas dialogavam sobre a continuidade das pretensões presidenciais daquele, ao que este respondia que o primeiro só poderia fazê-lo se estivesse a pé, ou seja, com a retirada de seu cavalo, em referência à perda do potencial político do cavaleiro. Os embates entre Vargas e Flores foi comparado também a um enfrentamento de pugilismo, entre um “peso pluma” e um “peso pesado”. Verificando a diminuição de suas forças políticas, Flores da Cunha, lembrando a expressão dos gaúchos acerca de amarrar seus cavalos no obelisco do Rio de Janeiro em caso de vitória da Aliança Liberal, indicava que agora Armando Sales deveria fazer o mesmo com o seu saco de café. No para-choques de um ônibus, populares conversavam sobre uma possível ação policial que se encarregaria de prender os vadios, imaginando que, se isso viesse a valer, não restaria ninguém nas ruas, ainda mais levando em conta os costumes políticos do país. Retomando a temática náutica, o Zé Povo observava mais uma manifestação de esperteza de Vargas, pois, enquanto os demais candidatos seguiam o seu conselho de lançar velas ao mar, tendo dificuldades em enfrentar as ondas, o Presidente controlava tranquilamente as intempéries em uma embarcação a motor<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 8 maio 1937.

18



**O CHURRASCO CIVICO**

O ultimo verão sobre a terra.

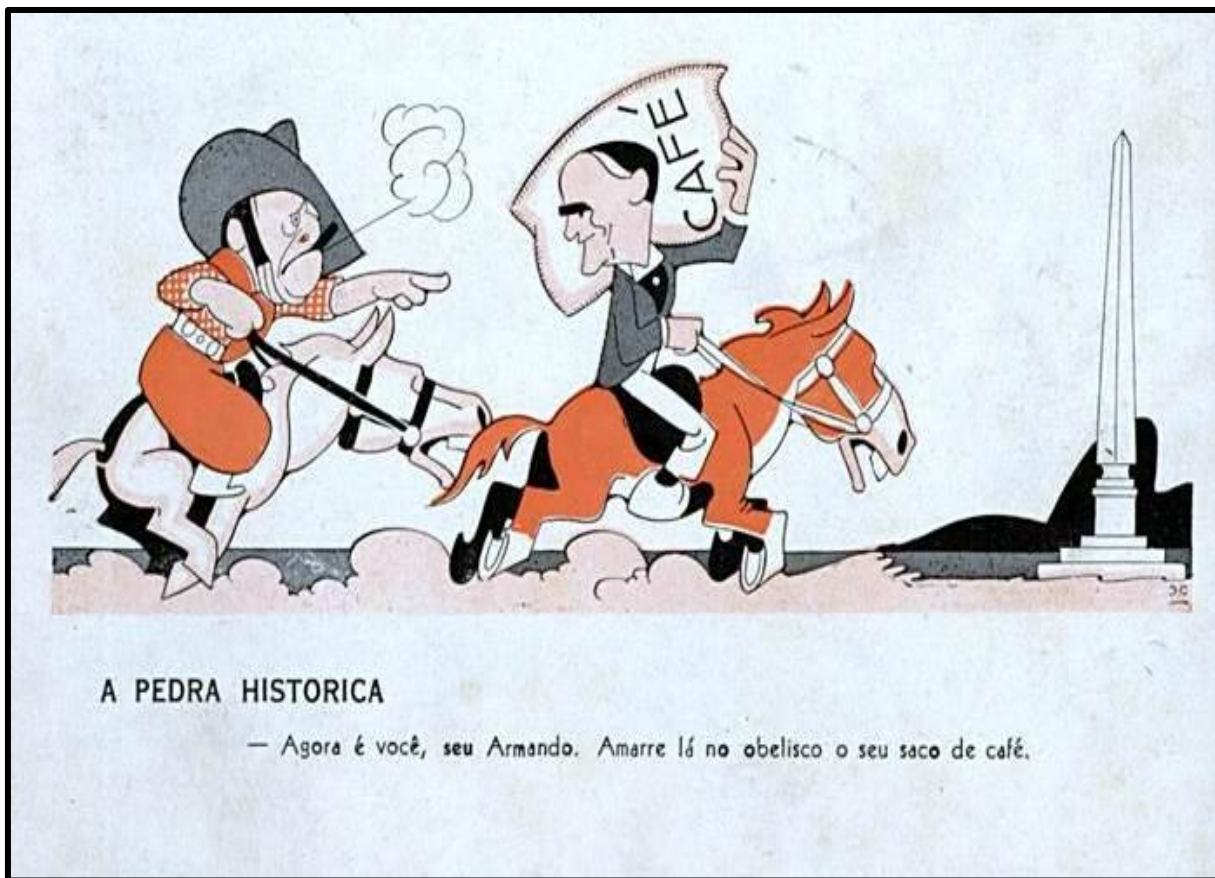
A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937













Em uma conversa de bar, dois homens bebiam, enquanto um deles, mais reflexivo e identificado como “o sociólogo”, manifestação o desejo da vitória de Borges de Medeiros no próximo pleito presidencial, pois isso garantiria uma sobrevivência republicana por pelo menos mais um quarto de século, em alusão ao largo período que o líder gaúcho permanecera no poder em seu Estado natal<sup>70</sup>. As dificuldades do candidato oposicionista Armando de Sales Oliveira em líder com o Presidente da República eram comparadas à empreitada de Cristóvão Colombo de conseguir colocar um ovo em pé. As dificuldades de Flores da Cunha em manter sua campanha colocavam-no na condição de um “gaúcho desabrigado”, enfrentando os obstáculos oferecidos por forte vento, vindo ele a ser ironicamente consolado por Borges de Medeiros, o qual lembrava as agruras daqueles que até então haviam se colocado na oposição a Vargas. Com a presença de alguns candidatos, o Jeca conversava com a dama republicana acerca de uma tendência dos políticos brasileiros vinculada aos ideais salvacionistas. Tratando jocosamente da questão sucessória, Getúlio Vargas brincava com os nomes de dois potenciais candidatos, apontando para o futuro a possibilidade de apresentar-se um “Armando Flores de Oliveira”. Em outra caricatura, Flores da Cunha permanecia sofrendo com reveses em sua campanha, mas não desistia da empreitada, sob o risco do seu espaço vir a ser ocupado pelo mineiro Antônio Carlos. Já outra ilustração trazia Borges de Medeiros abrigando-se da chuva com um guarda-chuva identificado com a República Velha, imaginando que Vargas, desprotegido, iria querer buscar um lugar sob a mesma proteção. Os discursos das campanhas políticas foram

---

<sup>70</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 8 maio 1937.

tratados com graça por meio do magazine que mostrava “a ‘história’ de todas as candidaturas”, pela qual as “promessas” eram sempre esplendorosas, ao passo que as “possibilidades” advindas de receitas e despesas eram limitadas, de modo que as “realizações” tornavam-se mínimas ou inexistentes. Como em um jogo de boliche, Getúlio Vargas aparecia a derrubar os possíveis candidatos como se fossem pinos, reservando aquele que representava Armando Sales para mais tarde. O abandono de Vargas para com as pretensões presidenciais de Antônio Carlos foi apontado como uma verdadeira condenação ao exílio político do mineiro, a qual seria justificada pela adaptação de uma tradicional frase atribuída ao próprio Ribeiro de Andrada<sup>71</sup>. A disputa presidencial foi mais uma vez comparada a uma competição esportiva, dessa vez a de uma corrida de automóveis, havendo a previsão de que os carros poderiam quebrar, além do aviso de que um esperto Vargas preparava-se para espalhar tachinhas pela pista para furar os pneus e prejudicar os competidores. Outra representação da sucessão à Presidência foi feita pela exposição de retratos dos candidatos, havendo um deles em branco para designar uma suposta neutralidade de Getúlio, a qual era contestada, pois, ao invés de uma pintura, ele poderia estar passando na frente de um espelho e, portanto, colocando-se no rol dos pretendentes. A continuidade dos regionalismos políticos, com a garantia de votos a partir das lideranças locais, foi denunciada pela revista, com vários líderes estaduais colocando seus apoios à venda<sup>72</sup>.

---

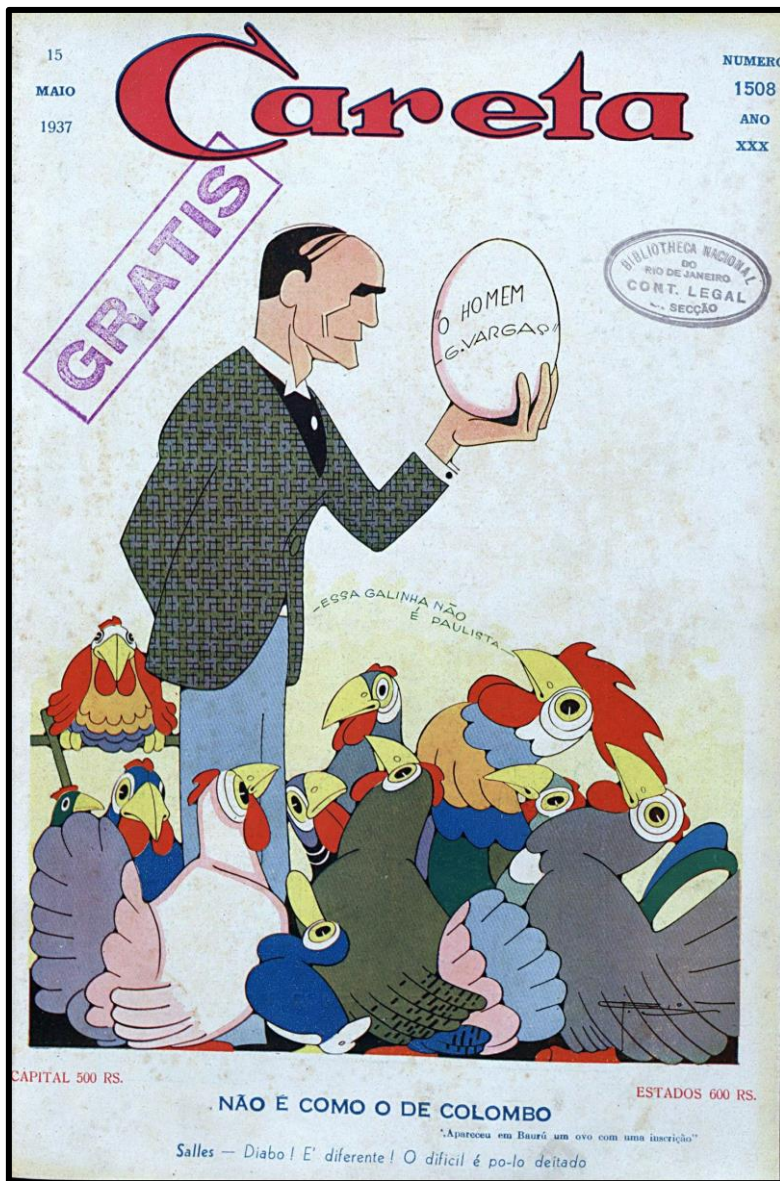
<sup>71</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 maio 1937.

<sup>72</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 maio 1937.



**VIVA A REPUBLICA !**

○ **SOCIOLOGO** — E' a salvação do regime ! Si o Borges de Medeiros vier a ser o presidente, teremos, no mínimo, mais 25 anos de Republica...





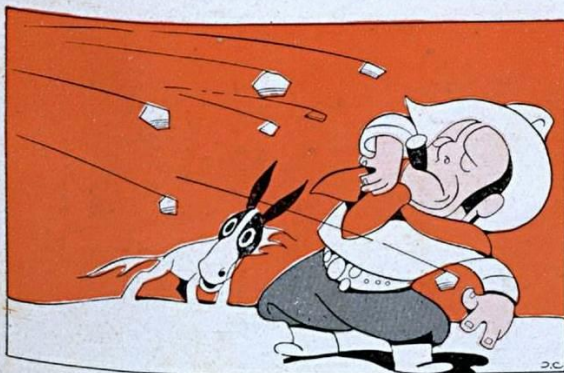
### **O GAÚCHO DESABRIGADO**

BORGES — Aguenta firme, Flores. São coisas da vida. Quando soprou o outro pampeiro, eu fui parar em Recife.









**TERCEIRA REPUBLICA**

FLORES — Não se deve perder tempo. Sinão o Antonio Carlos tomará a iniciativa.



**MÁU TEMPO**

BORGES — Ele vai acabar pedindo um logarzinho debaixo do guarda-chuva.

**A "HISTORIA" DE TODAS AS CANDIDATURAS...**



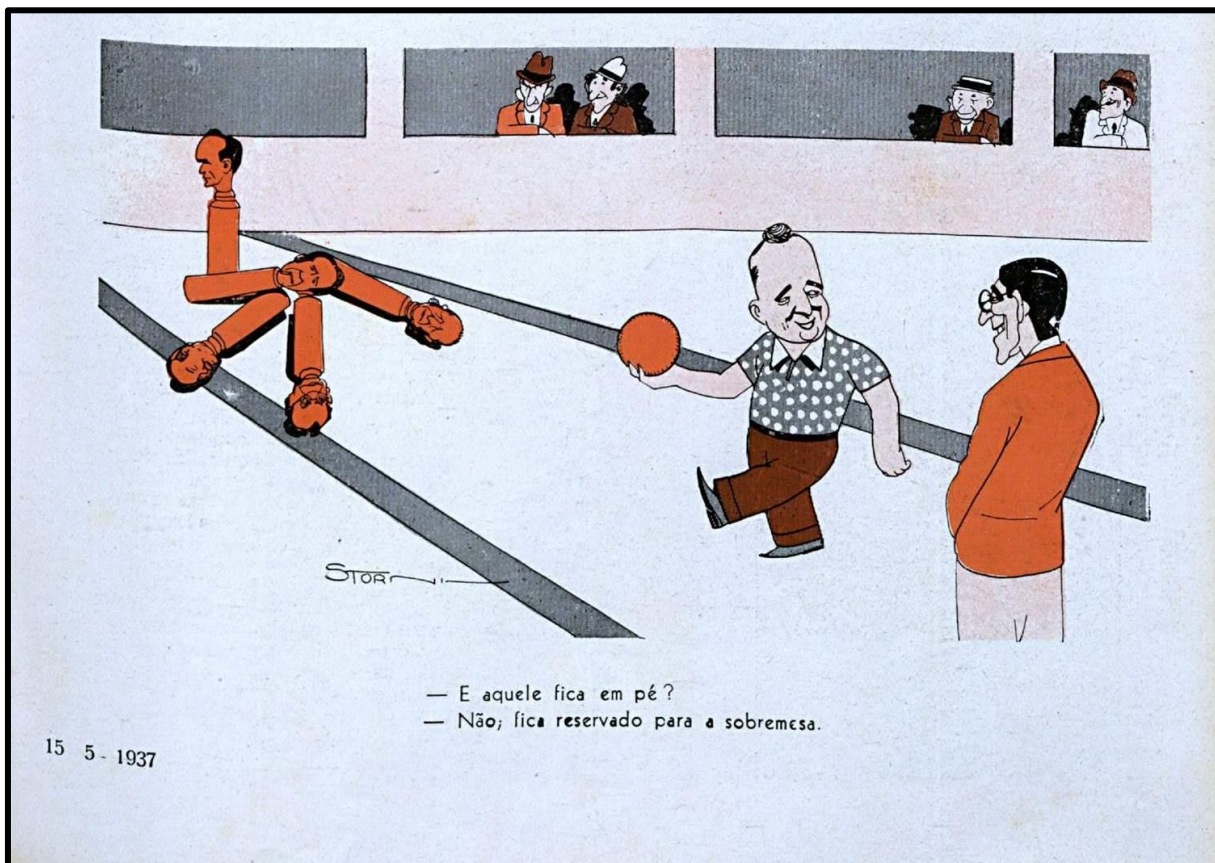
As promessas...



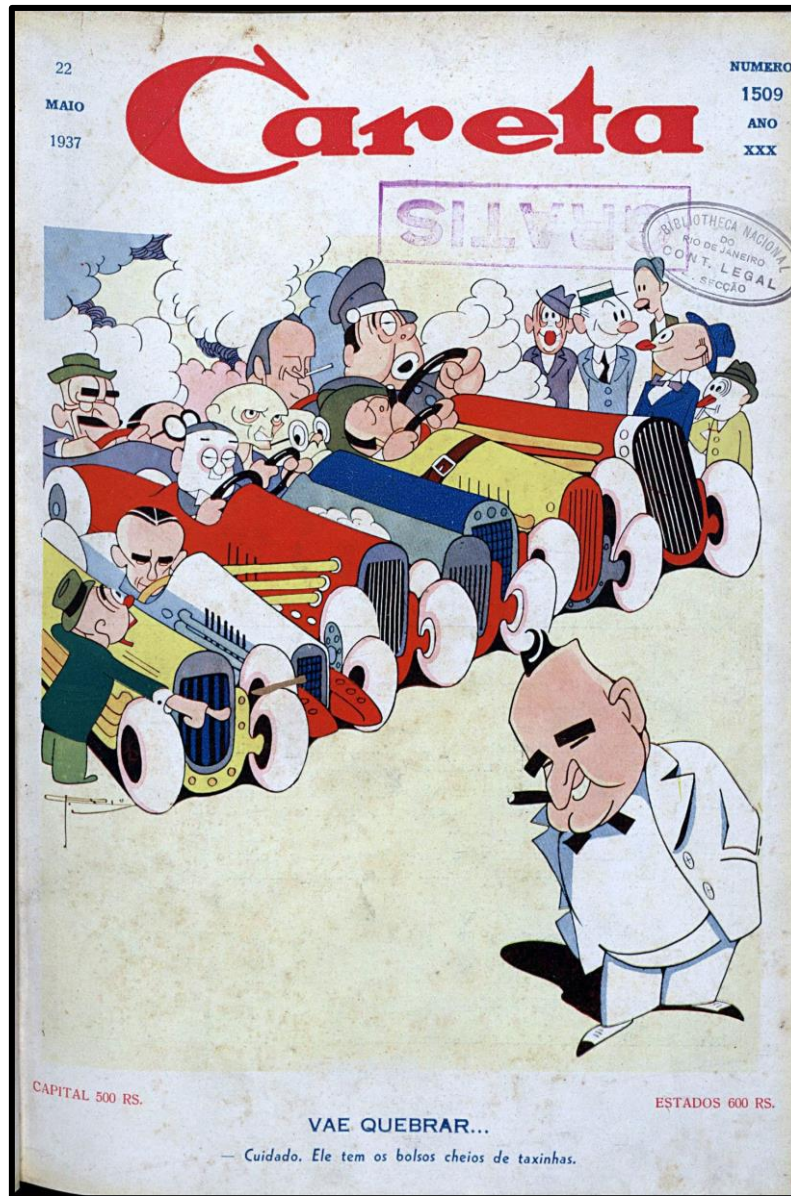
As possibilidades...



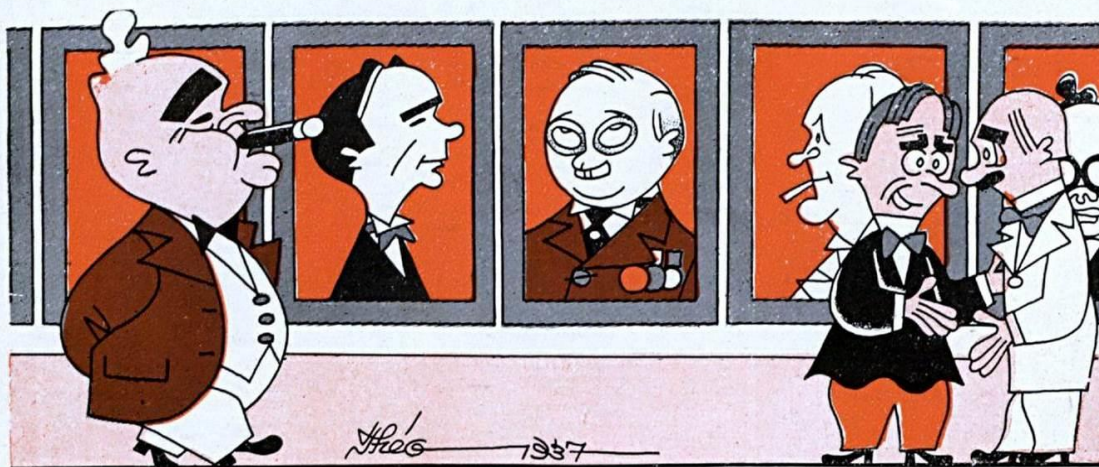
As realizações...







18



### NEUTRALIDADE

- Há um quadro em branco! O presidente, que é neutro, vai definir-se por ele.
- Será mesmo quadro ou será algum espelho?!



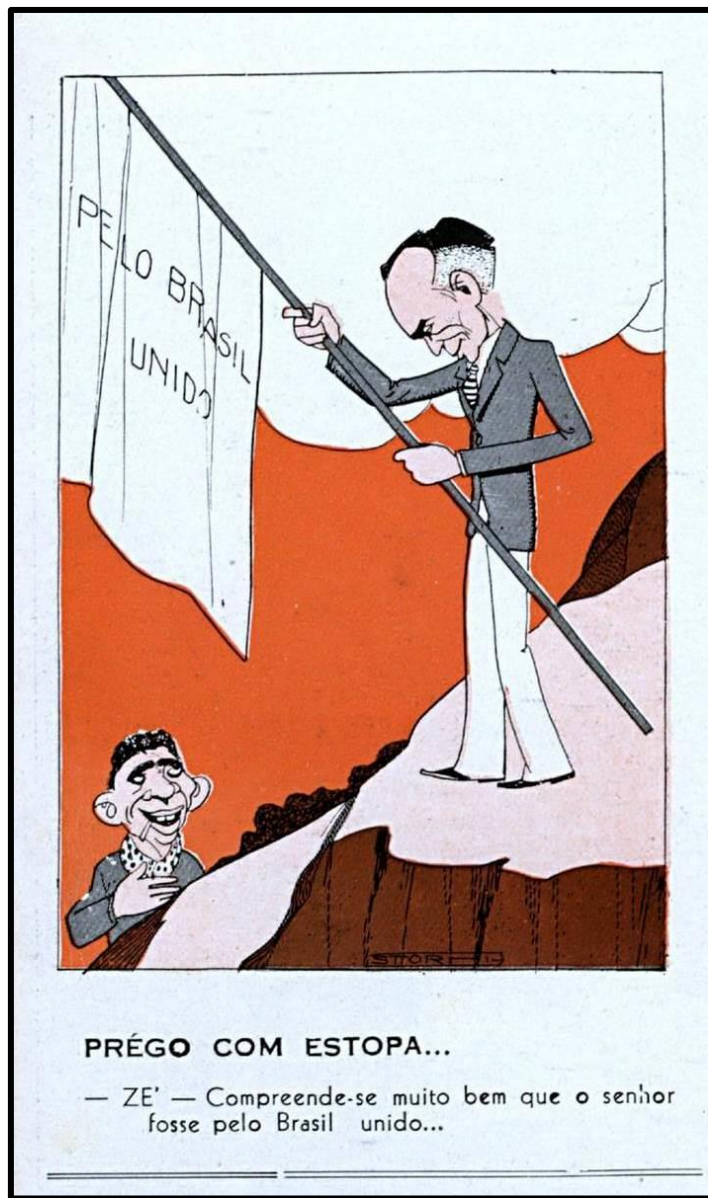


A bandeira de união nacional em torno da candidatura de Armando Sales era vista como desconfiança por parte do Zé Povo, levando em conta a tradição política da época da República Velha, que tal candidato trazia consigo. O mesmo Sales Oliveira era visto como enamorado pela figura feminina que representava a democracia, ao passo que Vargas comentava que o candidato poderia até querer namorar com aquela, mas pretendia casar com a Presidência<sup>73</sup>. Vários dos candidatos foram apresentados como crianças que eram colocadas na cama pela babá, representada pela dama republicana, buscando fazer com que aqueles “garotos travessos” dormisse, utilizando-se de uma cantiga, segundo a qual o bicho-papão estava no telhado, havendo ali a presença do próprio Getúlio Vargas. Um lamurioso Antônio Carlos reclamava de seus antigos aliados por não acompanhá-lo em suas pretensões, contando com a discordância do Jeca quanto ao tema. Em uma viagem a Goiás, Vargas conversava com um Jeca Goiano, que se referia a terem achado um macaco monstro em seu Estado, enquanto o Presidente, sobre as novidades no Rio de Janeiro, comentava que ainda não havia sido encontrado o “homem”, em alusão à candidatura presidencial. Um “candidato ideal” era apresentado como aquele que guardava em si características de vários dos pretendentes, havendo dúvidas quanto ao tamanho da barriga, que corresponderia a do “candidato desconhecido”, em clara referência à figura do próprio Vargas<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 22 maio 1937.

<sup>74</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 29 maio 1937.





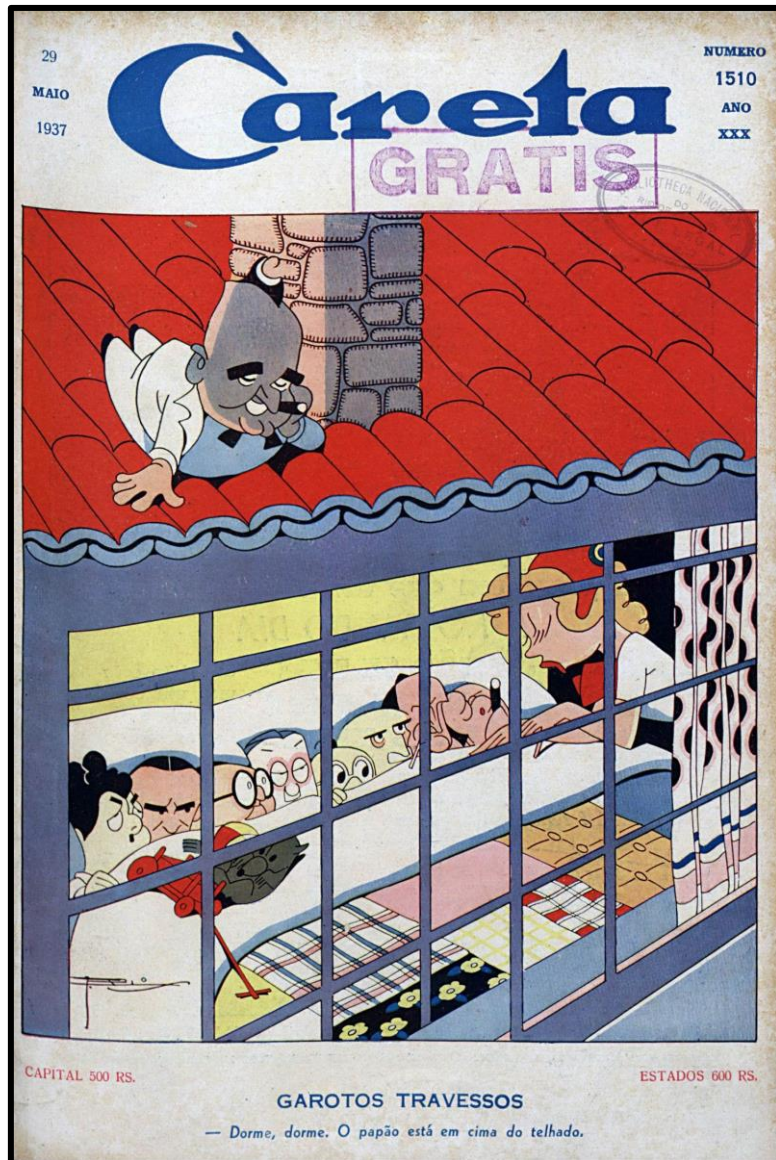
**DESPISTANDO**

— O Armando anda namorando, muito, a democracia...

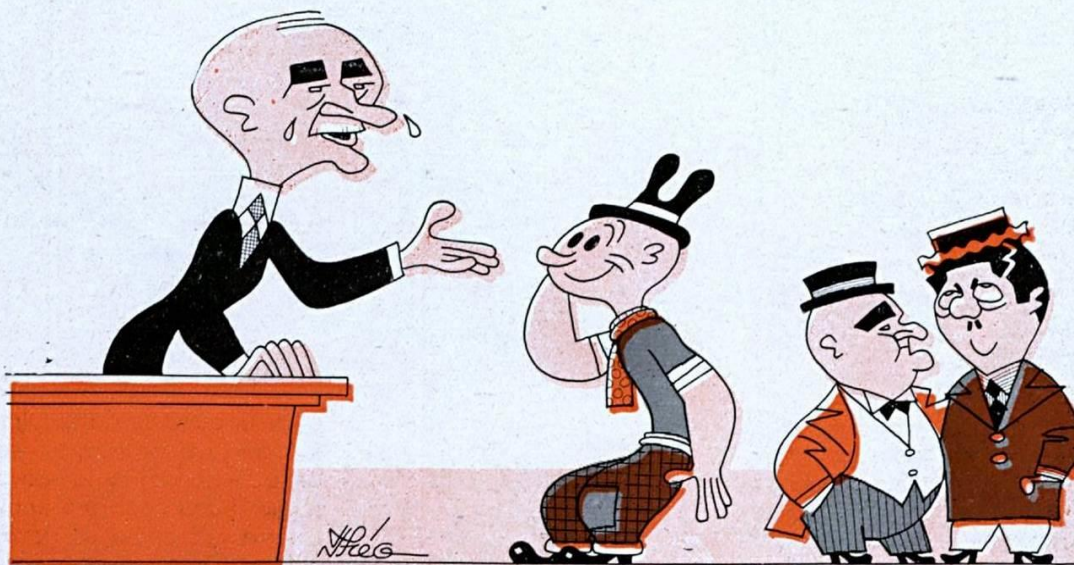
GETULIO — Mas o que ele quer é casar com a presidencia!...

22—5—1937

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



18



**LAMURIAS**

ANTONIO CARLOS — Eles me devem a presidencia da Republica e a governança de Minas!  
J'ECA — Entonce, vosmincê não tem que se queixá de ninguem!...

22



### O NUMERO QUAL SERÁ ?

O Sr. Getulio Vargas vae a Goiás.

GOIANO: — Aqui a novidade foi o macaco monstro. Ninguem viu, mas já se sabe que o pé dele mede 46 centímetros. Na politica que ha por lá ?

GETULIO — No Rio sabemos menos do que vocês. Ninguem ainda conseguiu saber o numero do pé do Homem...



A malsucedida ambição política de Antônio Carlos foi mais uma vez mote caricatural do periódico, ao mostrar o político mineiro assombrado pela gargalhada de Washington Luís, que ele ajudara a derrubar em 1930. Sugestivamente, a revista mostrava um conventículo entre Vargas e diversos candidatos, surgindo por trás da porta o Jeca, questionando se aqueles não precisariam da sua opinião, em referência ao papel do voto popular nas disputas eleitorais. Os enfrentamentos entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas foram mais uma vez abordados, com o primeiro apavorando-se frente a um objeto

suspeito, imaginando ser um explosivo, o qual era visto por tranquilidade pelo outro, que verificou tratar-se apenas de uma bomba de chimarrão. Em uma nova conversa com uma representação do povo, Vargas ouvia sobre a necessidade Dr o candidato presidencial ter também um alcance internacional, ao que o Presidente aquiescia, comparando tal pretensão às ondas de rádio<sup>75</sup>. Entre costumes festivos ingleses e brasileiros, Getúlio Vargas optava por comemorações que chamavam menos atenção. Os mineiros Artur Bernardes e Antônio Carlos se encontravam e aquele consolava este, considerando que ele teria se comportar como uma “Madalena arrependida”, expressão utilizada para descrever alguém que está arrependido ou triste, especialmente por ter cometido erros. Enquanto a dama republicana se afogava, vários pretendentes ao cargo presidencial jogavam boias salva-vidas, que não serviam para salvá-la, colorando para o agravamento de seu padecimento. Dialogando com o Zé Povo, Vargas mostrava uma chave que simbolizava o controle presidencial sobre as políticas estaduais<sup>76</sup>. No mesmo sentido, o Presidente mirava com um estilingue balões que representavam alguns dos Estados brasileiros, contando com a reclamação do Jeca, temeroso de também ser atingido pelos projeteis. Entre um religioso e o demônio, Vargas sustentava o velho chavão de que a virtude está no meio. Diversos dos conflitos políticos e pessoais entabulados no Brasil da época foram retratados no conjunto de caricaturas denominado “Diálogos impossíveis”, revelando a impossibilidade de reconciliação<sup>77</sup>.

---

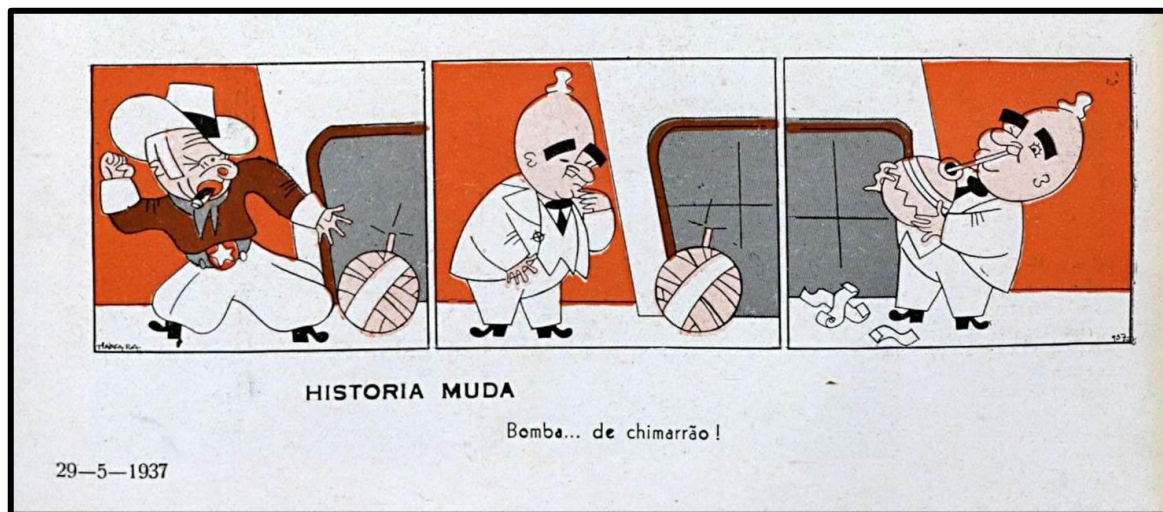
<sup>75</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 29 maio 1937.

<sup>76</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1937.

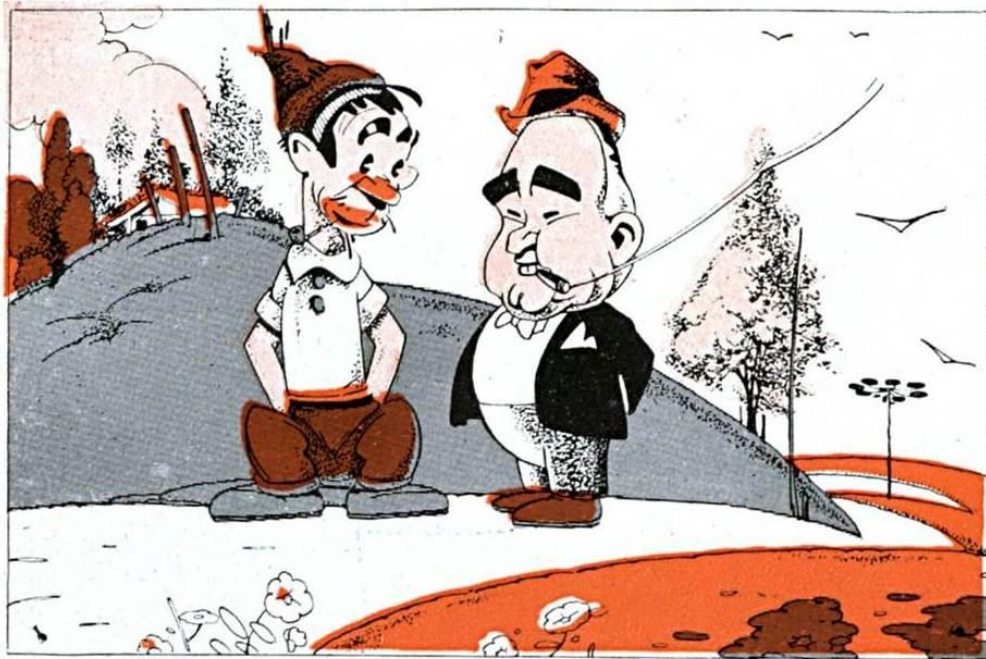
<sup>77</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 12 jun. 1937.







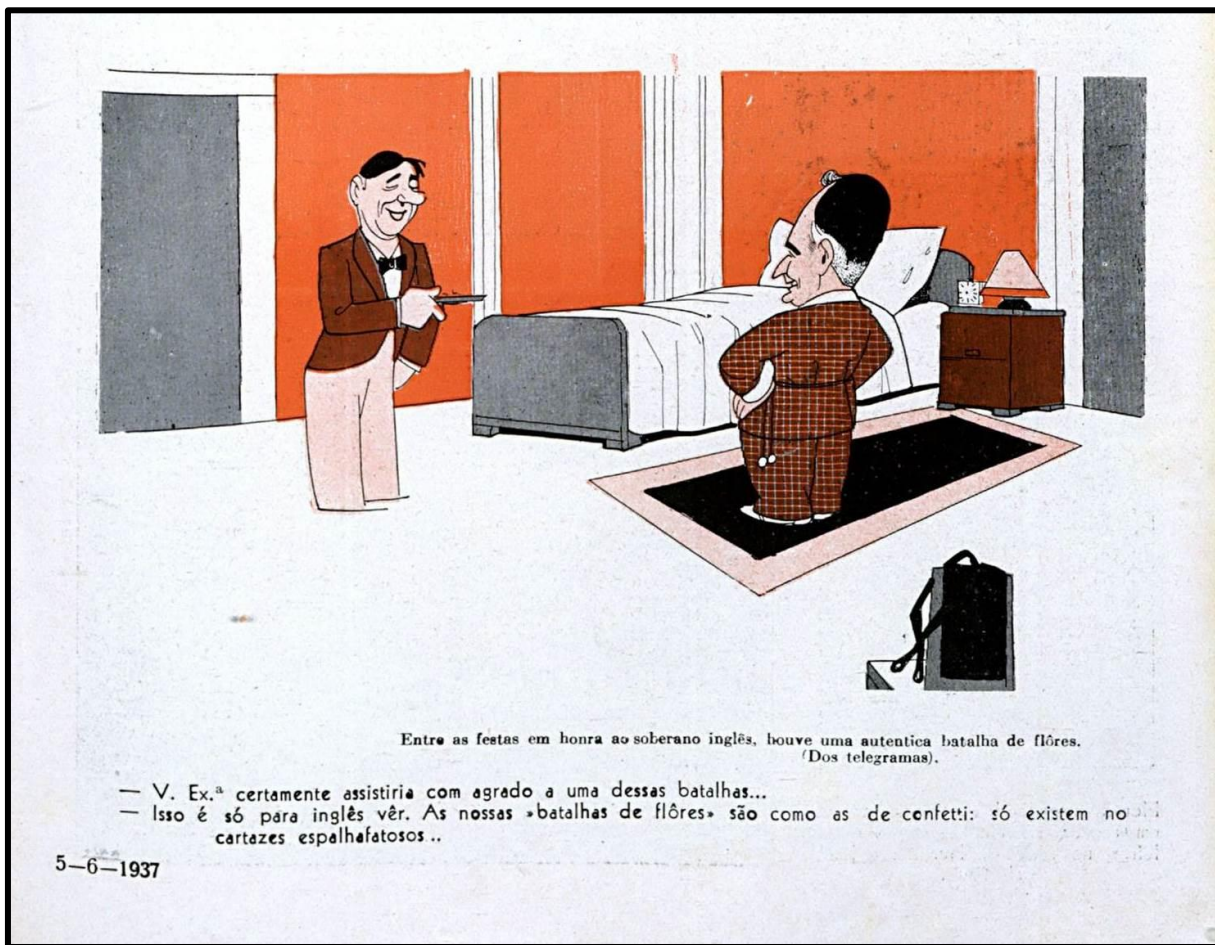
34

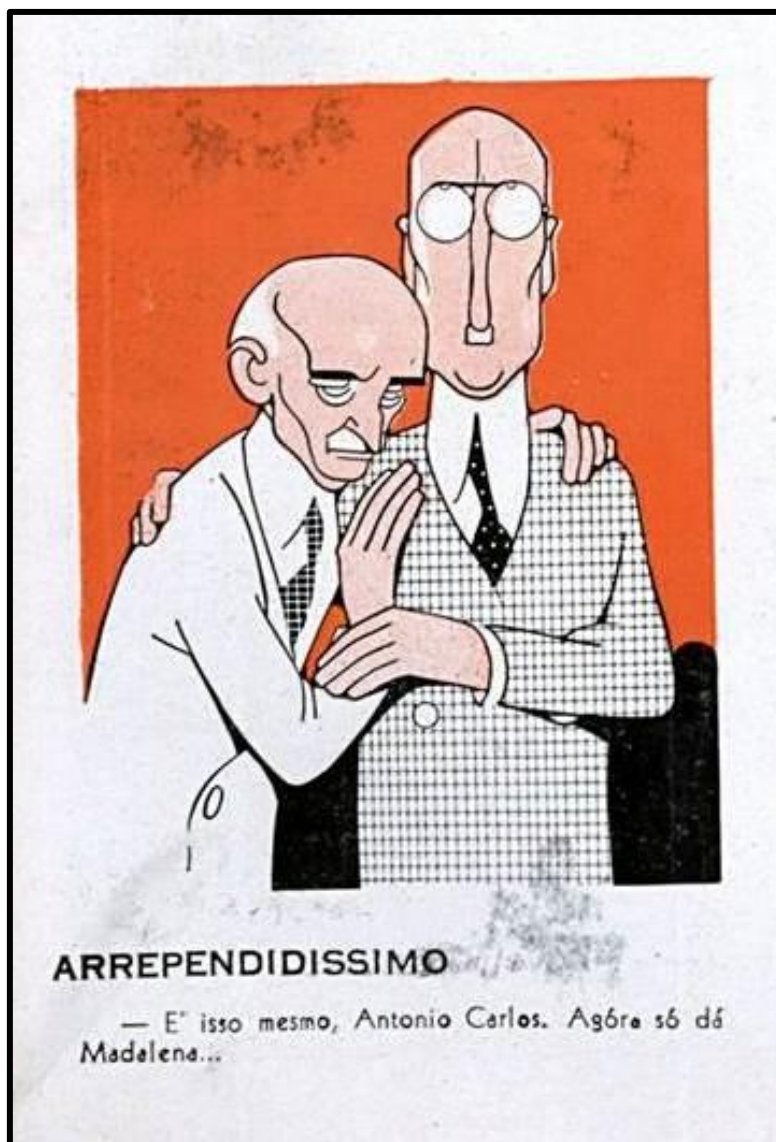


### MAIS UMA CONDIÇÃO

— Açam que o futuro presidente não deve ser um politico de nome apenas no Brasil. E' necessario que alcance o estrangeiro...

GETULIO: — Compreendo, não seria máu. Um politico de ondas longas e curtas...



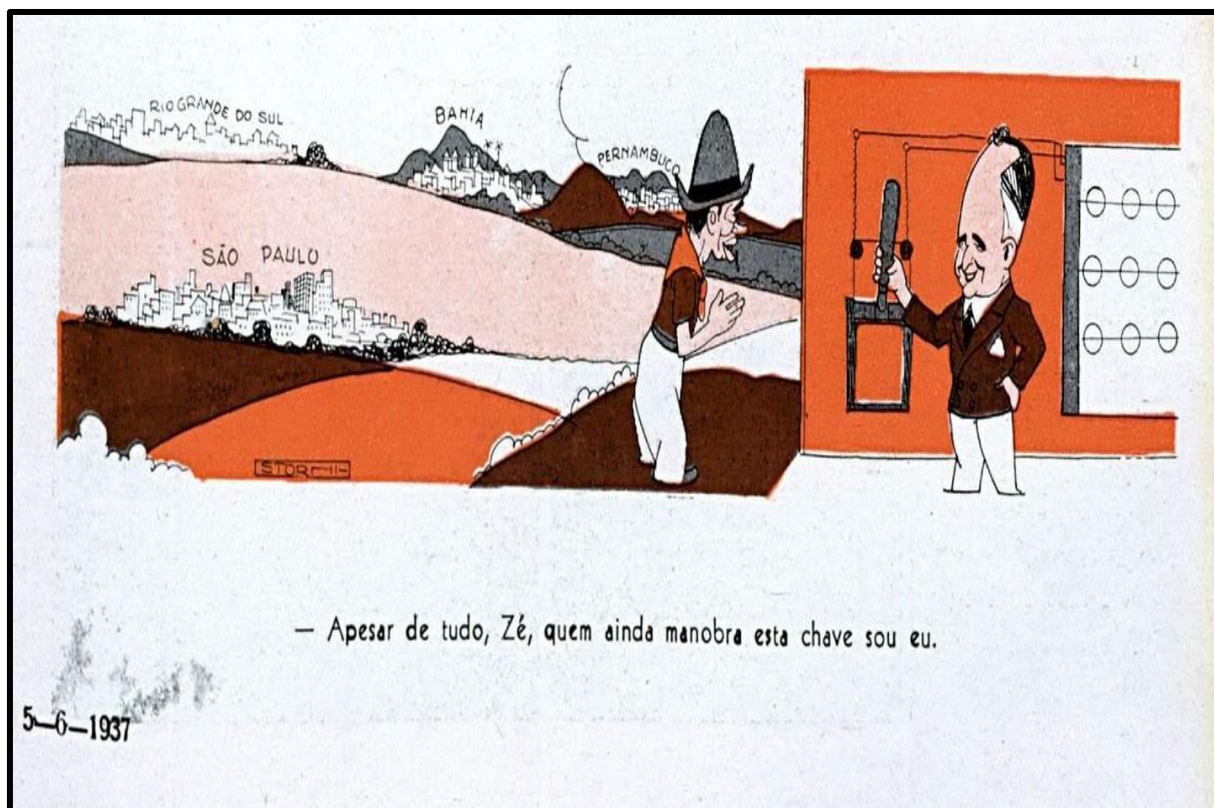




**EXCESSO DE ZELO**

- Socorro! Socorro!
- Mas, afinal, o que é que a senhora quer mais? Não chega tanto auxílio?
- E' que elles estão me lançando os socorros sobre a cabeça.

A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937







DIALOGOS IMPOSSIVEIS



Na presença de vários políticos, o baiano João Mangabeira e o paulista Valdemar Martins Ferreira conversavam utilizando-se das palavras “provisório” e “definitivo” para se referir à possibilidade de permanência de Vargas no poder. A revista brincava com o hábito político-eleitoral da época da República Velha, com a “convenção”, que escolhia os candidatos, no caso Benedito Valadares, ocorrendo o estranhamento do Jeca para com tal prática em plena República Nova<sup>78</sup>. Na presença de Tio Sam e John Bull, representando o imperialismo estadunidense e britânico, Getúlio Vargas colocava-se como isento de culpa, ao passar o “abacaxi” – em sinal das dificuldades financeiras do país – da candidatura governista a José Américo de Almeida, pois assim o Presidente poderia lavar as mãos na bacia de Pilatos, demonstrando autojustificação ou indiferença para com os governados. Com humor, Getúlio Vargas fazia troça de uma suposta “carreira vertiginosa” do político mineiro Benedito Valadares. As tristezas de Antônio Carlos voltavam a ser abordadas, com o reconhecimento de que ele deixara de ser o “homem de outrora”, em referência ao seu protagonismo em 1929-1930. A escolha do político e escritor José Américo como presidenciável era tratada jocosamente como “a descoberta do ‘Américo’”, lembrando a época da chegada dos europeus ao continente americano. . Getúlio aparecia a fazer mágicas quanto à sucessão presidencial, vindo a surpreender-se com a escolha de José Américo. A disputa eleitoral entre Armando Sales e José Américo era demonstrada como a luta entre dois cavaleiros, com Vargas sugerindo a possibilidade, frente ao equilíbrio entre de ambos, deles escolherem

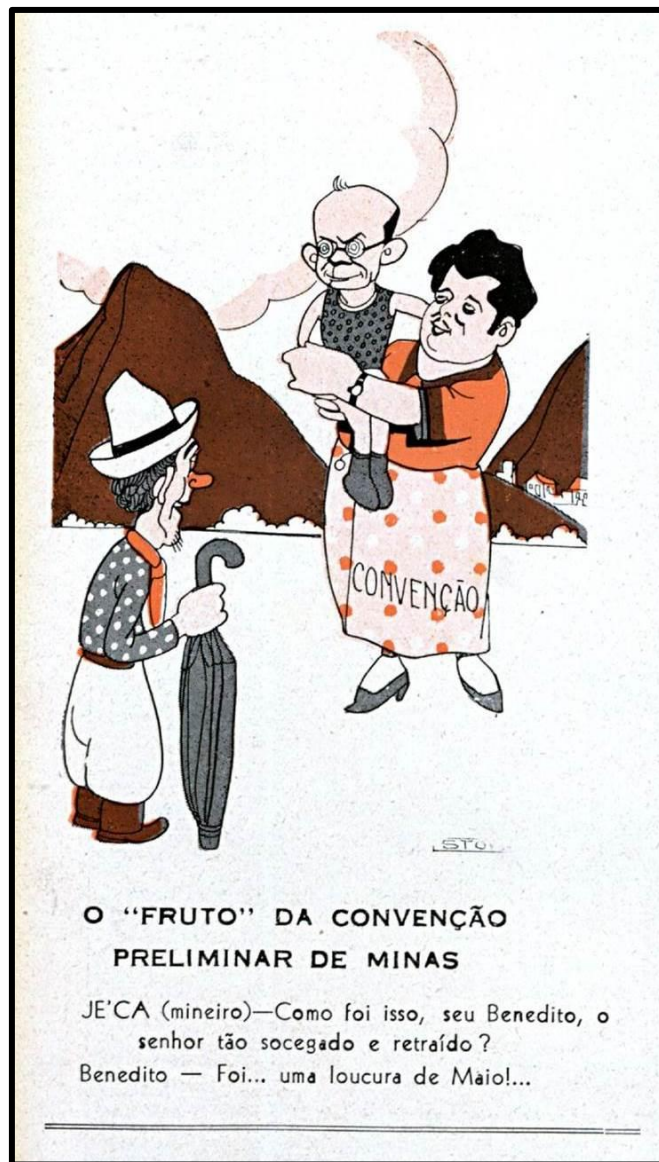
---

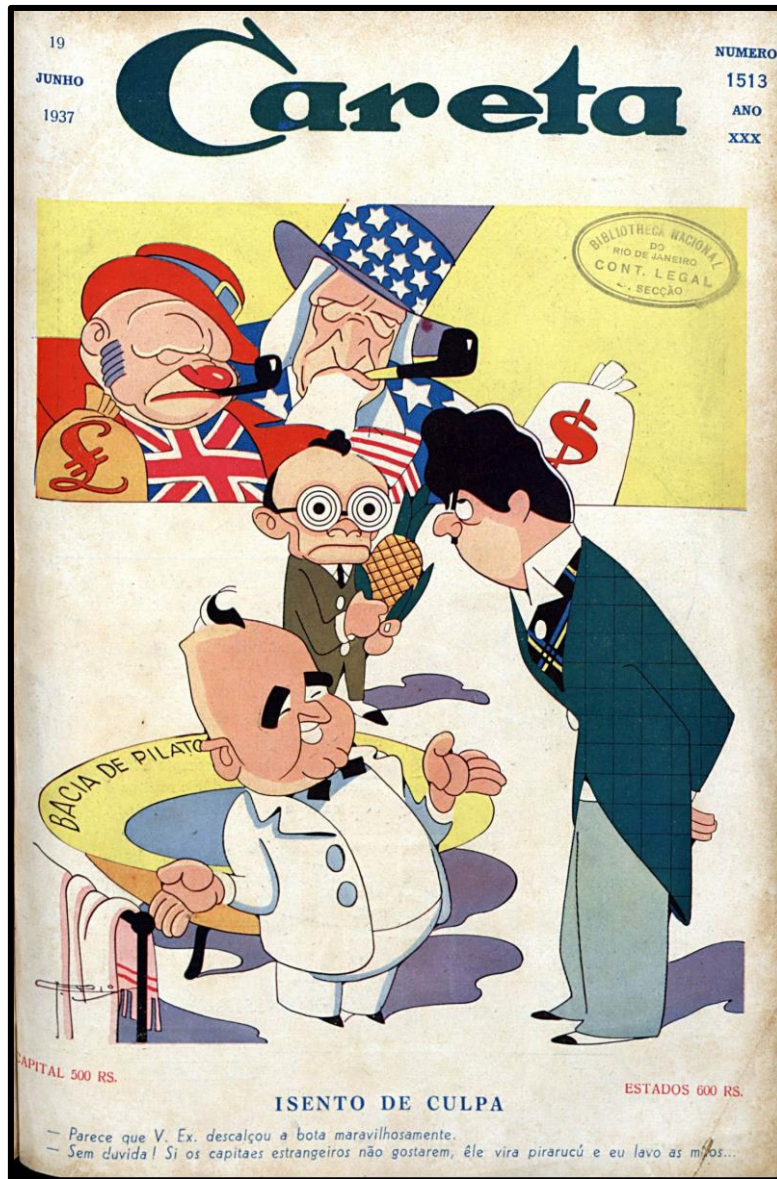
<sup>78</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 12 jun. 1937.

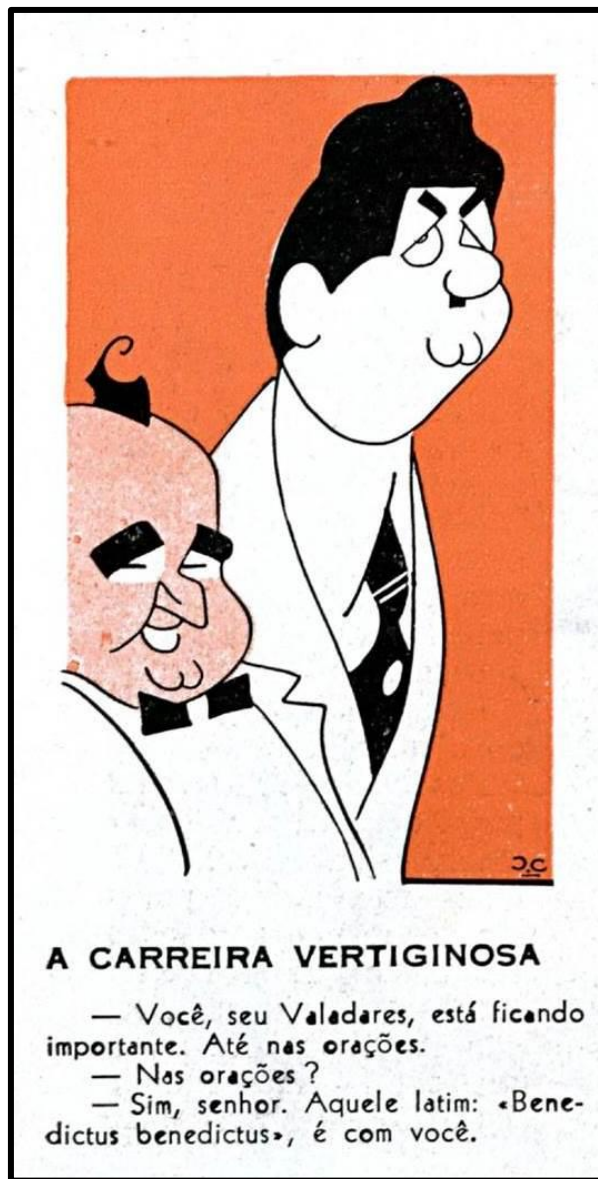
ele próprio como vencedor. Em outra caricatura, Américo de Almeida conversava com vários indivíduos, assumindo que recebera o “abacaxi” da pretensão ao cargo presidencial e, na posse da mesma fruta, com a presença de Armando Sales, recebia a recomendação de um eleitor no sentido de diminuir a carga tributária no Brasil. A estratégia ambígua de Vargas voltava a ser abordada, ao apontar a possibilidade do lançamento da candidatura de Macedo Soares<sup>79</sup>.



<sup>79</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 19 jun. 1937.











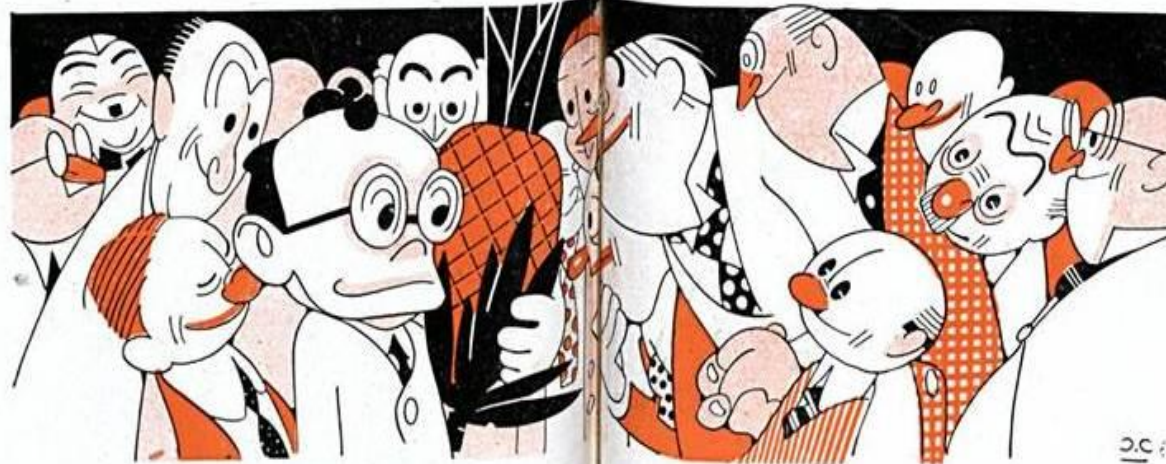


22



### PAU A PAU

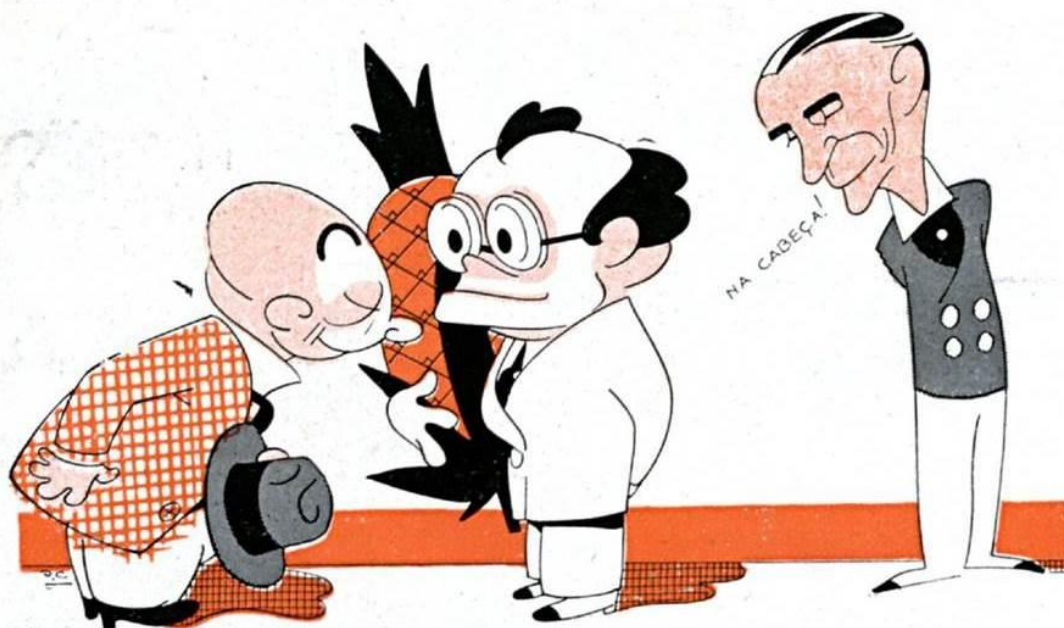
○ DO MEIO — As forças estão de tal modo equilibradas, que a única solução é vocês me escolherem como vencedor...



O "ABACAXI"

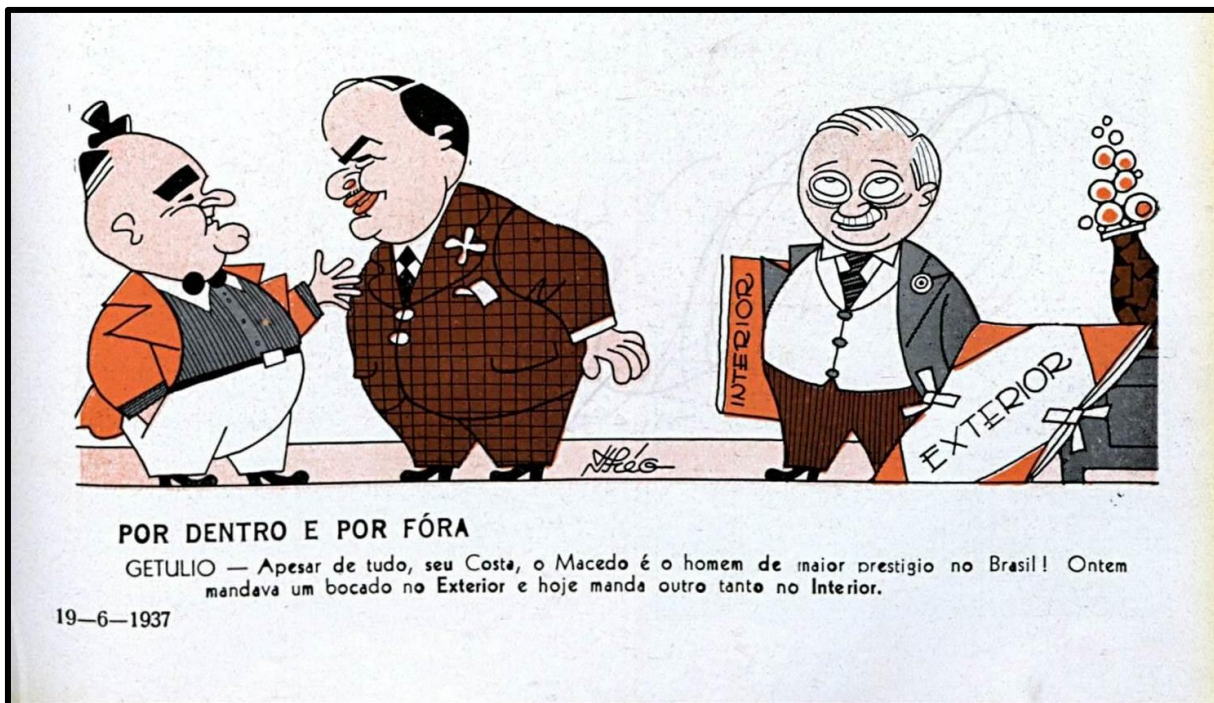
ZE' AMERICO — Sem duvida. Como diz Lavoisier: «*de e perde na natureza*». O abacaxi é uma fruta riquissima. Das cascas faz-se champagne

30



**COMECEMOS POR CASA**

- Sei que V. Exa. não permitirá o assalto ao bolso particular.
- Jamais!
- Recomendo-lhe então, e especialmente, o fisco voraz.



O magazine trazia ainda o debate da sucessão presidencial em meio aos populares, com a indicação de que, entre José Américo e Armando Sales, seria preferível não votar em nenhum dos dois. Como candidato, José Américo de Almeida, com o tradicional abacaxi à mão, surgia como um núbil pretendido por várias alegorias femininas que representavam a República Velha, a República Nova e até mesmo uma república do futuro, mas sendo desaconselhadas pela sovínice do político. Sobre um homem possivelmente rápido no volante, seu interlocutor perguntava se ele não iria visitar o candidato Zé Américo de

Almeida. No altar da pátria, ostentando a imagem da mulher-república, Getúlio Vargas apagava várias velas que representavam candidaturas fracassadas, enquanto mantinha em sua mão uma vela sem nome, em alusão a uma possível autocandidatura. As eleições foram apresentadas como uma balança que pesava os votos, mas cujo fiel era Vargas, cuja inclinação seria fundamental para o resultado do pleito<sup>80</sup>. O grego Diógenes, que carregava uma lanterna em busca de um homem honesto – figura tradicionalmente utilizada pela caricatura – surgia nas páginas do periódico carregando José Américo e a fruta bromeliácea, conversando com o Jeca e revelando que não fora ele que encontrara o candidato e sim o político mineiro Benedito Valadares. Caminhando pelas ruas, dois indivíduos conversavam saudosos da época de Nilo Peçanha e sua política de “paz e amor”. Já outros dois dialogavam, com um deles mostrando-se bastante astuto ao aproximar-se de todos os postulantes à Presidência. Vargas entregava a espada da Justiça a Macedo Soares, encarregando-o de barrar a candidatura oposicionista de Armando Sales. Figurativamente, políticos gaúchos estendiam uma estrutura para que Flores da Cunha pulasse, em sinal de sua desistência de qualquer pretensão eleitoral. José Américo aparecia como um automobilista que pretendia estabelecer sua campanha em meio à população que, entretanto, era controlada com violência pelas forças policiais<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 26 jun. 1937.

<sup>81</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 jul. 1937.

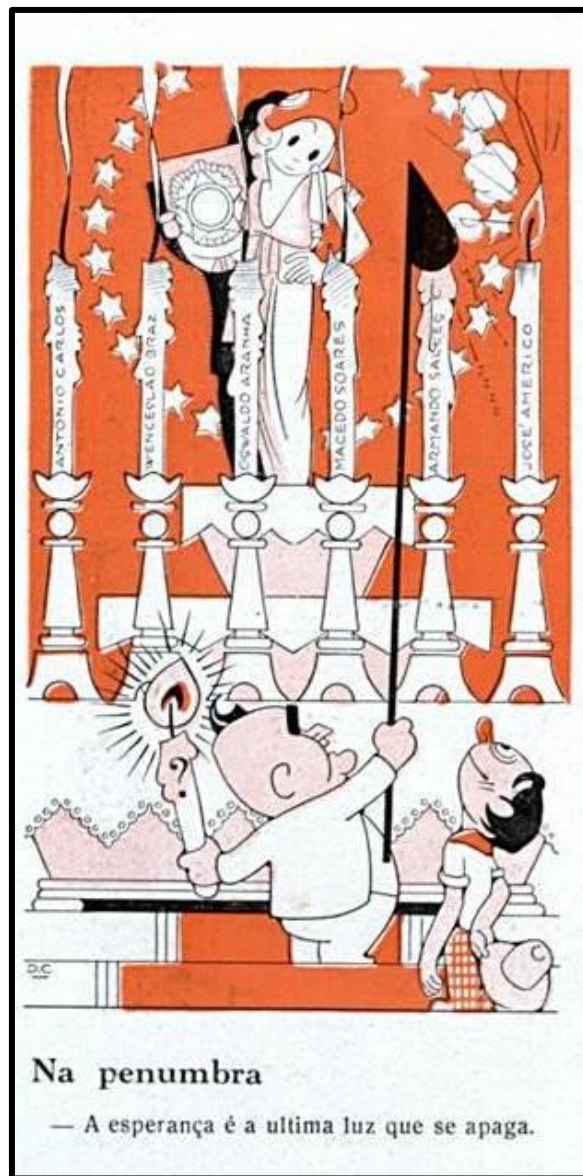


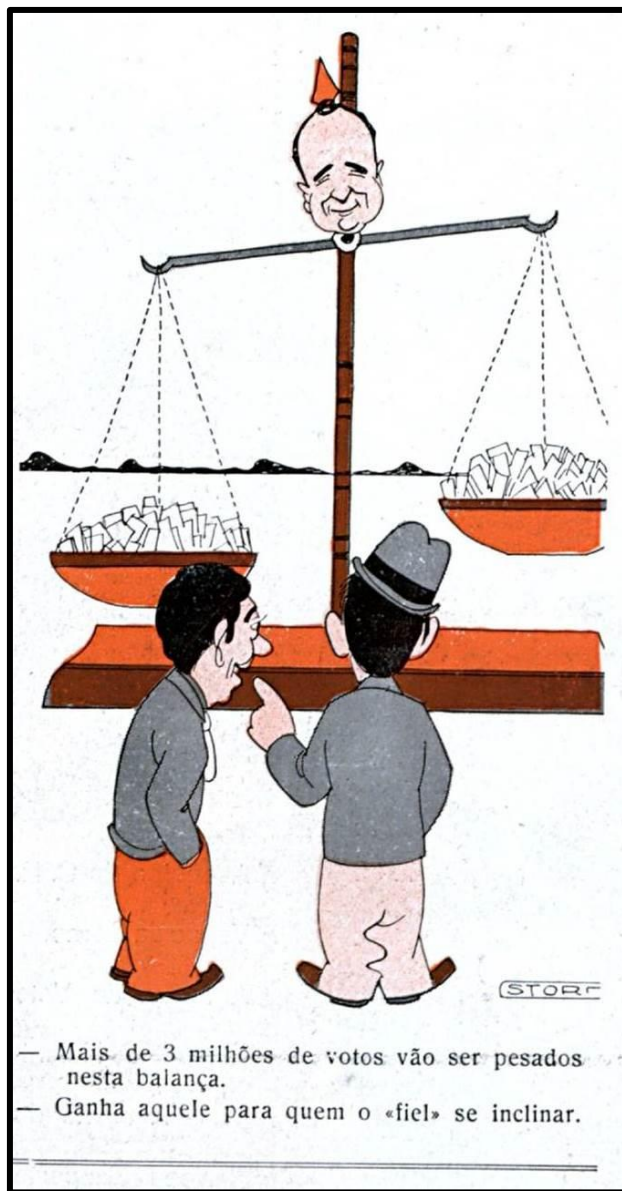
A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937





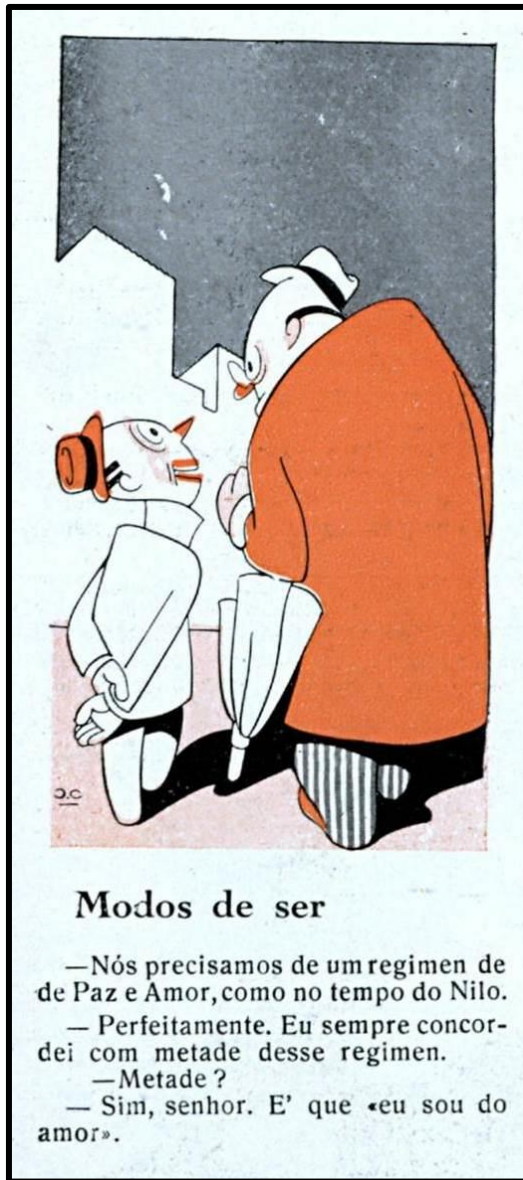






A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937





### Modos de ser

— Nós precisamos de um regimen de Paz e Amor, como no tempo do Nilo.

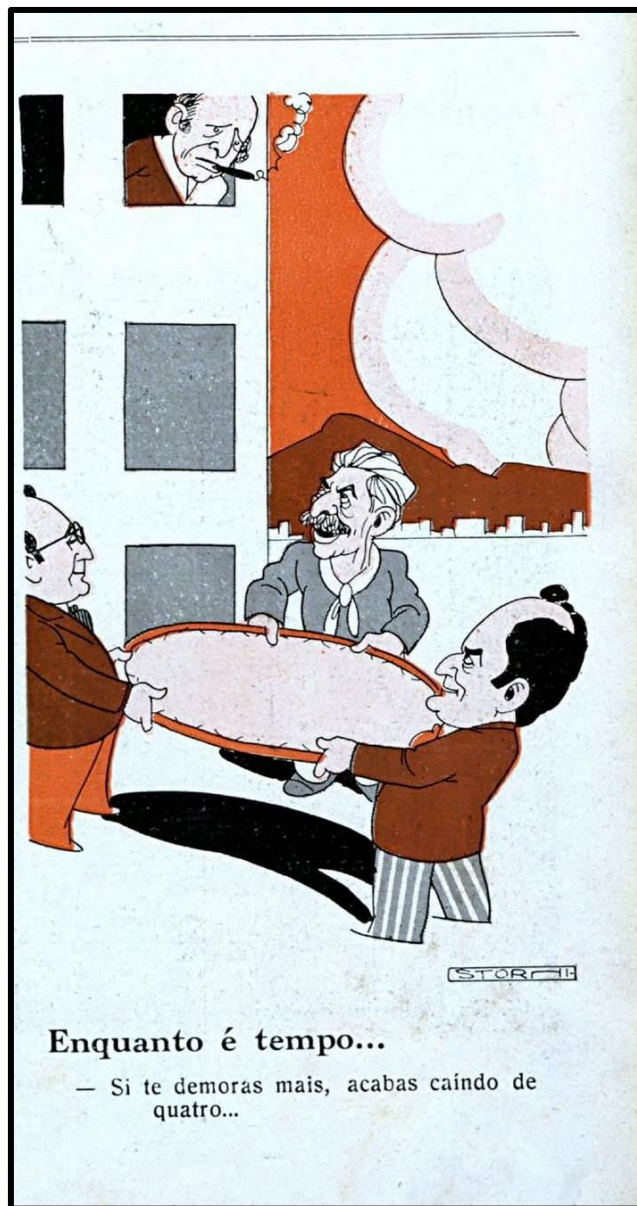
— Perfeitamente. Eu sempre concordei com metade desse regimen.

— Metade ?

— Sim, senhor. E' que «eu sou do amor».









A função de coordenador de campanha do mineiro Benedito Valadares era tratada com pilhéria por parte do semanário. Mais uma vez representado como um automobilista, José Américo preparava-se para partir em campanha, pilotando um automóvel, cedido por Vargas, que iria utilizá-lo em sua própria divulgação. Um eleitor refletia sobre o valor de seu voto, fosse o embasado nas



convicções, fosse o alicerçado nos interesses financeiros<sup>82</sup>. Tendo em vista a representação de Zé Américo como piloto, Armando Sales também assumia tal papel, recebendo conselhos de personagem de histórias em quadrinhos e depois desenho animado, que ganhava forças ao ingerir espinafre. O semanário identificava mais uma vez a orientação de Vargas no sentido da continuidade, ao preparar várias armadilhas para os presidenciais no caminho para o Palácio do Catete. Frente a diversos candidatos, o Zé Povo aconselhava Getúlio, utilizando-se do velho ditado popular, segundo o qual era melhor permanecer só do que em má companhia. Em meio à campanha de José Américo, um representante da população cobrava que os cortes de gastos públicos também deveriam atingir o aparelho vinculado ao fisco. Com o uniforme dos integralistas, Vargas confessava que tal grupo político não lhe dava trabalho, enquanto seu interlocutor confundia o uso de tal farda com uma adesão à candidatura de Plínio Salgado. Uma possível aproximação entre Flores da Cunha e o candidato Armando Sales era interrompida com a chegada do político paulista Silvio de Campos<sup>83</sup>. Em meio à mobilização popular e as manifestações discursivas de José Américo e Armando Sales, o Presidente da República preparava mais uma armadilha para promover a queda de tais candidatos. Demonstrando certeza em sua vitória eleitoral, Zé Américo propunha-se a mudar a letra do hino nacional para valorizar o seu Estado de nascimento<sup>84</sup>.

---

<sup>82</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 3 jul. 1937.

<sup>83</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 10 jul. 1937.

<sup>84</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 jul. 1937.

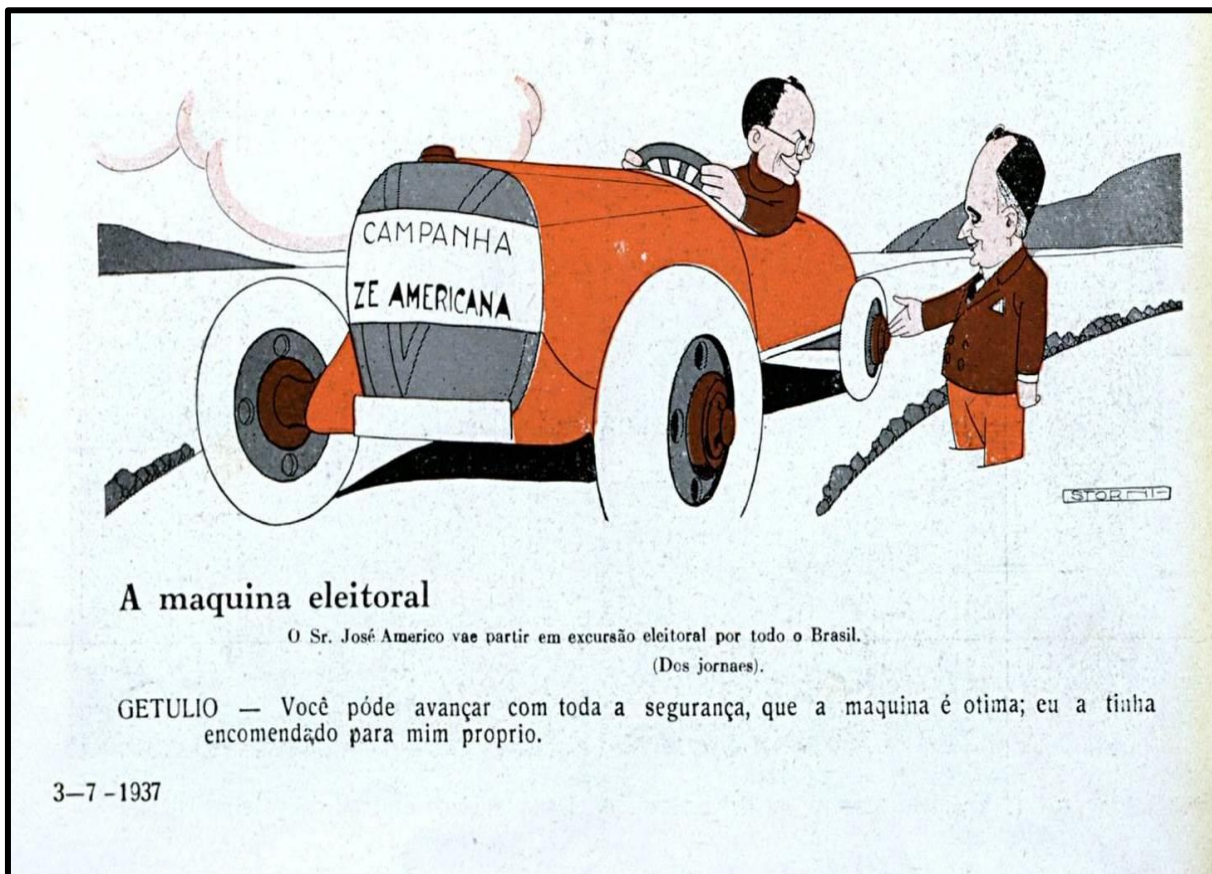


**Si até lá durar a coordenação**

- Que faz o Benedito?
- Na falta de «situações», está coordenando os espíritos!...

**Si fracassarem as coordenações**

- Coitado do Benedito! Depois do fracasso das coordenações, está procurando coordenar as idéas!



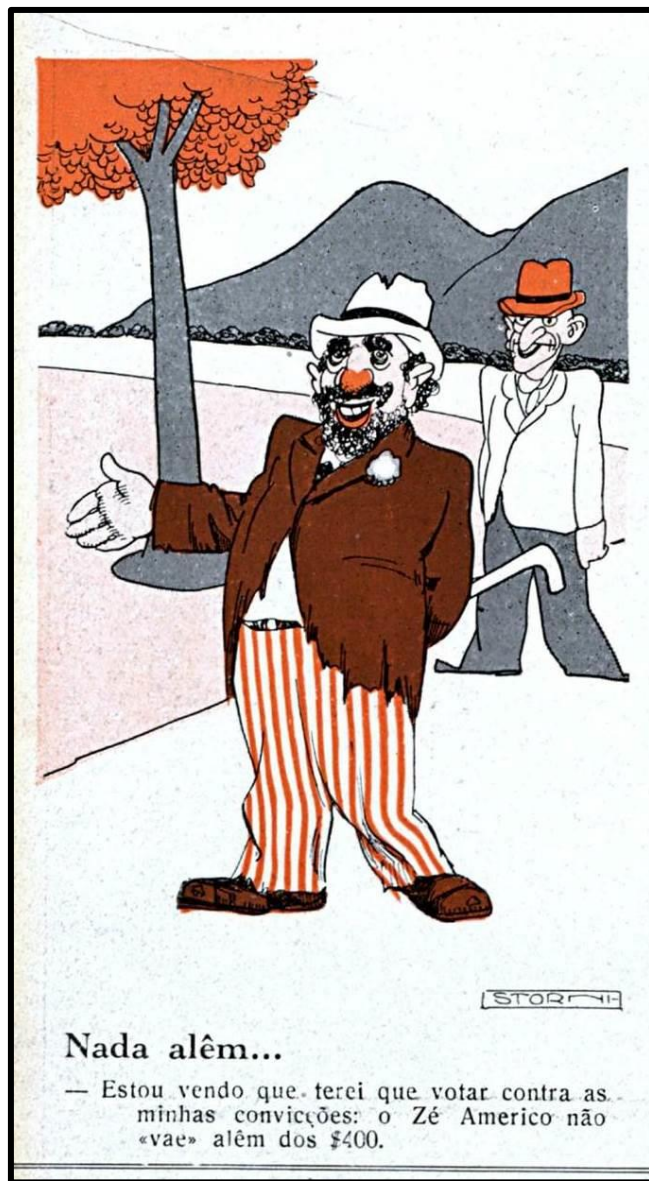
### A maquina eleitoral

O Sr. José Americo vae partir em excursão eleitoral por todo o Brasil.

(Dos jornaes).

GETULIO — Você pôde avançar com toda a segurança, que a maquina é otima; eu a tinha encomendado para mim proprio.

3-7-1937



10  
JULHO  
1937

NUMERO  
1516  
ANO  
XXX

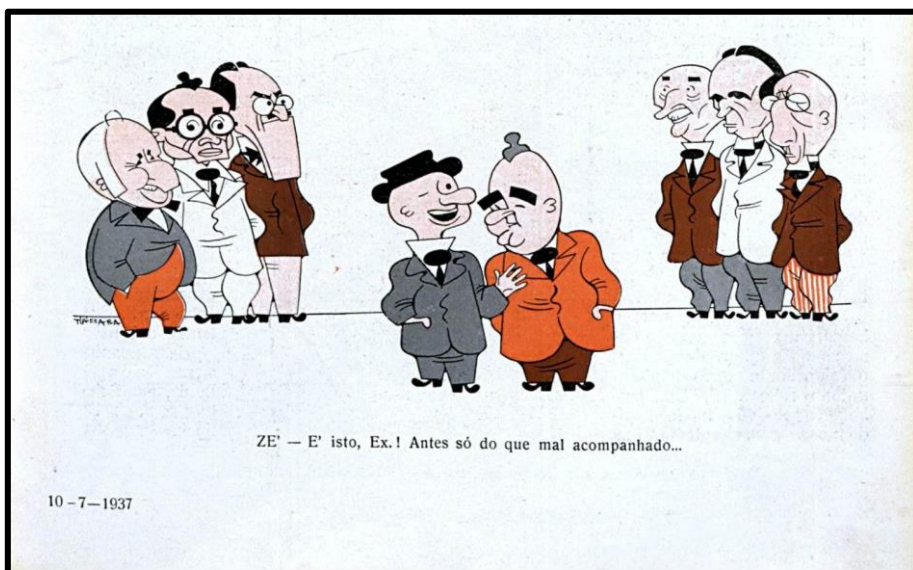
# Careta

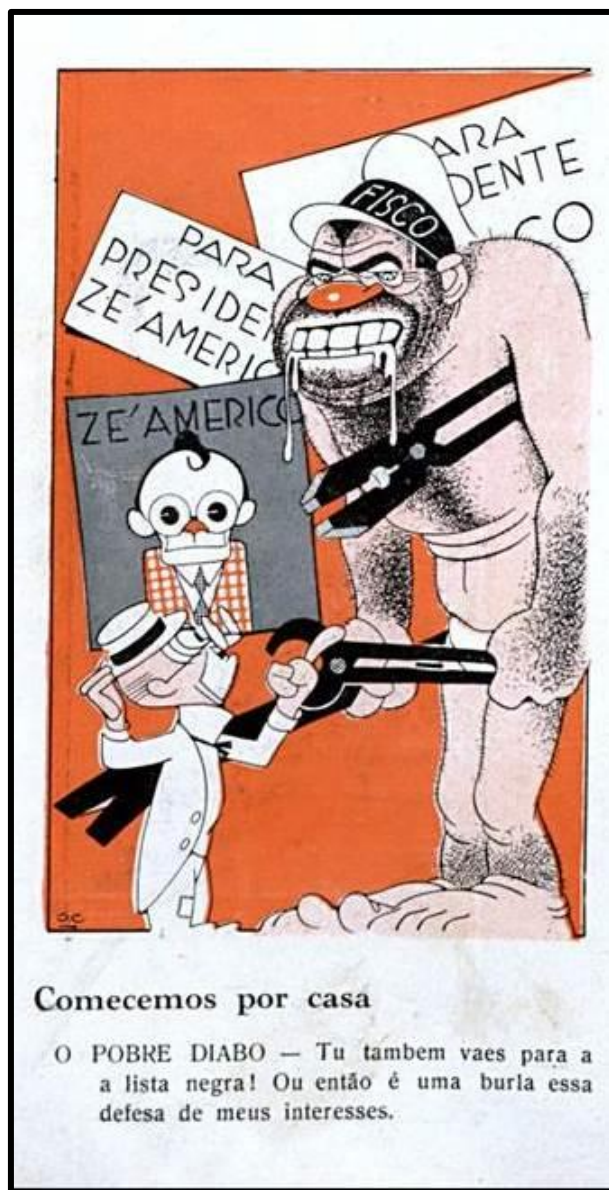
BIBLIOTECA NACIONAL  
DO  
RIO DE JANEIRO  
CONT. LEGAL  
3ª SEÇÃO

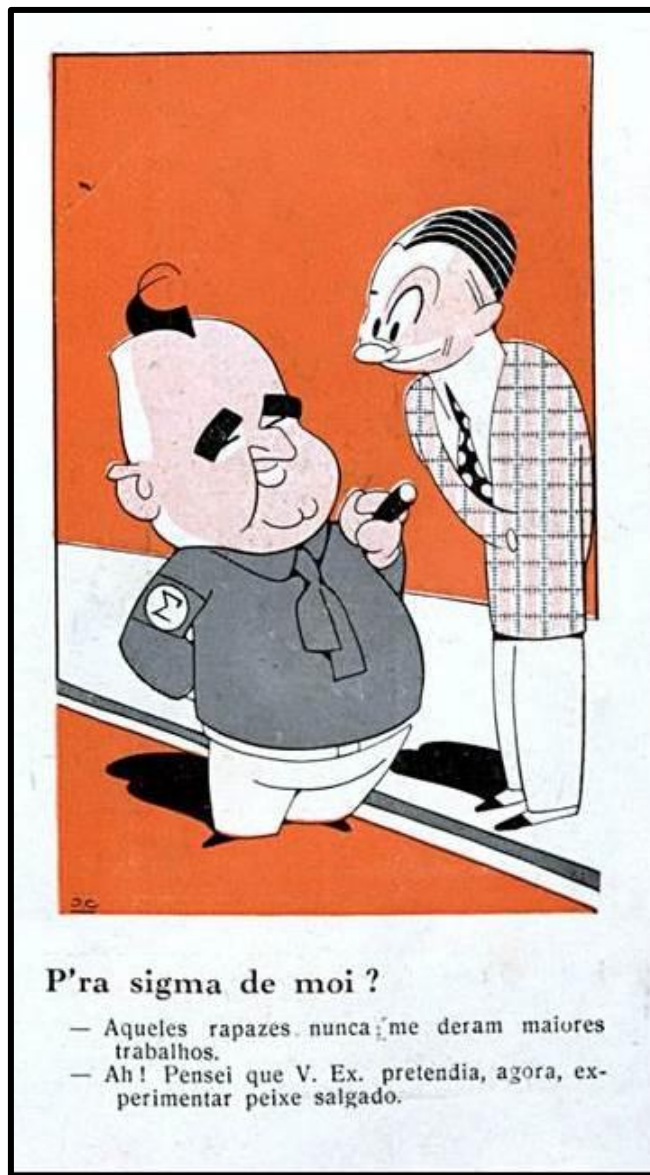
CAPITAL 500 RS. ESTADOS 600 RS.

A voz da experiencia

POPPEYE — Não se impressione. Aquela torcida nervosa vae coprometer a corrida.  
Meta espinafres no tanque e pize o carro.









30



### O rabo do macaco

FLORES — E' pena não podermos explorar essa historia de *car-comidos* e *perrepistas*. O Silvio de Campos vem aí...





### Corrigindo

ZE' AMERICO — Sim! A letra do hino deve ser mudada: em lugar de «margem do Ypiranga» melhor será «margens do Paraíba».

No sentido de conquistar maior popularidade, um ancião aconselhava o candidato Américo de Almeida a tomar cuidado com o peso da carga tributária<sup>85</sup>. Fazendo mais uma referência ao “abacaxi” assumido por José Américo como candidato governista, os políticos pernambucano Carlos de Lima Cavalcanti e o baiano Juracy Magalhães identificavam a presença do presidenciável na região Nordeste. Com um enfoque irônico e levando em conta as promessas de campanha dos candidatos Sales e Almeida, o hebdomadário trazia o Jeca, que se mostrava crédulo, dizendo a Vargas que finalmente conseguiria atingir seus intentos. Fazendo um gracejo com os discursos dos candidatos, a revista buscava demonstrar o pouco valor da palavra dos políticos. Sob o olhar cobiçoso de várias personalidades políticas, Vargas desfrutava de um convescote com a figura feminina que representava a Presidência da República, com os demais não compreendendo a razão de tanta felicidade conjugal<sup>86</sup>. A respeito de um novo aproveitamento para o principal produto da economia brasileira, o Jeca constatava que assim o Brasil poderia economizar na compra de purgativos. Em conversa travada discretamente na rua, dois indivíduos estranhavam o silêncio de Vargas, cujo significado poderia ser de que ele estaria “preparando ‘alguma’”. Os governistas Osvaldo Aranha e Fernando de Sousa Costa disputavam o mérito da obtenção de um acordo com os Estados Unidos. Na enorme cadeira presidencial, Vargas comentava com Armando Sales, Plínio Salgado e José Américo que era difícil subir até ali, de modo que não dava vontade de descer, em alusão à sua intenção de continuidade no poder<sup>87</sup>.

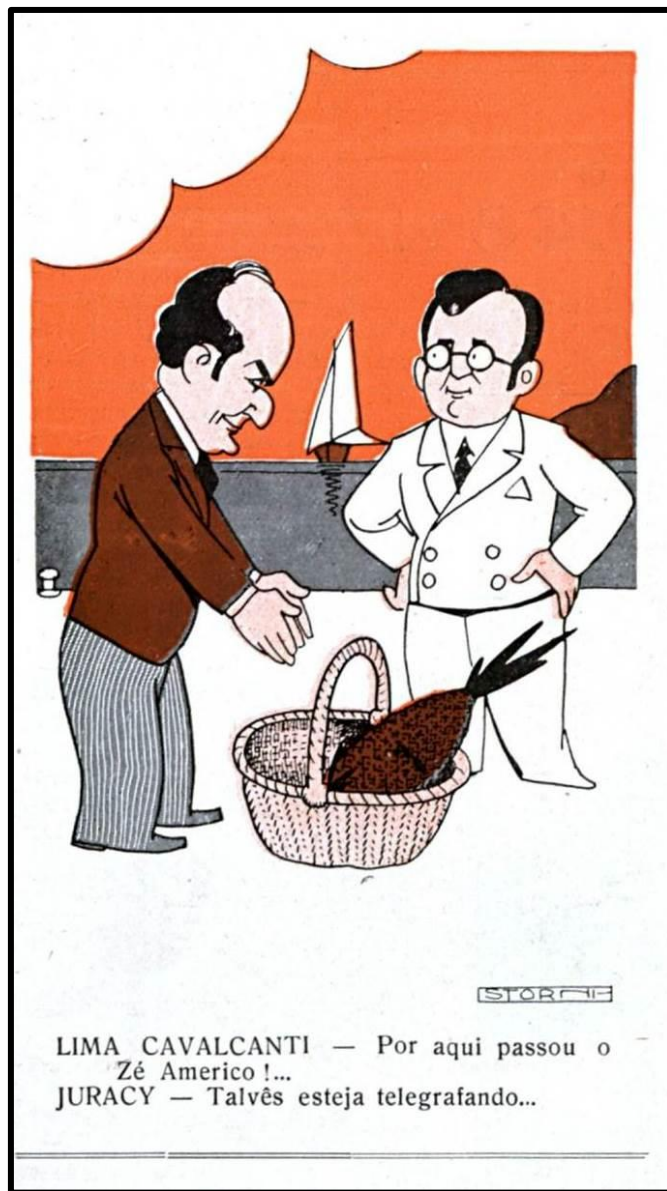
---

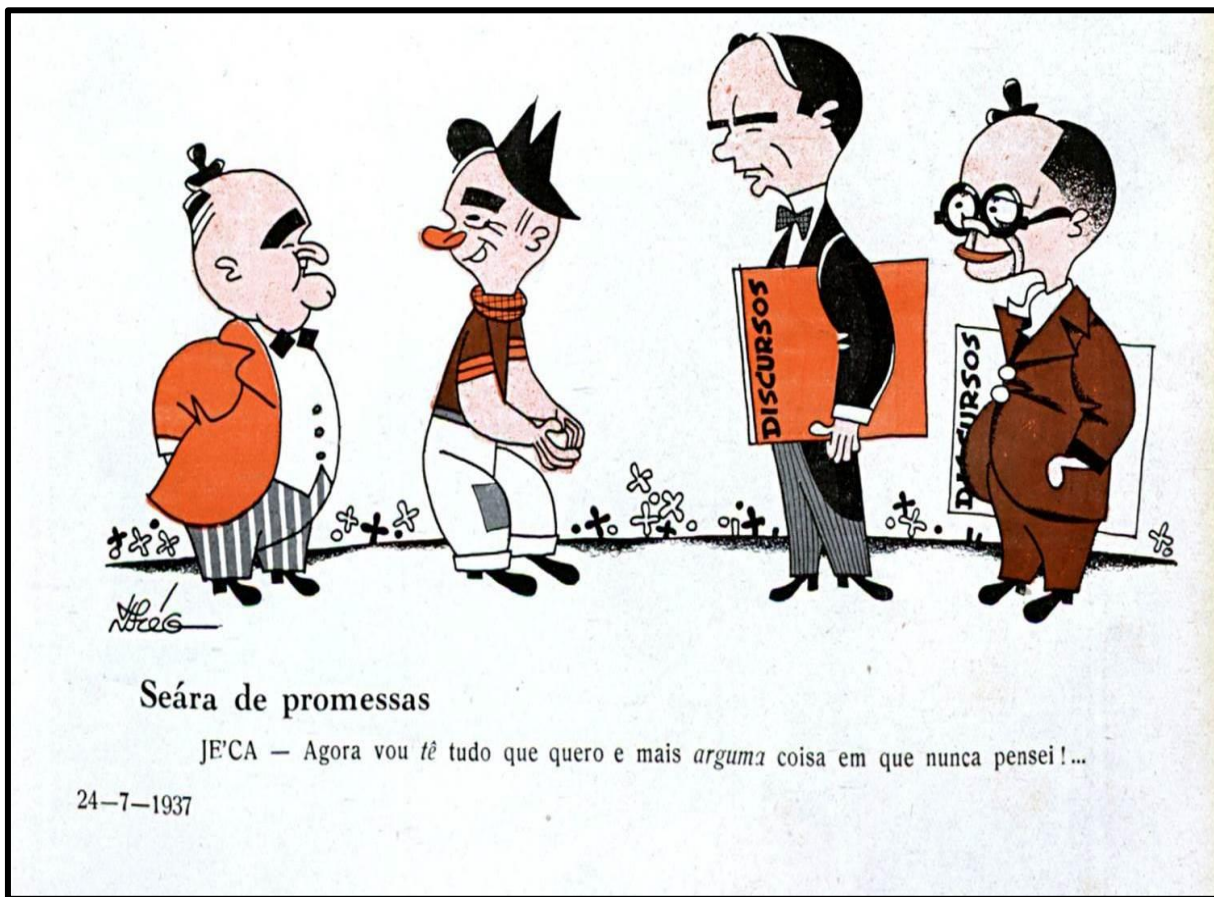
<sup>85</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 jul. 1937.

<sup>86</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 24 jul. 1937.

<sup>87</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 31 jul. 1937.









### Charadas

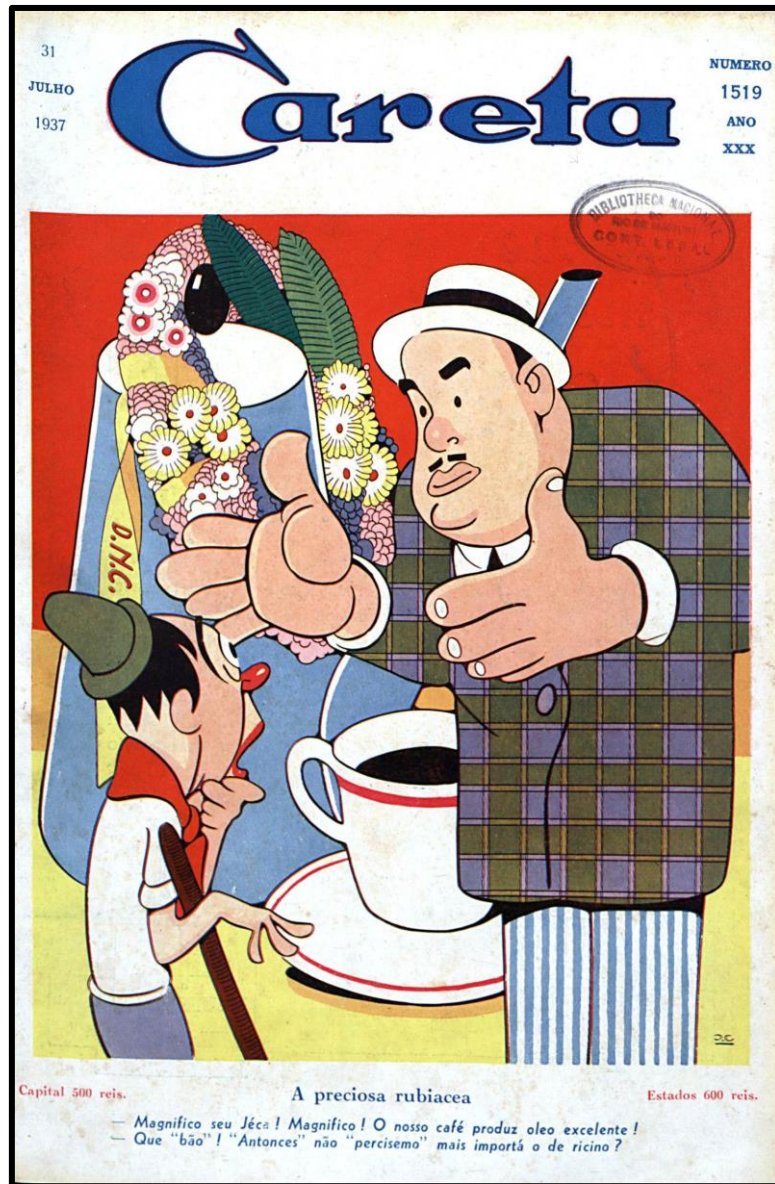
O ORADOR — Sim, meus senhores! Porque a democracia é a democracia! O direito é o direito!  
E as borboletas azues são as borboletas azues!

— Que negocio é esse?

— E' um *test*. Agora a gente tira disso um programa de governo.

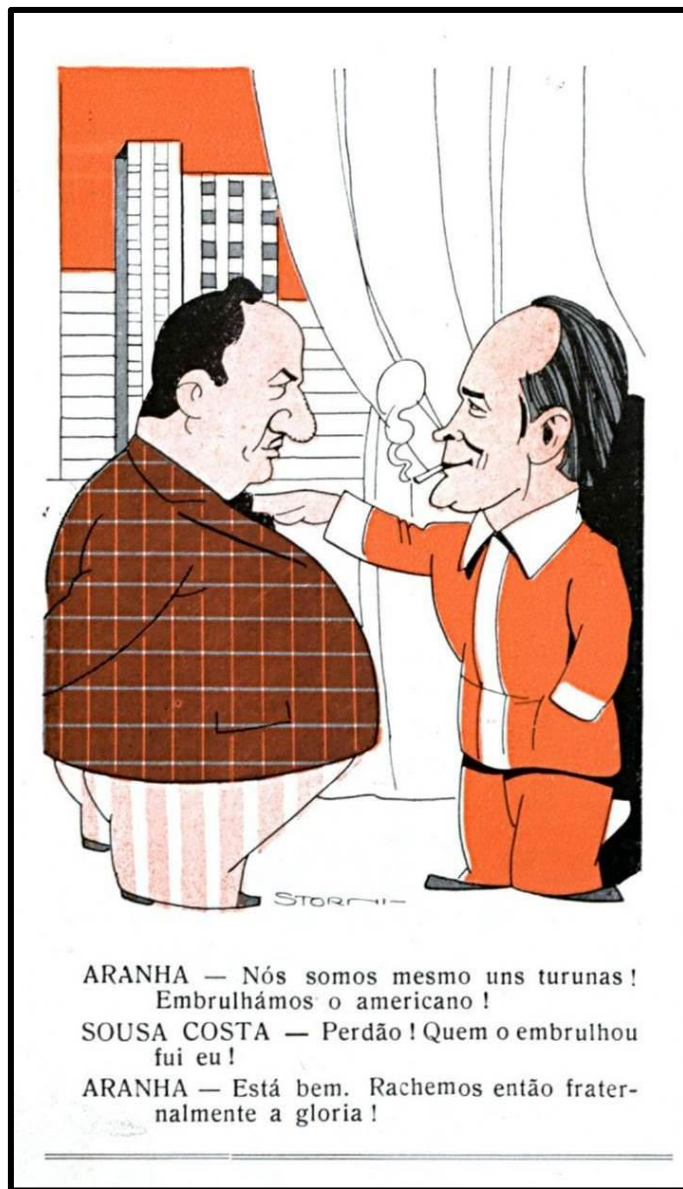


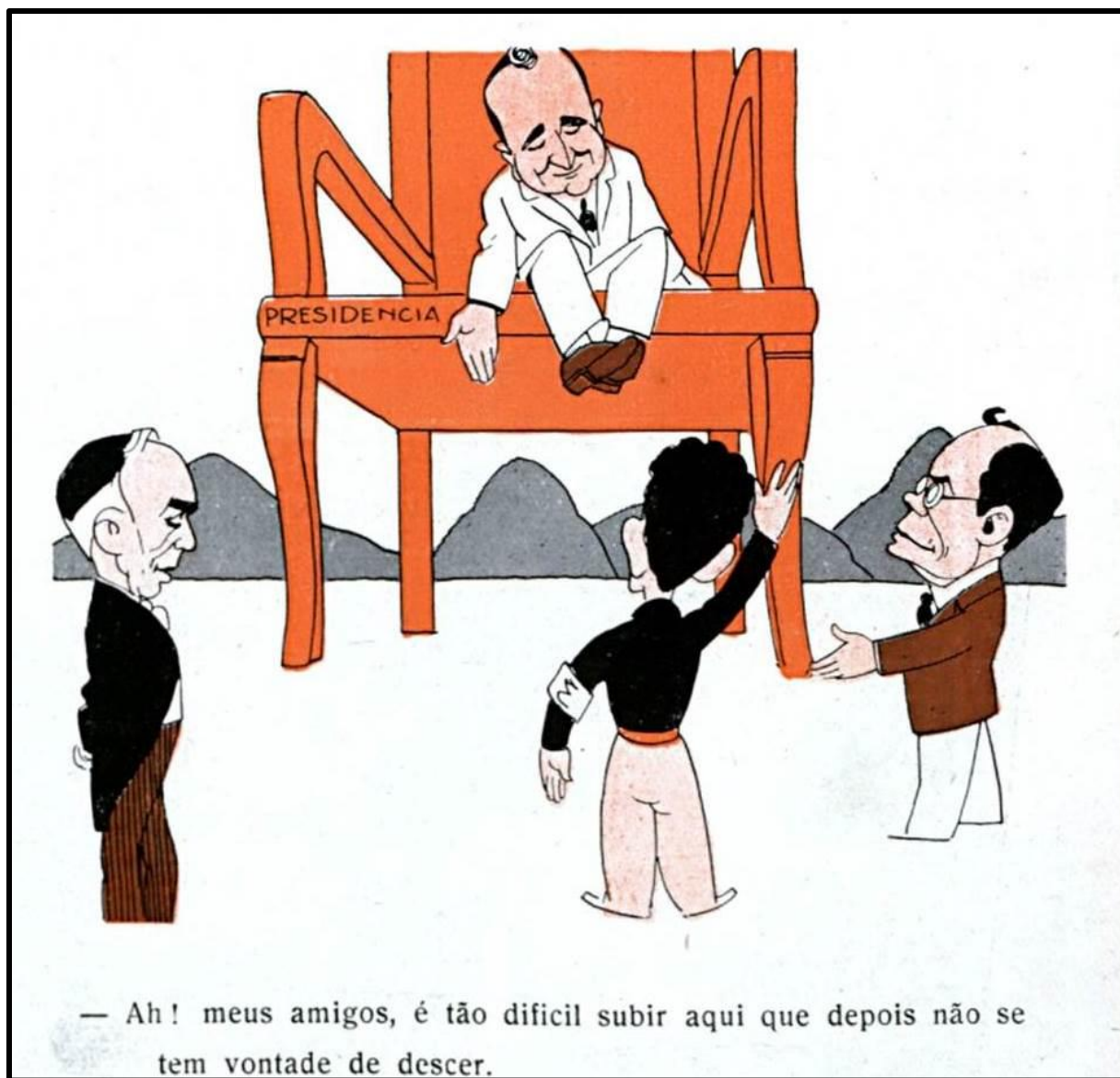




A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937







Ao receber sugestões de um grupo trabalhista, José Américo pedia conselhos no que tange à planificação financeira do país. O confisco federal de armamentos no Rio Grande do Sul, visando à restrição dos poderes de Flores da Cunha foi tratado chistosamente pela revista, que enfatizava o ridículo da situação pela qual passava o chefe gaúcho<sup>88</sup>, tratamento que se estendeu a uma capa do periódico, mostrando uma espécie de capitulação de Cunha. Com inspirações salomônicas, a folha ilustrada carioca mostrava a Presidência 1938-1942 como uma criança pronta a ser dividida entre José Américo e Armando Sales, diante do que Vargas, como um “Salomão de São Borja”, apontava para uma solução na falta de acordo entre os competidores, que seria deixar a menina sob seus próprios cuidados. Sob o atento olhar do Tio Sam, Sousa Costa assinava um convênio, cujo custo recairia sobre os ombros do Jeca. Os dois principais presidenciáveis homenageavam, curvando-se diante do “Povo”, mas este reconhecia que sua “soberania” seria exígua<sup>89</sup>. Remendando a meia de uma envelhecida República Nova, José Américo advertia Armando Sales a não tocar no abacaxi que traduzia a sua candidatura. A agitação em torno dos comícios eleitorais era vista como um risco para os participantes, que tinham de tomar todo o cuidado para evitar sofrimentos. Em mais um contato com o povo, Getúlio Vargas escutava conselhos do Jeca quanto à sua postura na sucessão presidencial<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 31 jul. 1937.

<sup>89</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 7 ago. 1937.

<sup>90</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 ago. 1937.



### Palpites

"Elementos trabalhistas apresentam sugestões para a plataforma do Sr. José Americo".  
(Dos jornais.)

O CANDIDATO — Magnificas as vossas sugestões! Aquele de vós que tem um plano financeiro  
queira dar um passo à frente.



















Os discursos proferidos pelos presidenciáveis, com suas respectivas promessas, eram vistos por Vargas como extremamente nocivos para qualquer candidatura, tendo em vista as dificuldades para o cumprimento das mesmas. Em visita a uma cartomante, Zé Américo compreende que sua campanha poderia ser prejudicada pela precariedade na prestação de serviços públicos<sup>91</sup>. Diante do empréstimo obtido por Sousa Costa, o Jeca recomendava Américo de Almeida a rejeitar tais finanças, tendo em vista o alto custo em termos de dívida externa. O magazine apontou também para uma associação entre esporte e política na busca pela conquista de popularidade<sup>92</sup>. Até mesmo o material publicitário apresentado no hebdomadário utilizou-se da campanha presidencial, ao mostrar Zé Américo e Armando Sales brindando, havendo entre eles a concordância pelo menos quanto à bebida propagandeada. A conquista de seguidores por parte de José Américo era vista a partir da pilhéria pela qual ele só conseguira tantos adeptos por saber o caminho para as finanças públicas. O tema das promessas de campanha voltava à baila, não só com a presença dos dois principais candidatos, como também de Macedo Soares que, como membro do governo, teria promissões mais garantidas. Ainda a respeito deste tema, pelo viés jocoso, José Américo encontrava na habitação popular e no transporte público duas de suas plataformas de governo. Frente ao olhar desesperançado de Antônio Carlos, Vargas, com as próprias mãos, promovia o desarmamento de Flores da Cunha, assim como fizera com os tenentes<sup>93</sup>.

---

<sup>91</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 14 ago. 1937.

<sup>92</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 21 ago. 1937.

<sup>93</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 28 ago. 1937.











### O esporte empólga

— Então o Zé Americo conversou com o Padilha? Será que ele deseja o estadio do Flamengo?

— E'. E o Getulio vae pedir a piscina do Guanabara.

— Piscina?!

— Sim. Vae criar pirarucús.



18



**Boas notícias.**

- Por que tanta gente a seguiu-lo?
- Porque êle cometeu a leviandade de dizer que sabe onde está o dinheiro.



ZE' — Eles lá estão anunciando mundos e fundos...

M. S. — Não vá atrás disso. O que você não encontrar aqui, não encontrará em parte nenhuma...

28—8—1937







Com seu indefectível abacaxi, Américo de Almeida parecia agradar o público com seu discurso, mas as palmas eram puxadas a partir da constatação de que ele tinha ciência da localização do dinheiro público<sup>94</sup>. Levando em conta aspectos religiosos e credices populares, Vargas preparava os “últimos despachos” para proteger a cadeira presidencial, de modo que, sob o argumento de uma postura “ultranacionalista”, preparava o “trono” para continuar a ocupá-lo. Em meio a dois bondes que se dirigiam ao Catete, tendo cada um por motorneiro os dois principais presidenciáveis, o Jeca perguntava a Getúlio se ele não embarcaria em nenhum deles, ao que o Presidente optava por ir a pé, evitando assim compromissos com qualquer uma das candidaturas. A atitude de não adesão adotada por um militar foi comentada por um político baiano e um mineiro, considerando que talvez fosse a melhor solução<sup>95</sup>. O próprio Vargas também aparecia lavando as mãos frente aos movimentos políticos do momento, alguns deles por ele mesmo realizados, como no caso do desarmamento do Rio Grande do Sul. O conhecimento de Zé Américo quanto à localização do dinheiro foi novamente abordado, com um indivíduo imaginando poder ser ministro, por também saber que as finanças estavam nas casas bancárias internacionais, enquanto uma menina pedia ao avô que telefonasse para o candidato, para que ele a ajudasse a encontrar suas economias perdidas<sup>96</sup>.

---

<sup>94</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 28 ago. 1937.

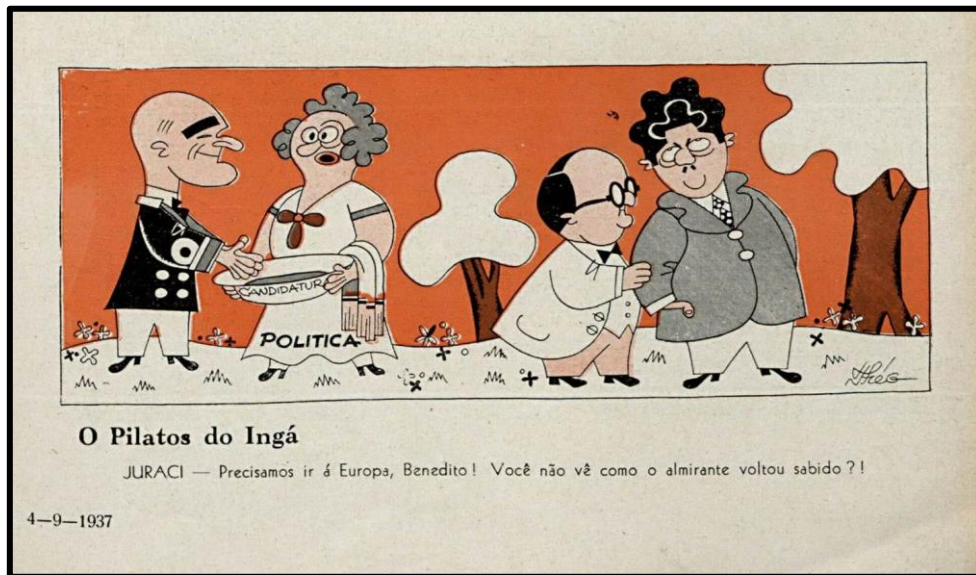
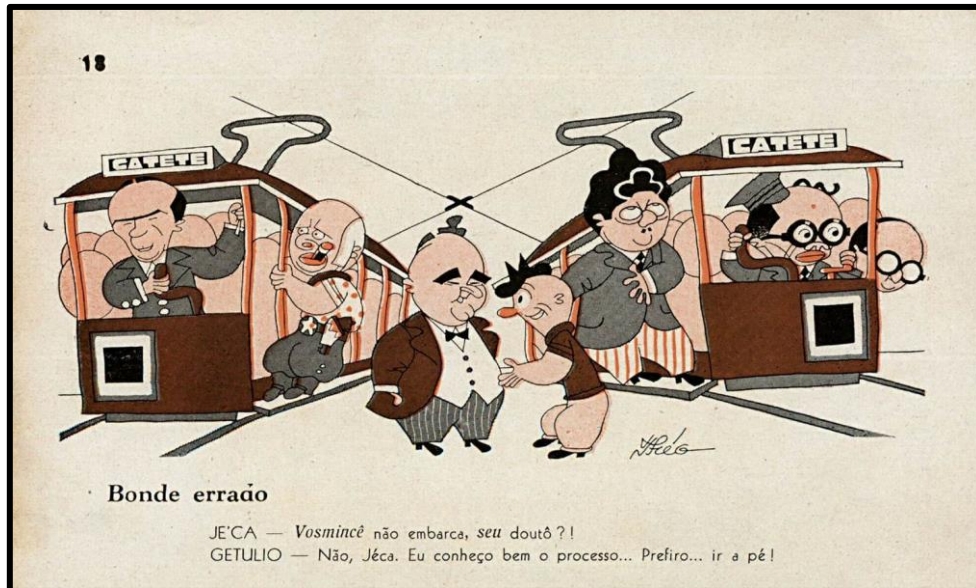
<sup>95</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 4 set. 1937.

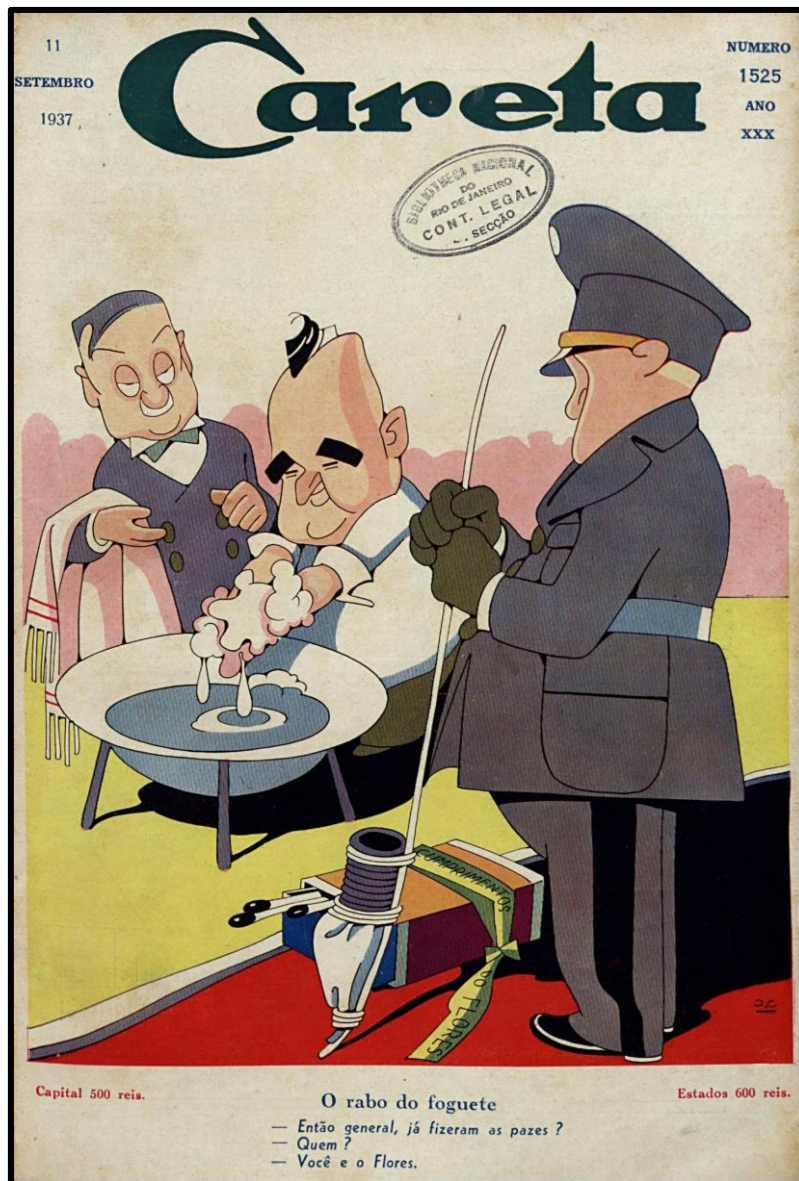
<sup>96</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 11 set. 1937.



A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937









### Mais um adivinho

— Parece que eu vou ser ministro do Zé Americo. Eu tambem sei onde está o dinheiro.

— Sim ?

— E' exato. Está na casa Rothschild.



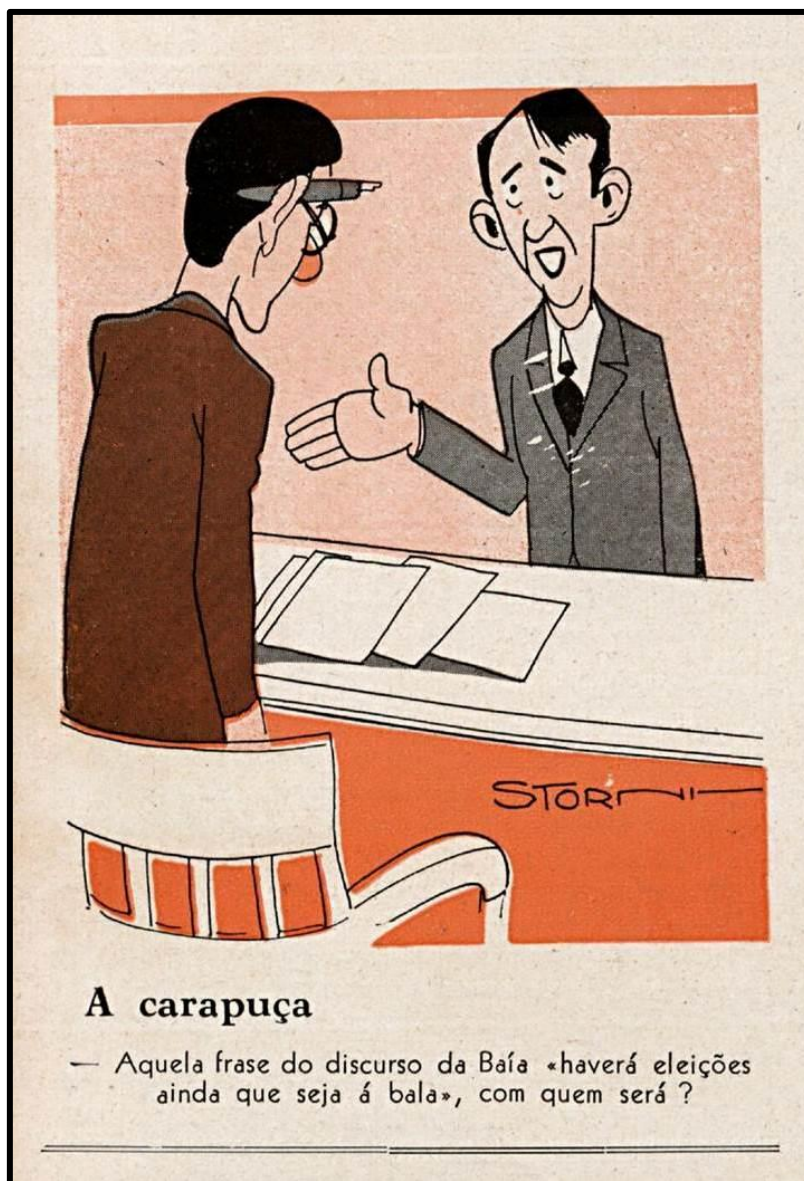
A realização ou não das eleições parecia ser tema das conversas cotidianas, como no caso do diálogo entre dois indivíduos, acerca do processo eleitoral realizar-se, mesmo que para tanto fosse necessária a violência. Em uma viagem pelos agitados mares nordestinos, o pernambucano Carlos de Lima Cavalcanti, apontava para José Américo a necessidade de aliviar a carga da embarcação. A respeito da agitação política em torno da eleição, o Jeca avisava que a mesma poderia servir como pretexto para a manutenção de Vargas no poder<sup>97</sup>. Em mais uma capa da *Careta* eram mostrados vários lugares onde as pessoas escondiam dinheiro, enquanto José Américo, que dissera saber onde encontrá-la se via em dificuldades para confirmar sua manifestação. A pauta era a mesma no conjunto caricatural intitulado “Onde está o dinheiro?”, no qual a temática era debatida no âmbito governamental, na prática de um roubo e em um julgamento. As cascas de bananas lançadas ao chão por Vargas para atrapalhar o caminho de seus adversários, também foi apresentada pela revista em termos de política externa, ao mostrar o Jeca divertindo-se com o possível tombo de um ministro argentino frente a providência getulista quanto aos armamentos brasileiros. Os conflitos entre Getúlio e Flores da Cunha eram sintetizados como um enfrentamento de dois gaúchos com seus laços, havendo ainda a presença do Jeca que questionava se tal disputa teria ou não um desfecho<sup>98</sup>.

---

<sup>97</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 11 set. 1937.

<sup>98</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 18 set. 1937.

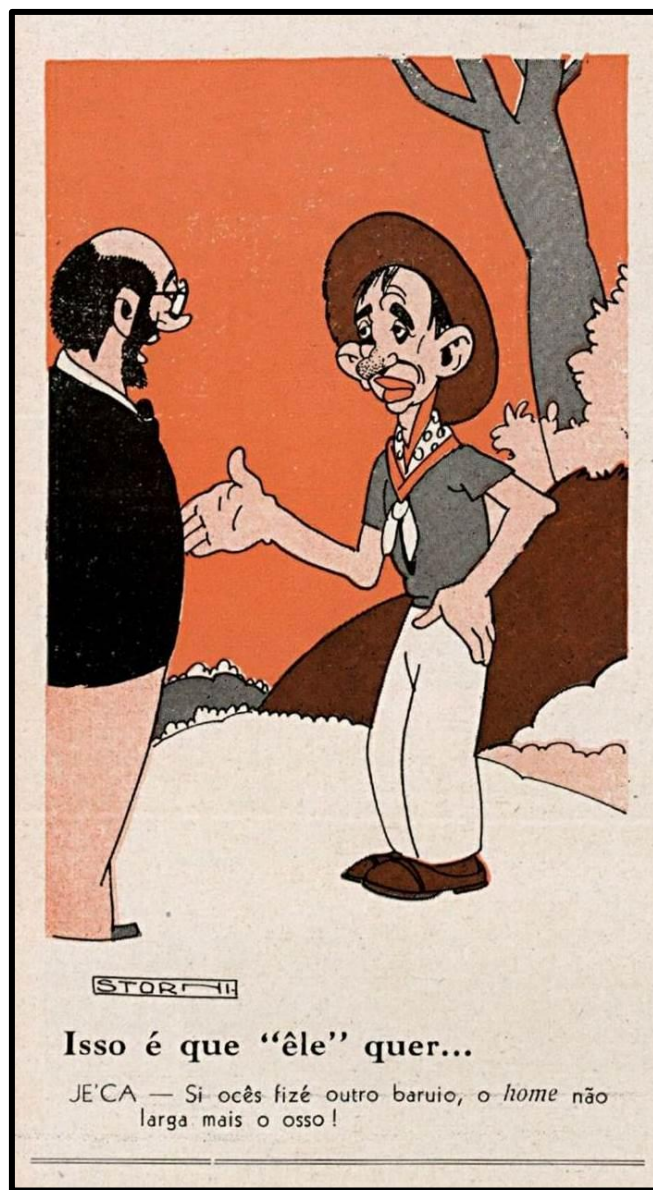




### A carapuça

— Aquela frase do discurso da Baía «haverá eleições ainda que seja á bala», com quem será ?









### Onde está o dinheiro ?

SOUSA COSTA — Si você me  
tixesse dito que sabia *onde estava*  
*o dinheiro*, eu não teria ido amo-  
lar Tio Sam!

— Trabalho perdido! O cofre  
está vazio!

— Como é que você se mete  
nessas empreitadas sem procurar sa-  
ber *onde está o dinheiro* ?

O ACUSADOR — Tudo faz crer  
que o réu sabe *onde está o di-  
nheiro* !

O ADVOGADO DE DEFESA —  
Não seria conveniente ouvir a res-  
peito o Dr. José Americo ?!

18-9-1937

23

**Careta**





As indefinições políticas do candidato Zé Américo eram observadas na forma de gracejo quanto à localização de seu coração. Dois homens conversavam sobre os conflitos entre políticos sul-rio-grandenses, imaginando que mais uma vez haveria a intervenção de um duque de Caxias para resolver tal problema, como ocorrera à época da Revolução Farroupilha. Uma espécie de onipresença de Vargas era sintetizada na figura de um indivíduo que lia jornal e imaginava que um episódio ocorrido na Europa poderia estar vinculado à ação de Getúlio<sup>99</sup>. Em uma nova capa, o magazine mostrava os custos das promessas políticas, com o sacrifício dos sectários da candidatura de Américo de Almeida, que tinham de subir o morro para levar água à população mais pobre. Mais uma vez a propaganda refletia os acontecimentos políticos, com a mesma marca tendo por campanha publicitária um improvável encontro entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha. Uma caricatura trazia Getúlio Vargas refletindo maquiavelicamente acerca de suas ações políticas em relação ao Rio Grande do Sul. Já em outra dessas ilustrações, José Américo, presente em um comício, era desaconselhado a continuar falando sobre dinheiro, tendo em vista a grande ameaça dos punquistas, o que viria a se confirmar em mais um desenho, no qual, em meio a vários políticos, Américo tinha a sua carteira roubada. Conversando com José Américo e Armando Sales, João Neves da Fontoura e João Mangabeira acabavam por encontrar certos pontos de interseção entre as duas campanhas. Uma amistosa conversa entre Vargas e o Presidente estadunidense Roosevelt trazia por tema a ambição pela reeleição, que, no momento, era vetada para aquele<sup>100</sup>.

---

<sup>99</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 18 set. 1937.

<sup>100</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 25 set. 1937.







## Dia de gala

— Quando eu vi o homem, de fraque e cartola, contra seus habitos, olhando o monumento de Caxias, compreendi tudo: o Duque mais uma vês vae dar um geitinho no Sul.





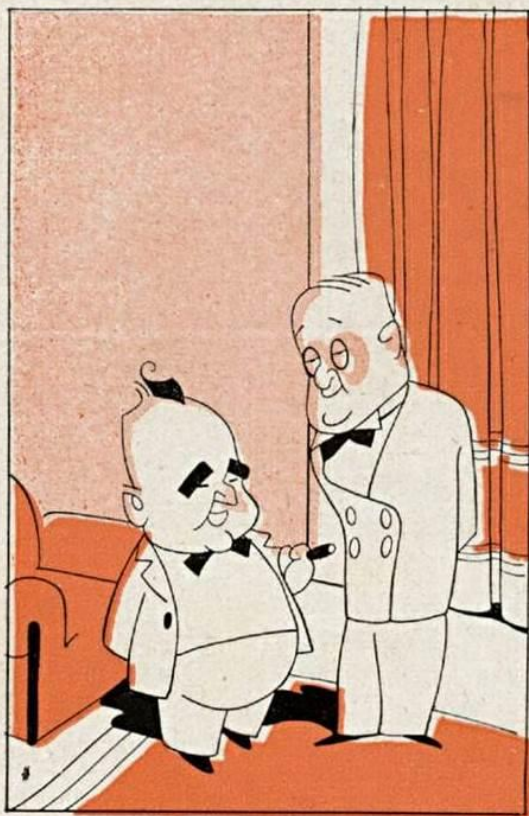
DESPISTANDO  
A SEDE...

COMO. O AMIGO NÃO SABE QUE  
O CINZANO COM SIFÃO GELADO

É EXCELLENTE PARA MATAR  
A SÊDE? EXPERIMENTE O

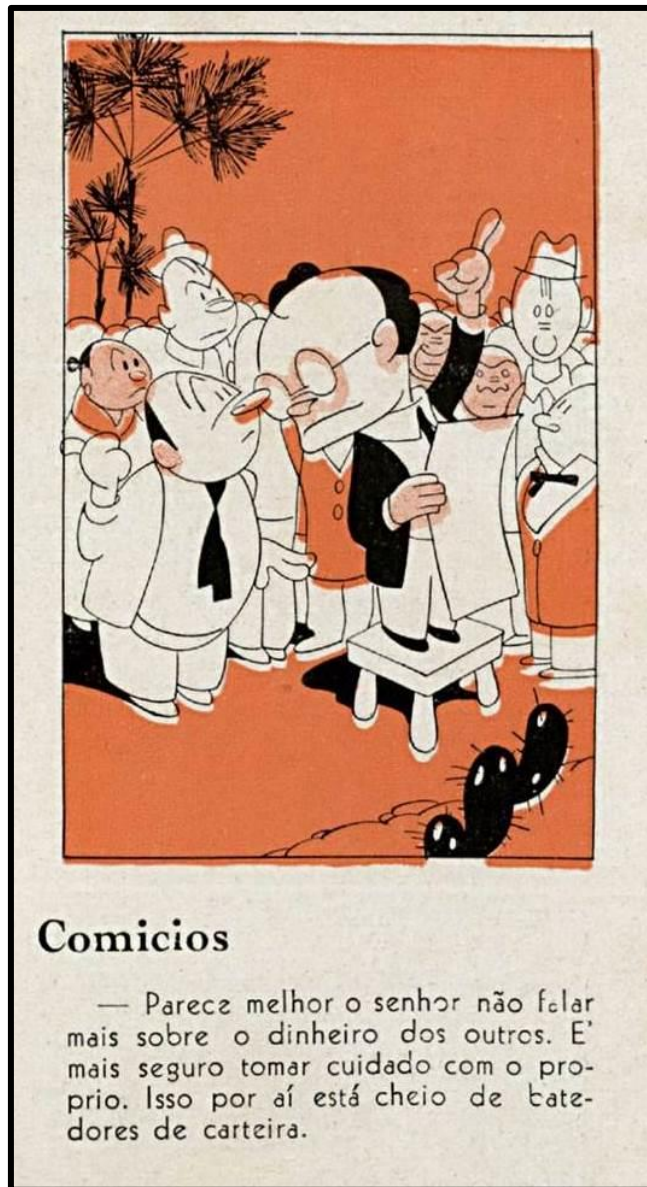
**CINZANO**

BIBLIOTHECA NA  
RIO DE JANEIRO  
CONT



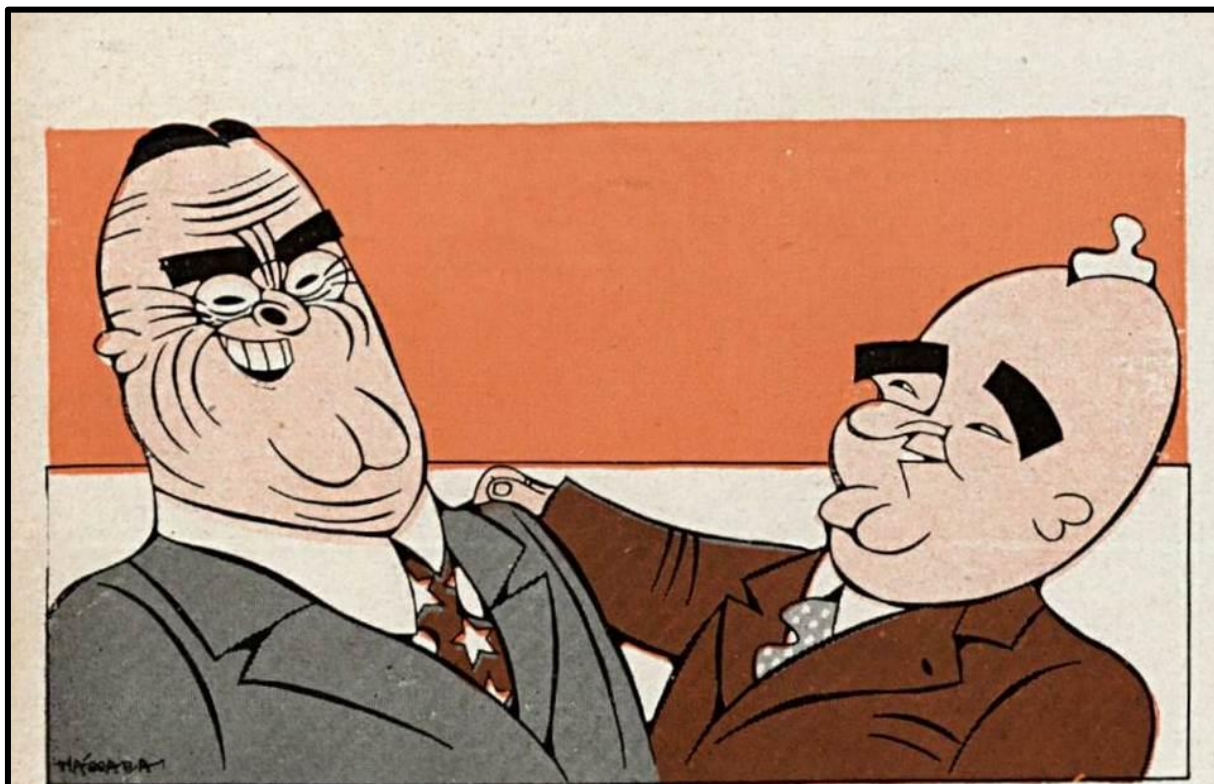
### Maquiavel harmoniza

- Felizmente o Borges e o Pila estão com o Zé Americo.
- Felizmente por que?
- Porque é o interventor mais aconselhavel.









### A nota conjunta

GETULIO — É pena que eu não esteja na mesma situação que você.

ROOSEVELT — Ambos não somos presidentes?!...

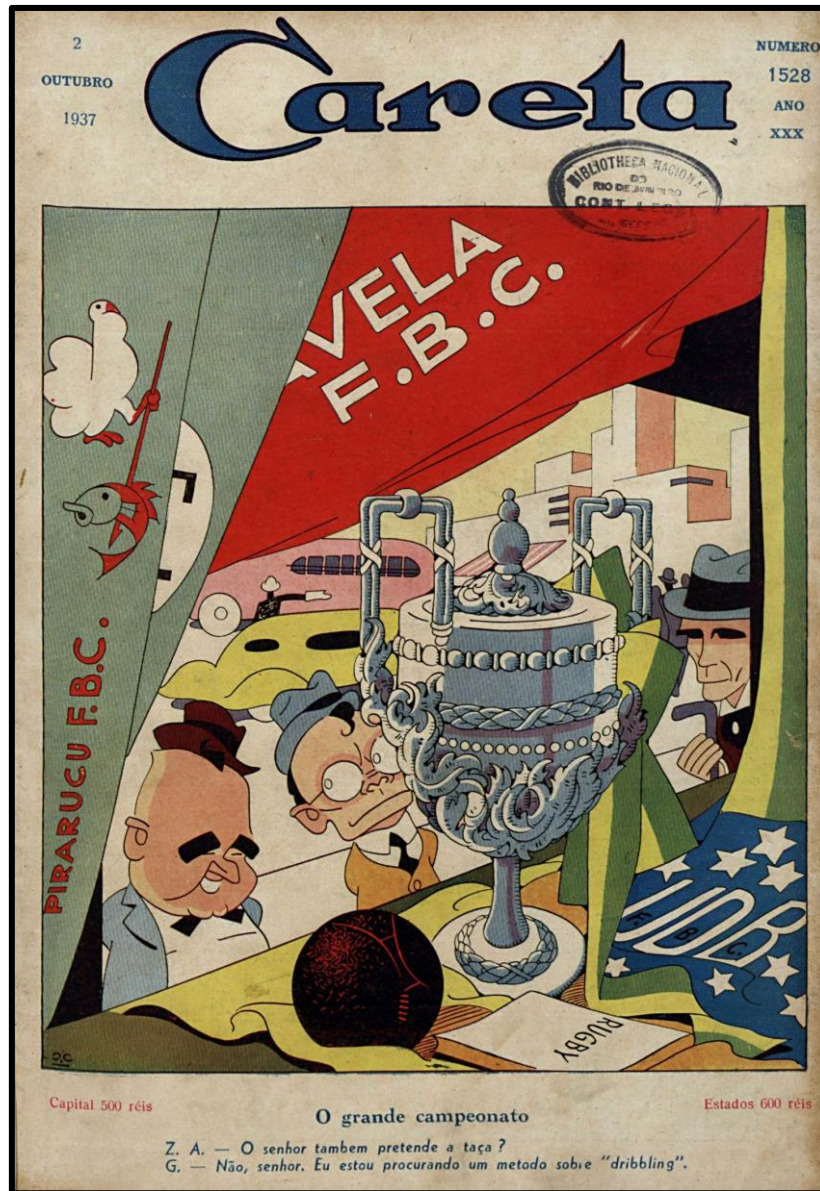
GETULIO — É, mas você é reeleito...

A disputa eleitoral foi novamente comparada a uma partida desportiva, com José Américo e Armando Sales cobiçando uma taça em exposição, enquanto Vargas se mostrava mais interessado em encontrar uma estratégia para driblar as regras e permanecer em seu cargo. O tema da continuidade era retomado em caricatura na qual Jeca perguntava a Getúlio se ele pretendia criar uma senatoria vitalícia para ex-Presidente, ao que o político respondia negativamente, dizendo que a figura de ex-Presidente não existia, ao menos no caso dele. O roubo de carteiras em meio às comitivas políticas voltou a figurar nas páginas do periódico, com a ressalva de que, espertamente, Américo de Almeida fora o único a safar-se por não levar a carteira consigo. Enquanto Américo e Sales navegavam em busca da vitória eleitoral, o Jeca perguntava a Vargas sobre sua suposta despedida na condição de Presidente, ao que este esclarecia que se referira apenas ao ano de 1937, negando mais uma vez a perspectiva da sucessão no cargo<sup>101</sup>. Vendo o debate político visto como uma discussão entre mulheres fofoqueiras, maldando a figura de Osvaldo Aranha, Getúlio, calmamente em um balanço, divertia-se com a situação. Eleições na vizinha Argentina serviam como mote para Getúlio dar uma lição política a Zé Américo, no sentido de não se envolver em temas polêmicos. A formação de um Conselho de Estado formado por ex-Presidentes era o tema da conversa entre três populares, que concluíam que tal órgão não viria a formar-se em seguida, tendo em vista a carência de integrantes, ainda mais no caso de Vargas<sup>102</sup>.

---

<sup>101</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 2 out. 1937.

<sup>102</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 out. 1937.







### O candidato dos pobres

(Os ladrões continuam a «limpar» as comitivas políticas).

○ «BATEDOR» — ○ da frente era o unico que não tinha carteira.

2-10-1937

23

Careta



**A explicação...**

JE'CA — Como é que vosmincê vae dizer que era a ultima vês que se dirigia ao povo na qualidade de presidente da nação?...

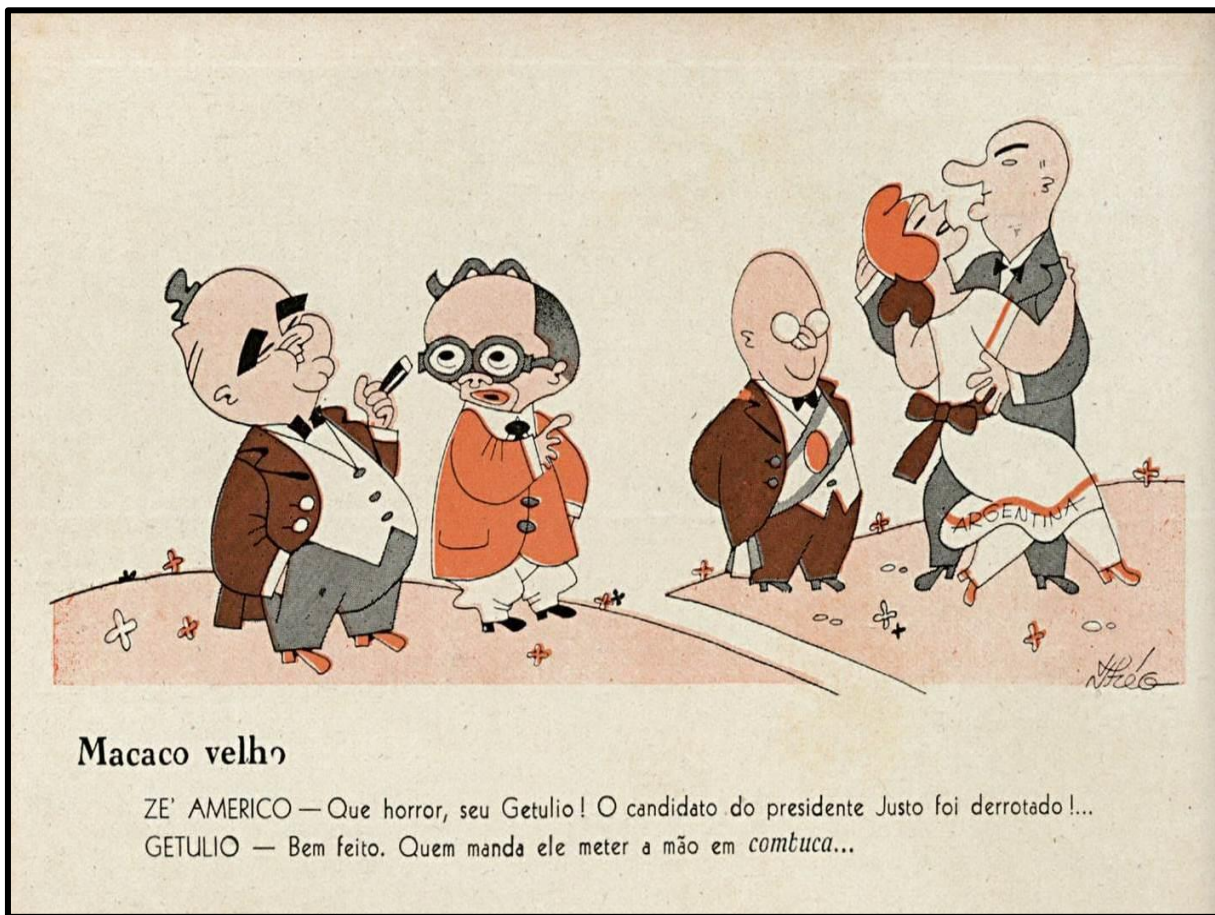
GETULIO — Este ano, Jéca!...

2-10-1937

31

**Careta**









Em “Vitaliciedade”, o tema da continuidade persistia, com a oferta para Vargas de uma cadeira no Senado que serviria para toda a vida, ao que ele respondia que, “com jeito”, a cadeira presidencial também poderia ser vitalícia. Enquanto José Américo e Armando Sales brincavam na gangorra, a dama republicana pedia a Getúlio que, como mais ajuizado, tomasse conta dos outros dois, ao que ele aquiescia, com a ressalva de que se eles se desentendessem, ele ficaria com o brinquedo. Os ex-Presidentes Venceslau Brás, Artur Bernardes e Epitácio Pessoa discutiam a possibilidade da formação de um Conselho de Estado composto por antigos ocupantes da cadeira presidencial, chegando à conclusão que o mais provável era que faltasse quórum para reunir tal órgão. Em meio a várias crises no contexto europeu, Getúlio lia calmamente as notícias e questionava se no velho continente não saberiam praticar manobras evasivas como no caso de inaugurar estradas de ferro. O definitivo apoio do mineiro Benedito Valadares a José Américo, transmutado no casamento entre ambos, era colocado em xeque, conforme revelava a conversa entre o Jeca e Vargas. A candidatura Zé Américo era também vista como uma produção cinematográfica, na qual os produtores/apoiadores observavam os alcances da película<sup>103</sup>. Vargas, como o Maquiavel da política brasileira, conversava com José Américo e Benedito Valadares sobre o impacto que a queda de Flores da Cunha poderia causar na candidatura de Armando Sales. Os churrascos como forma de confraternização política, promovidos por Getúlio eram vistos com chalaça por parte de um popular, pois deles resultaria uma horda de vacas enfurecidas<sup>104</sup>.

---

<sup>103</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 9 out. 1937.

<sup>104</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 16 out. 1937.





### Menino ajuizado

A REPUBLICA — Você que tem mais juízo, tome conta deles!

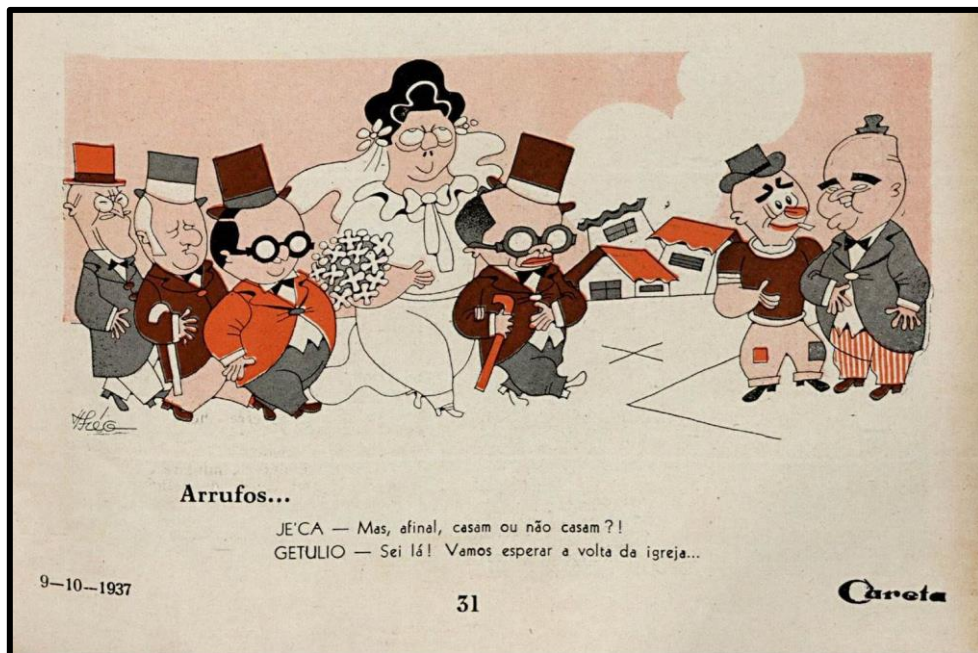
GETULIO — Tomo, sim! Mas, si eles se engalfinharem, posso ficar com o brinquedo?!

9-10-1937

23

Careta







## Tentação

MACHIAVEL — Vocês sabem o que acontecerá ao Armando, si o Flores levar um trambolhão ?!



### Achou ruim...

Em uma localidade de Minas uma vaca, enfurecida, acabou com um comício de propaganda política.

(Dos jornaes).

— As vaca tem razão de tá aborrecida com os politico. Desde 930, adonde o sinhô vae é só churrasco e mais churrasco...



Os conflitos entre os sul-rio-grandenses Vargas e Flores da Cunha voltavam a figurar em cena de bar que lembrava a estratégia varguista de desarmar o líder gaúcho. A supremacia quanto à penetração política no meio popular era ambicionada por José Américo, mas o Jeca chamava sua atenção para a concorrência de Getúlio<sup>105</sup>. A disputa eleitoral entre Zé Américo e Armando Sales foi representada como um enfrentamento de pugilato, na qual os competidores se sentiam ameaçados pela presença de Getúlio Vargas, que aparecia como o mediador da luta. Em meio a outros políticos, os personagens eram mais uma vez Américo, Sales e Vargas que jogavam uma partida de pôquer. Frente à verbosidade de José Américo, o Presidente da República dava-lhe conselho, que o relevante não era a quantidade de palavras de um discurso e sim a sua ambiguidade<sup>106</sup>. Levando em conta a agitação política, sob o olhar dos dois principais candidatos, a democracia aparecia sob risco de ser consumida por um incêndio, surgindo Vargas como um bombeiro para aplacar as chamas. Mesmo recebendo o apoio de uma categoria profissional, José Américo ainda via precariedades na sua campanha, tendo em vista o “abacaxi” governista que tinha de carregar. Um caricaturista mostrava os retratos do candidato governista e do opositor, perguntando a Getúlio qual deveria ser a legenda do desenho, ao que ele respondia que os “bonecos” deveriam dizer que “não adiante espernear”, em referência mais uma vez a uma possível continuidade<sup>107</sup>.

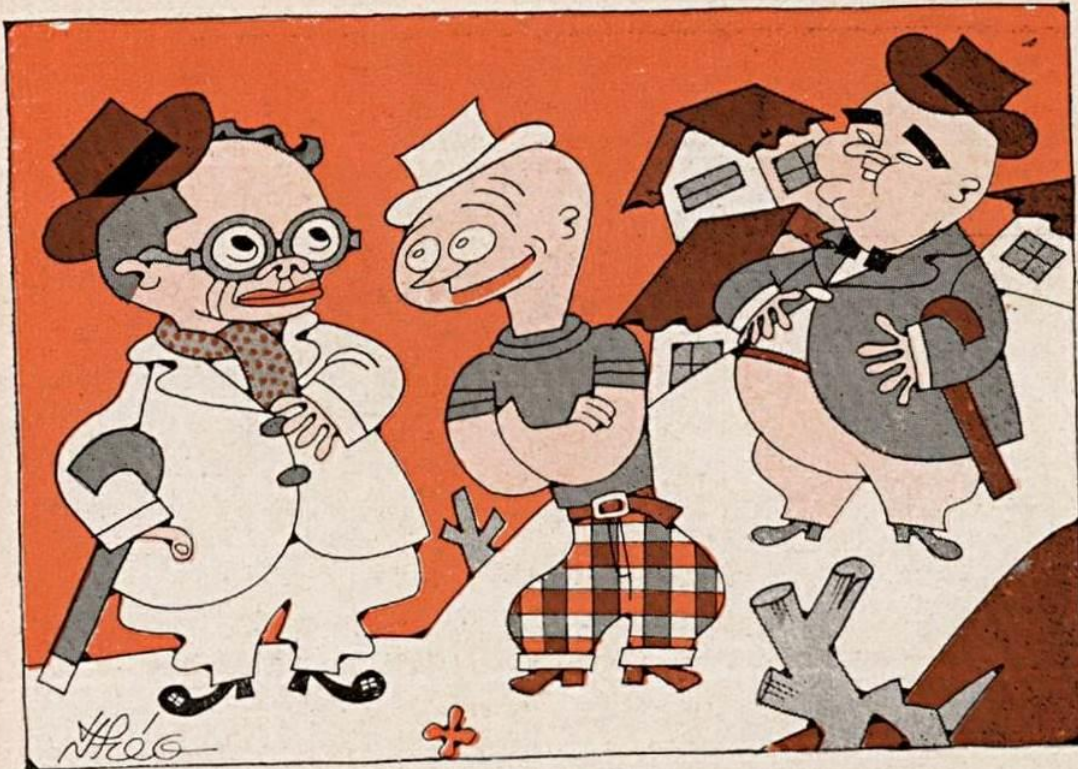
---

<sup>105</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 16 out. 1937.

<sup>106</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 23 out. 1937.

<sup>107</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 30 out. 1937.

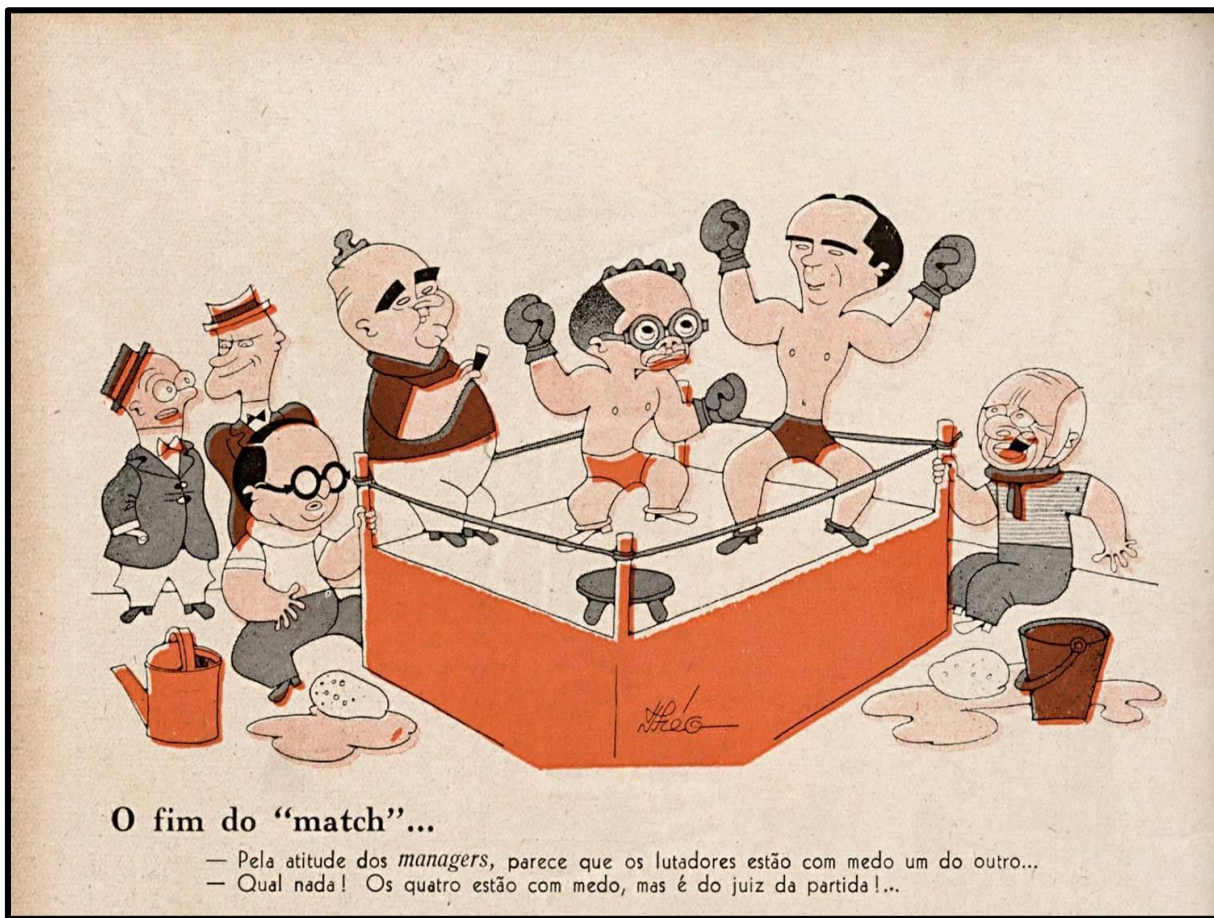


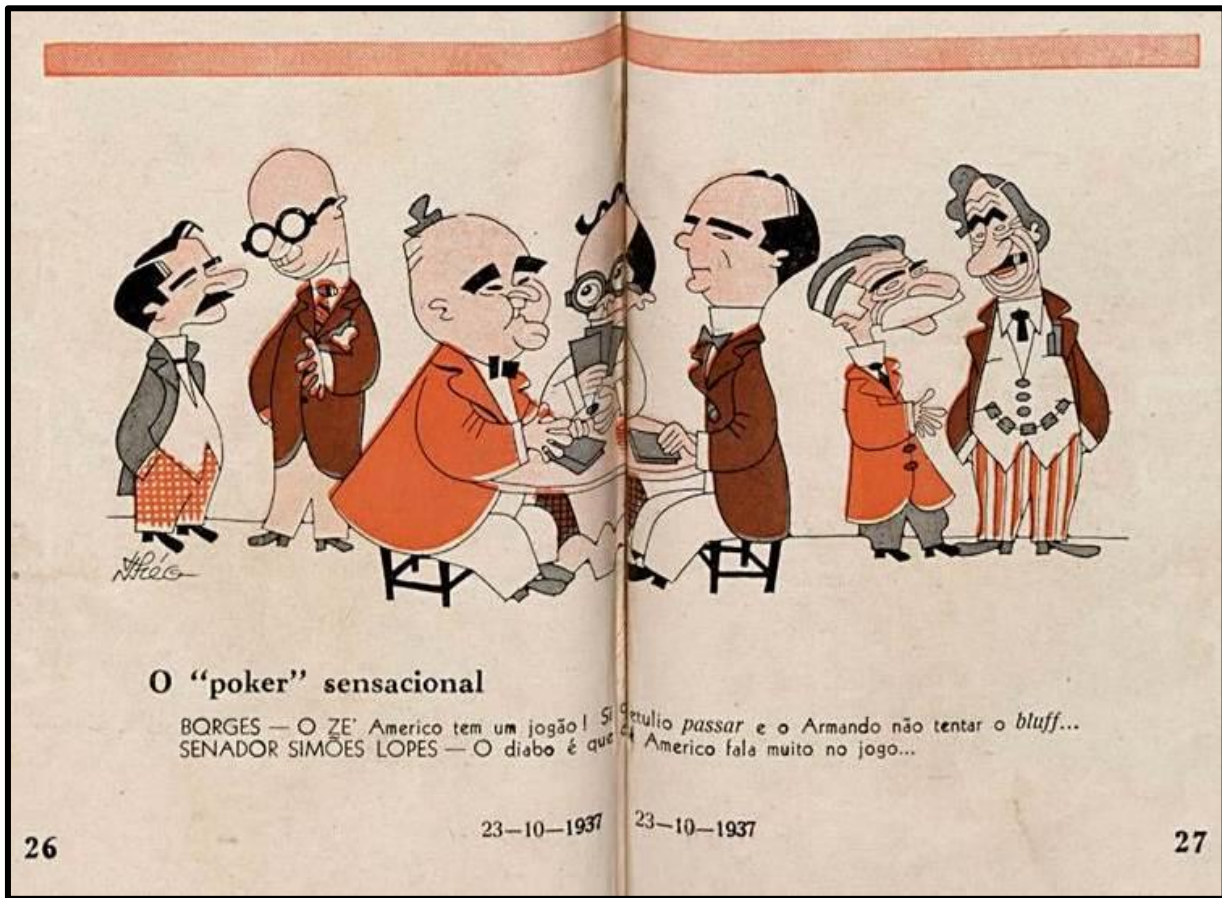


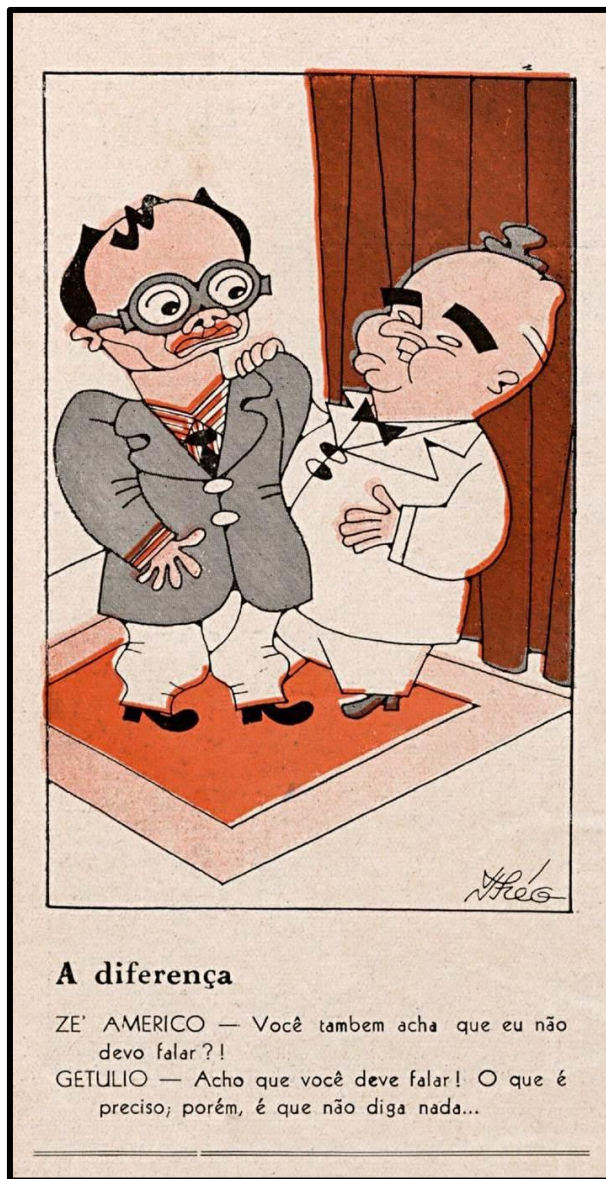
### Titulo em perigo

ZE' AMERICO — E' um titulo de que me orgulho — o de campeão das Favelas!

JE'CA — Que responsabilidade, *seu doutô!* Vosminez já trocou umas rasteiras com o *doutô* Getulio?!







### A diferença

ZE' AMERICO — Você também acha que eu não devo falar?!

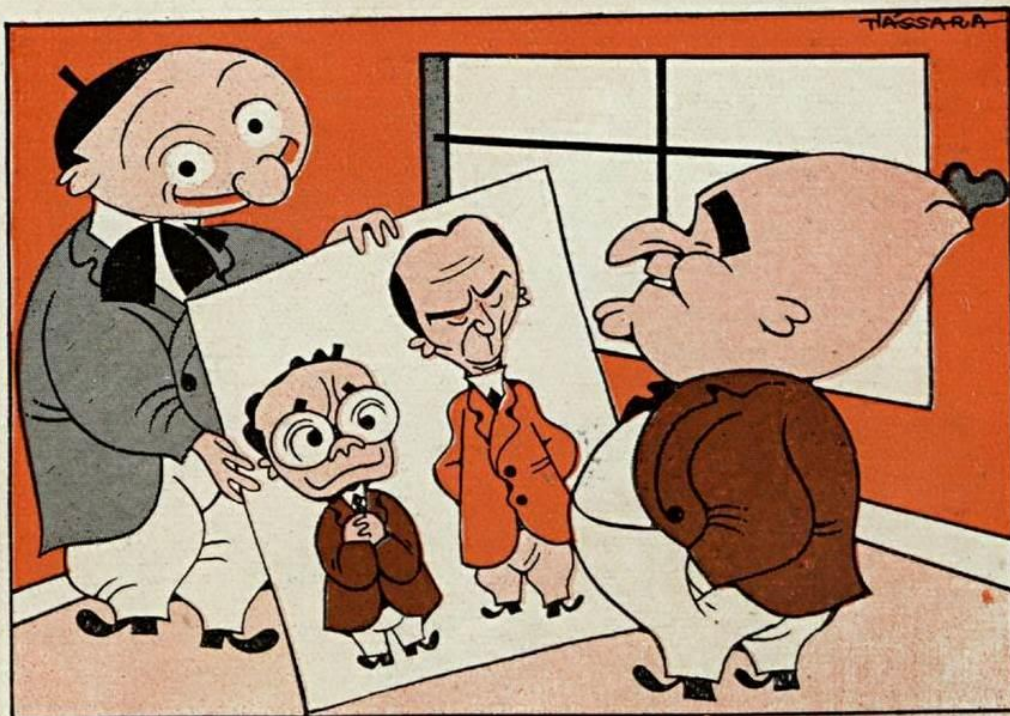
GETULIO — Acho que você deve falar! O que é preciso; porém, é que não diga nada...

A CARETA E O AMBIENTE POLÍTICO BRASILEIRO EM 1937









### O grande humorista

DESENHISTA — Que legenda acha que devo pôr neste boneco ?  
GETULIO — «Não adianta esperar».

A sucessão presidencial era apontada ainda como um enfrentamento entre galos, havendo a indicação de que o galo que estava no poleiro do Catete, ou seja, Vargas, iria adotar a neutralidade na disputa, postura contava com a desconfiança do Jeca. Dois agricultores conversavam sobre cafeicultura, contando ainda com a manutenção de alguma política protecionista para com a produção cafeeira. Uma visita de Vargas a um museu foi retratada caricaturalmente, com o personagem observando peças históricas da época colonial e imperial, até encontrar os símbolos do poder monárquico, apropriando-se deles e retirando-se com ar majestático. Na mesma linha, o Presidente aparecia a admirar um quadro com cena sobre o século XIX, surgindo a dúvida se se tratava da abdicação do primeiro Imperador, mas sendo esclarecido que se tratava do Dia do Fico, mais uma vez faz em referência à tendência da sua continuidade no poder. As incertezas quanto à realização das eleições ganhavam corpo, tanto que Zé Américo garantia a permanência no pleito, sem deixar de tomar os devidos cuidados caso mesmo não se realizasse<sup>108</sup>. Na última edição antes da deflagração do golpe do Estado Novo, a capa da *Careta* trazia a alegoria feminina da paz, dividindo o “abacaxi” dos negócios públicos entre Armando Sales e Américo de Almeida, por terem se comportado bem durante a campanha. Estas mesmas duas personalidades debatiam se haveria ou não chance da continuidade de suas candidaturas. As velhas pretensões presidenciais de Antônio Carlos voltavam a se manifestar, sem que Getúlio estivesse atento às mesmas<sup>109</sup>.

---

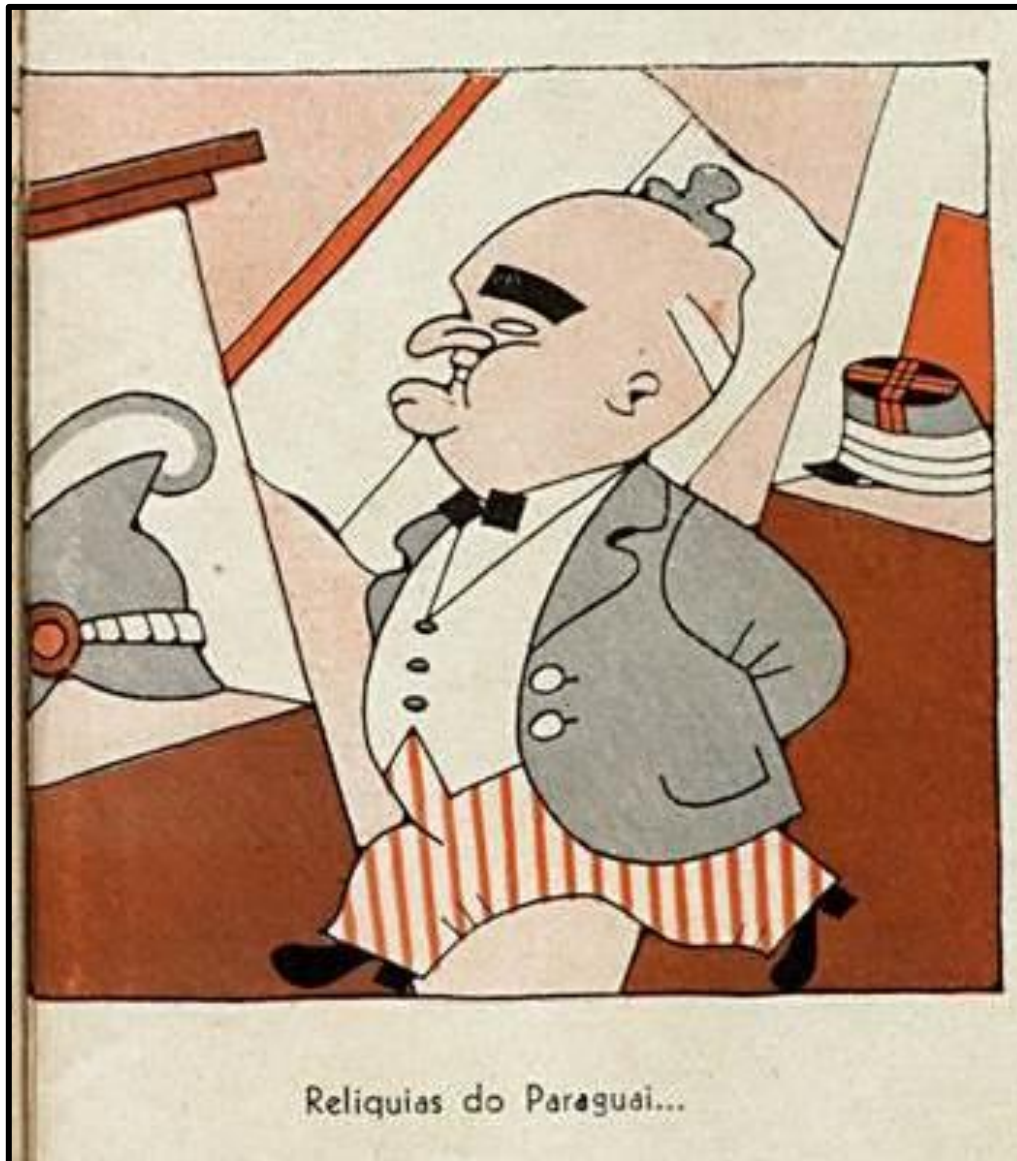
<sup>108</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 30 out. 1937.

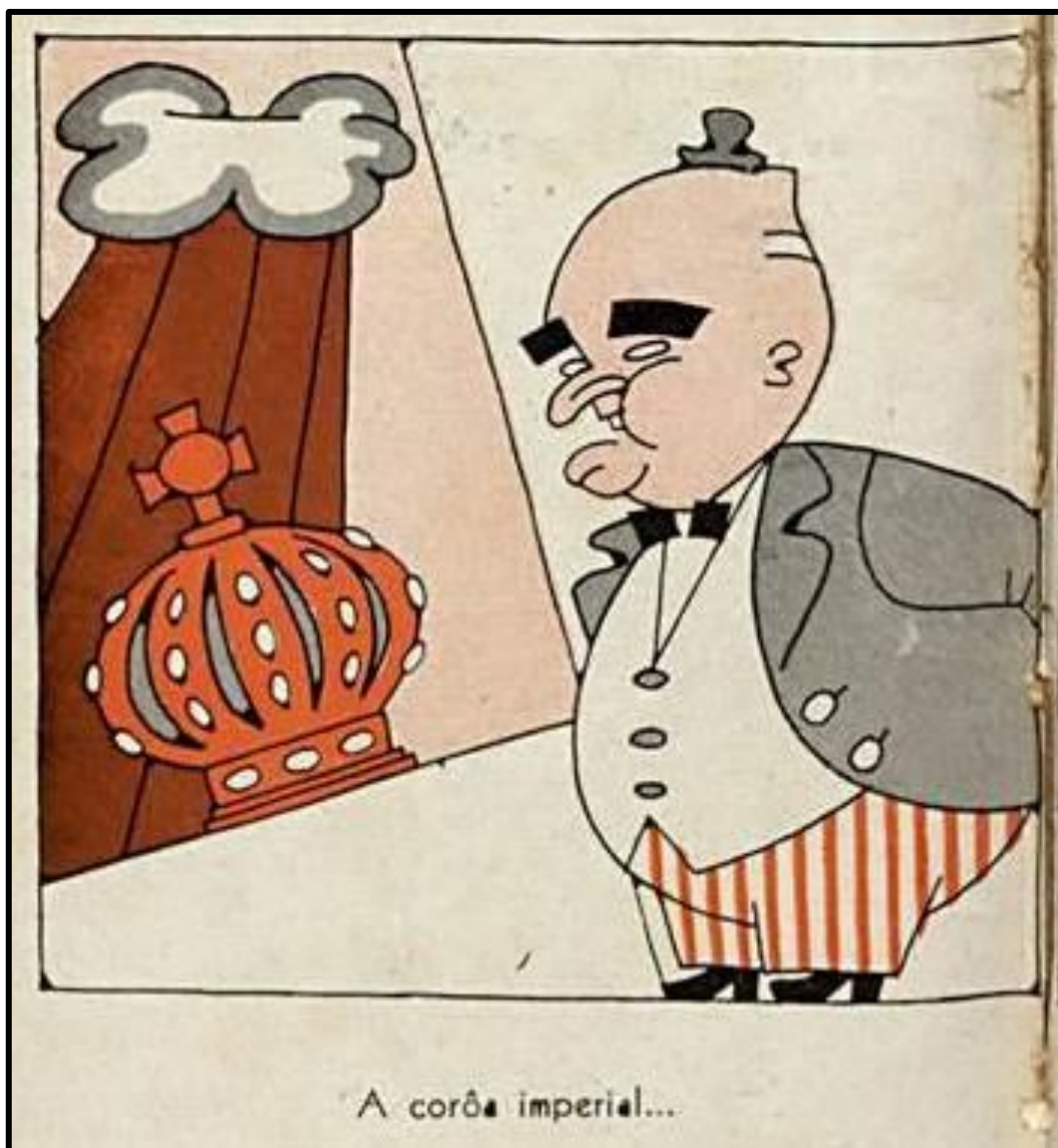
<sup>109</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 nov. 1937.

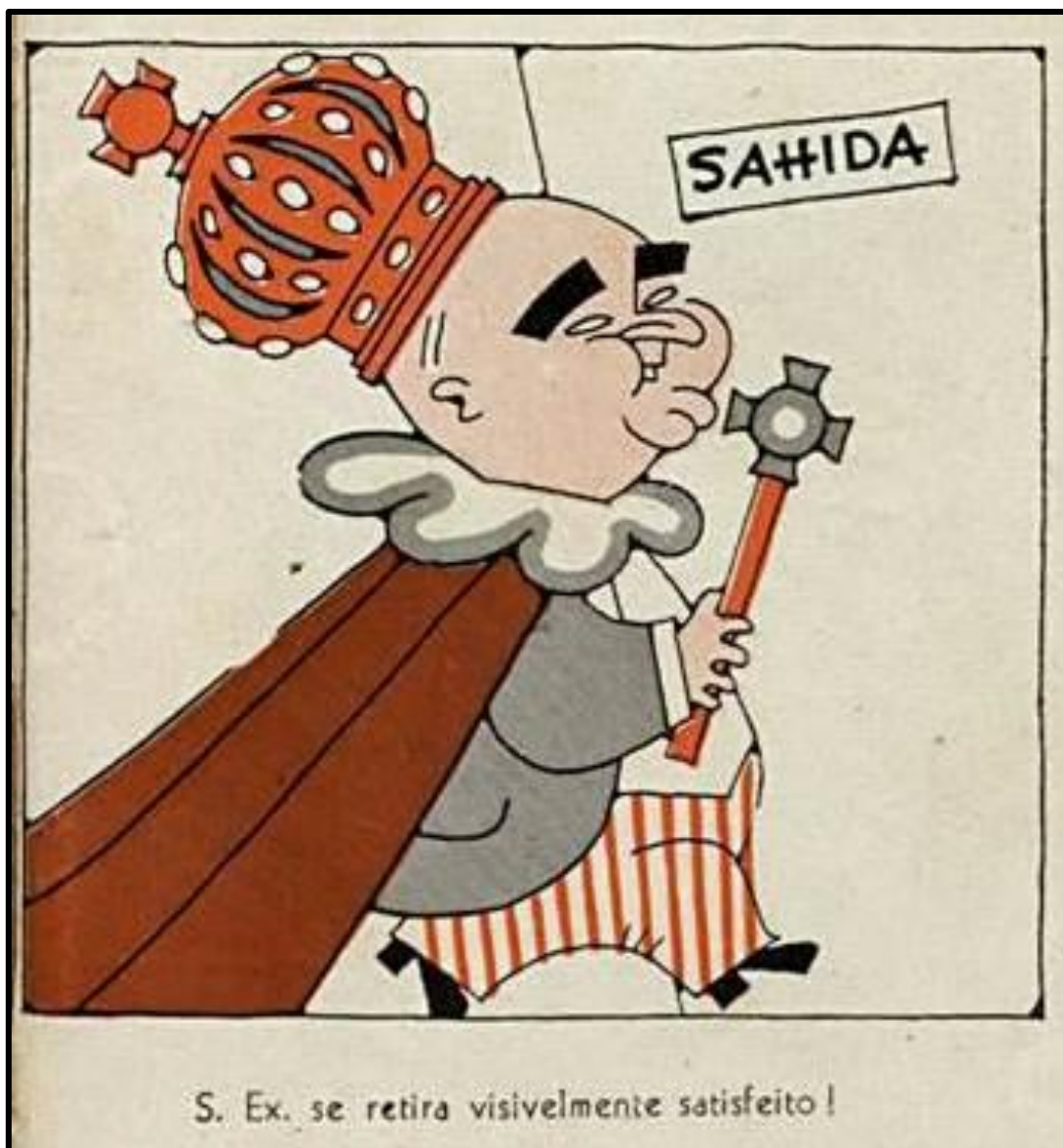






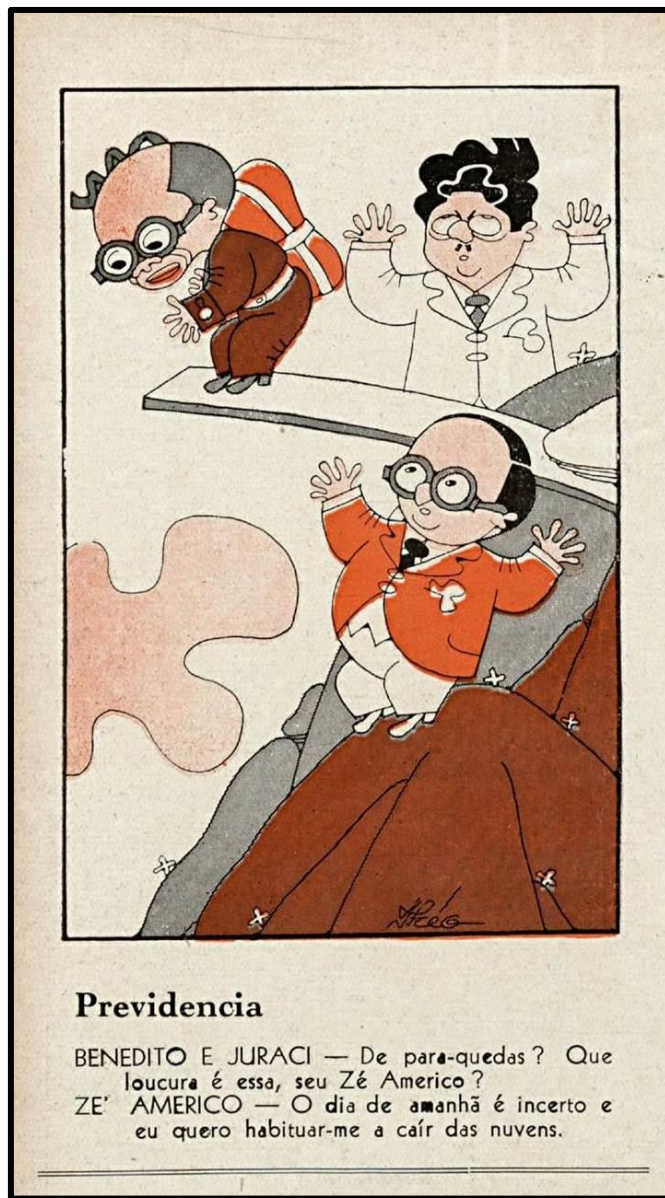










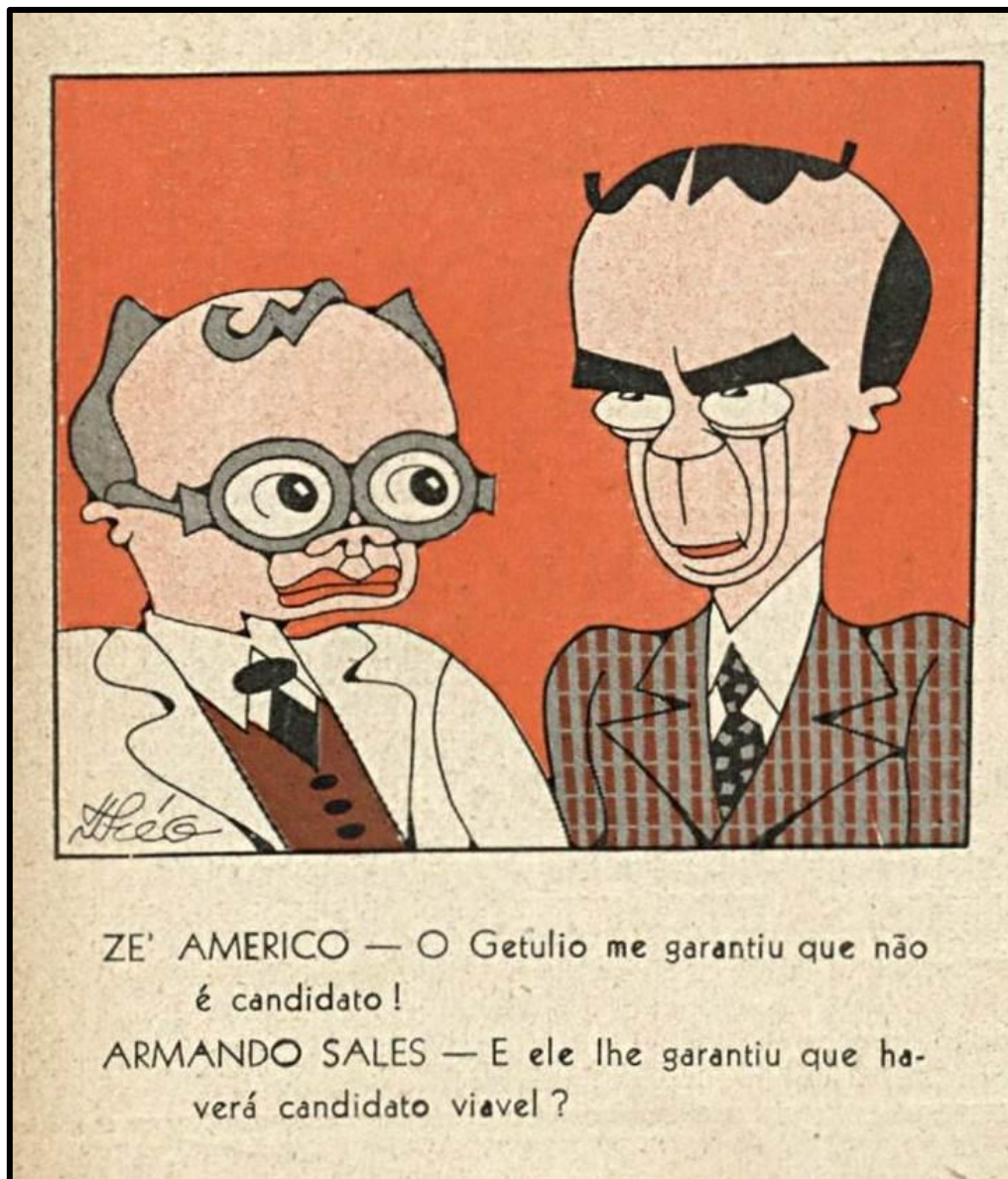


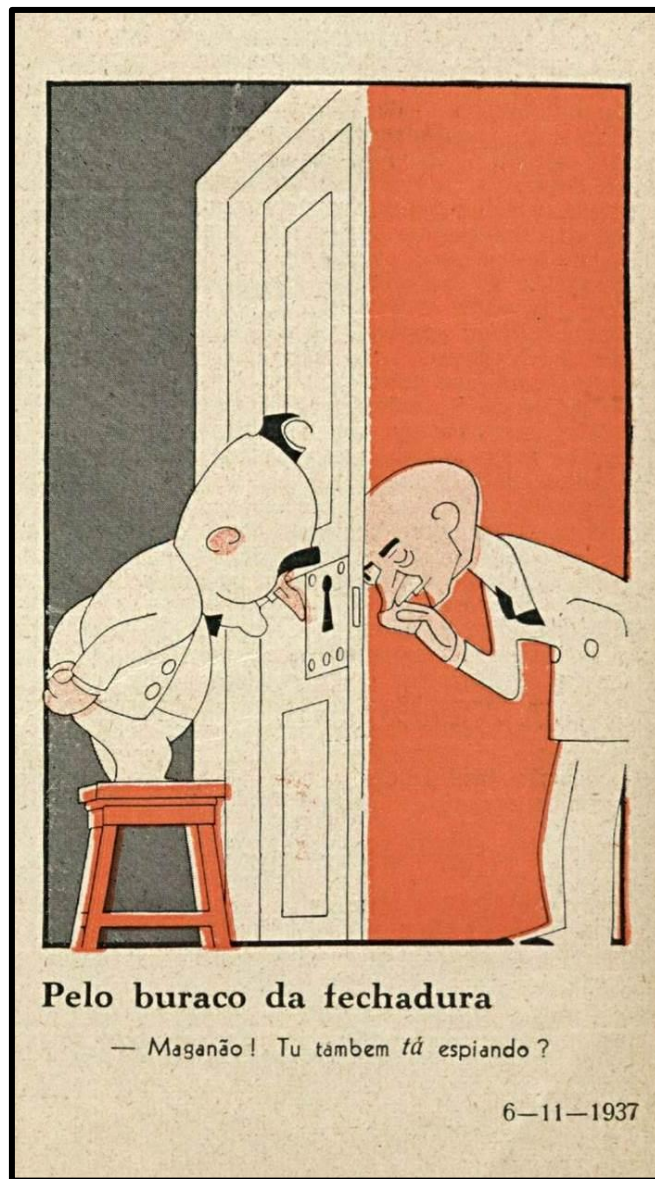
### Providencia

BENEDITO E JURACI — De para-quedas? Que loucura é essa, seu Zé Americo?

ZE' AMERICO — O dia de amanhã é incerto e eu quero habituar-me a cair das nuvens.







Os riscos do “perigo vermelho”, que permaneciam como uma bandeira do governo varguista, figuravam em uma caricatura, na qual Armando Salves e José Américo enfrentavam-se tal qual em uma luta livre, restando a Vargas a cômoda posição de juiz do confronto. A sagacidade de Getúlio ficava evidenciada na sua visita a um submarino, na qual se comparava à própria embarcação, permanecendo dissimulado e sempre observando. A provável suspensão das eleições era comentada por dois populares, segundo os quais José Américo deveria estar preparado, uma vez que havia um possível sucessor à Presidência, pronto para assumir<sup>110</sup>. No número que se seguiu à instalação do Estado Novo, a edição ainda se referia ao momento anterior ao 10 de novembro, sem deixar de demonstrar as dúvidas que pairavam no ar, como ao apresentar Américo de Almeida, atormentado pelos espíritos “revolucionário” e “de pacificação”. Sob o olhar de Juraci Magalhães, Flores da Cunha aparecia em derrota definitiva, ou seja, como um gaúcho que caíra do cavalo, sendo também representada a derrocada deste líder gaúcho em uma preleção de Vargas para com diversos políticos. O Jeca e um “oportunista” conversavam sobre a posição solar, mas, indiretamente, sobre o caminho da sucessão<sup>111</sup>. A primeira edição organizada após a instauração do Estado Novo evitava os temas políticos na capa, ao passo que em uma caricatura, no caso do “fim do mundo”, Vargas recomendava que o Jeca fizesse uma arca para salvar eles dois, deixando José Américo e Armando Sales à própria sorte<sup>112</sup>.

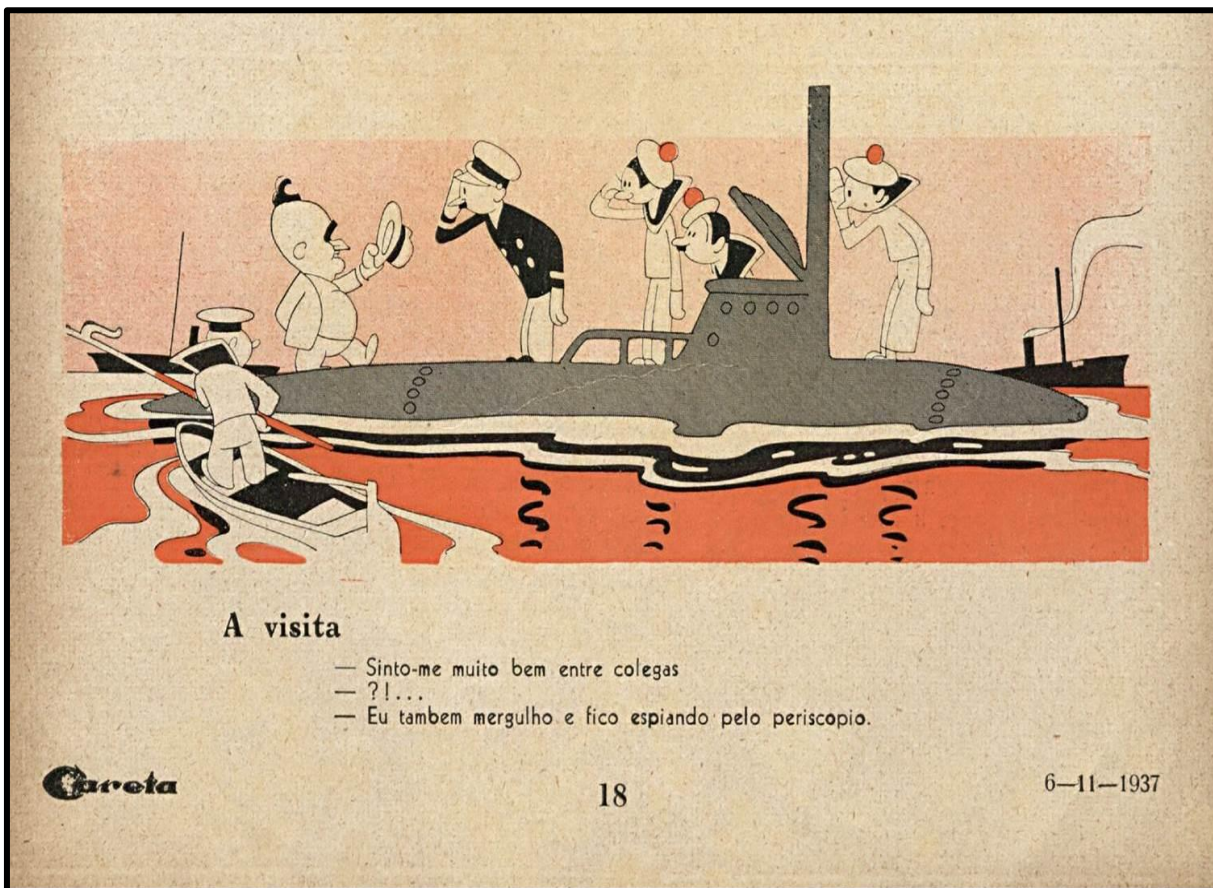
---

<sup>110</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 6 nov. 1937.

<sup>111</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 13 nov. 1937.

<sup>112</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 nov. 1937.





### A visita

- Sinto-me muito bem entre colegas
- ?!...
- Eu tambem mergulho e fico espiando pelo periscopio.

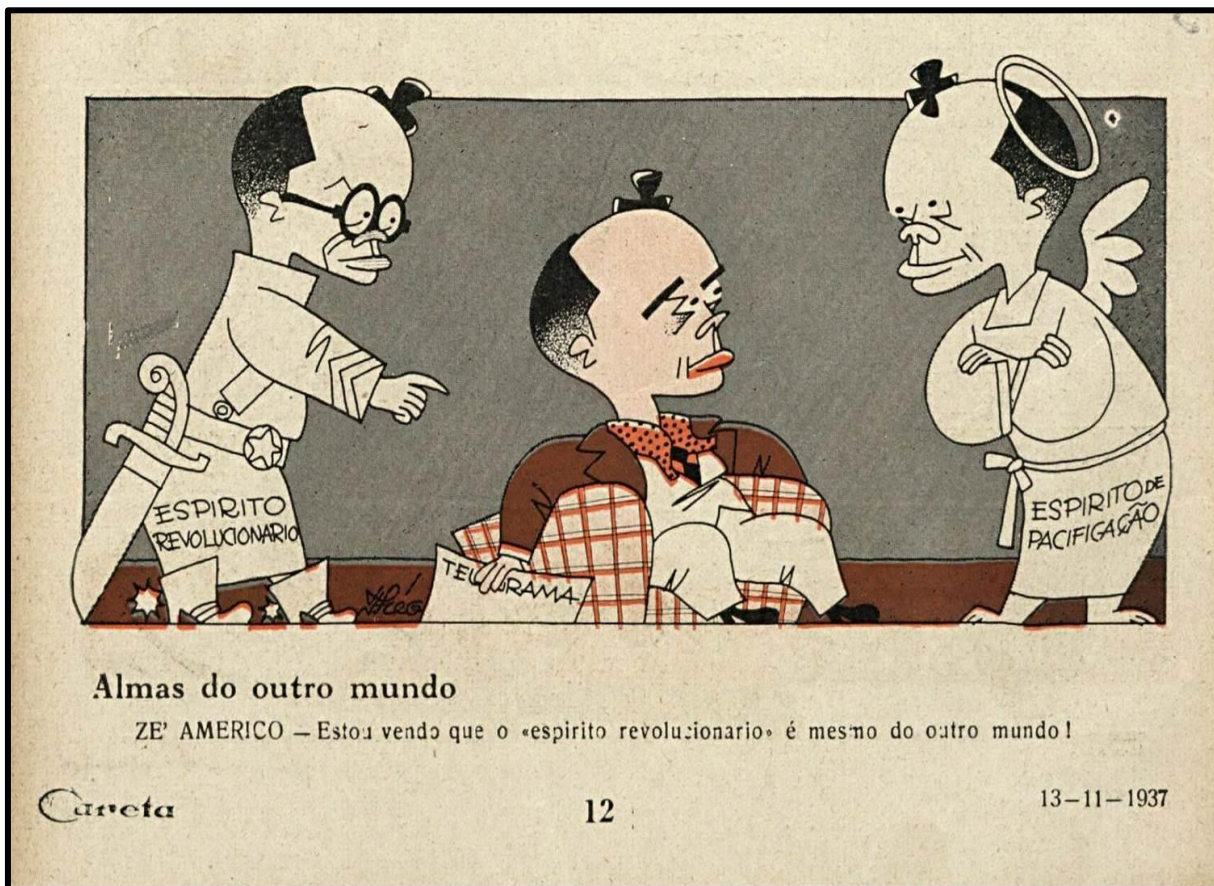


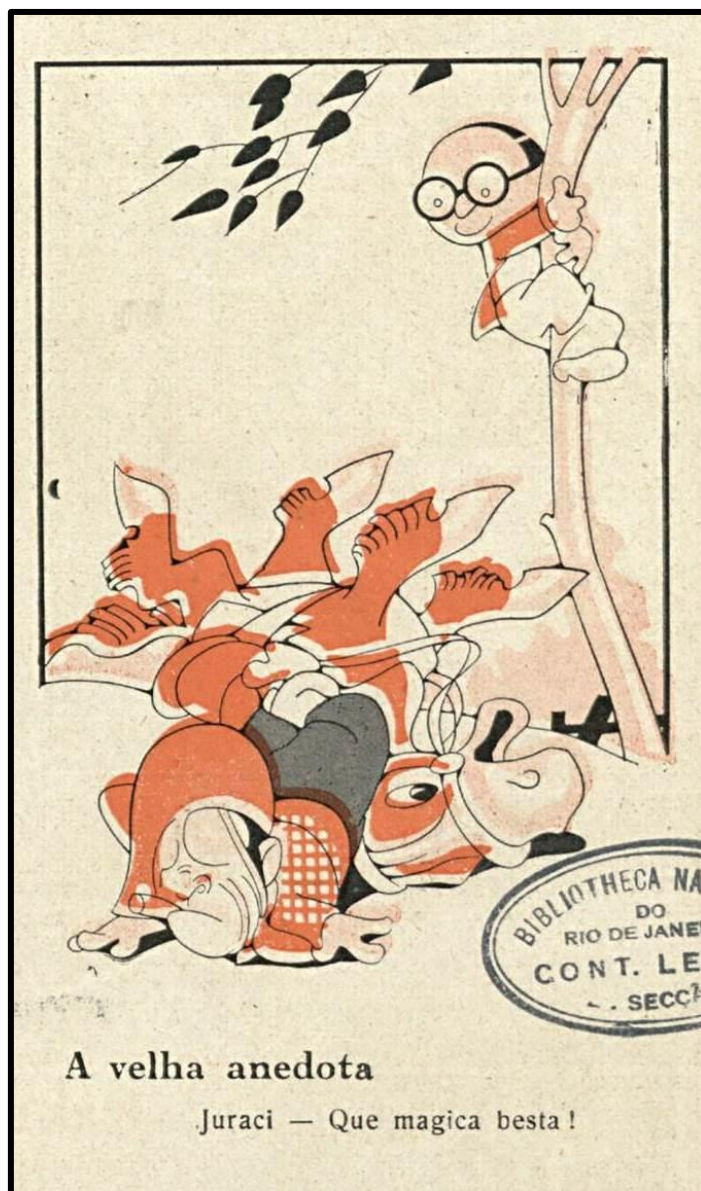


## Pindaíba

- Qual será o objetivo desse «P»?
- Despertar talvez a atenção do Zé Americano, avisando que aí também há um «pronto».

6—11—1937







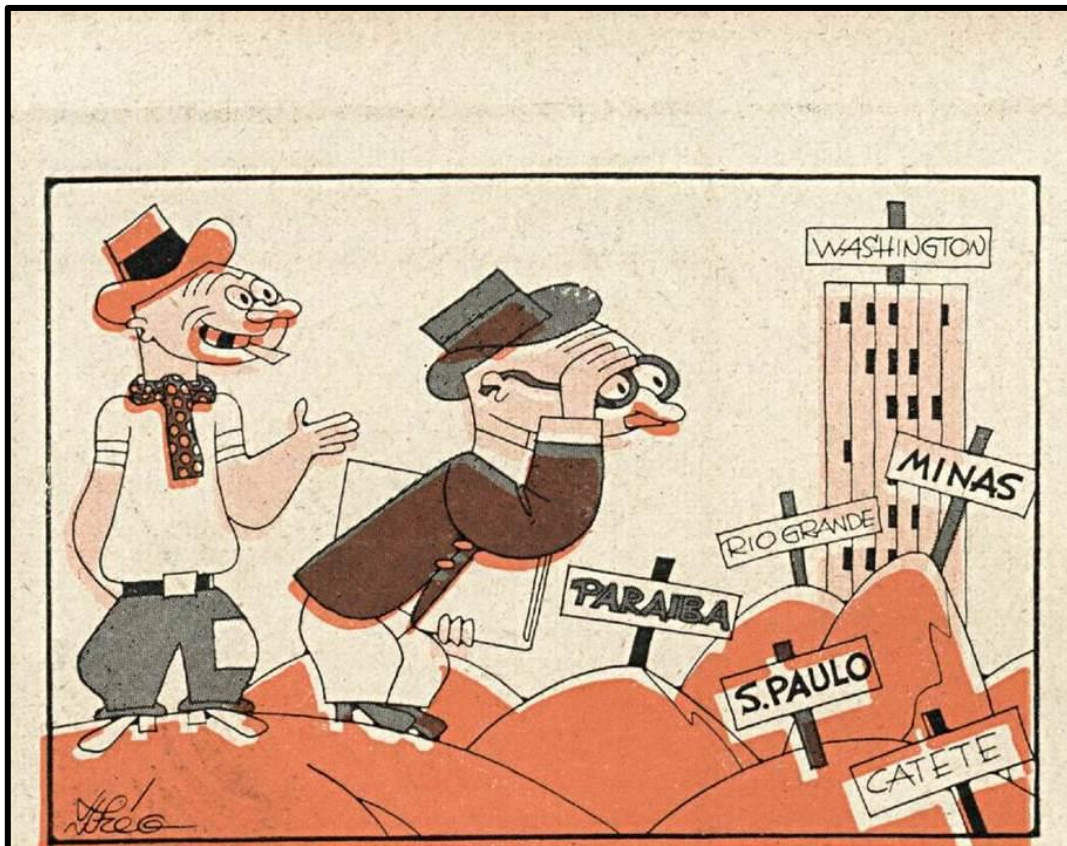
**Modestia**

GETULIO — Parabens, parabens pela vitória! Vi logo que, com adversarios tão prestigiosos, o Flores teria mesmo que arriar a mochila...

**Careta**

40

13-11-1037



### Astronomia às avessas

O OPORTUNISTA — Não vejo nada com essa cerração! De que lado nascerá o sol?!

JE'CA — O *mió* meio de sabê é *consultá* o poente...



## Fim do mundo

GETULIO — Faça um barco p'ra dois, Jêca. Você, também, precisa escapar do dilúvio...

Para os dois candidatos que tiveram suas candidaturas ludibriadas, restava como consolação a metade de um abacaxi para cada um, em alusão caricatural à fruta que tanto marcara a campanha eleitoral. Mais uma vez representado como um automobilista, Sales era desestimulado pelo Jeca no sentido de desistir da disputa, uma vez que a corrida fora suspensa, em referência ao golpe que interrompera o processo eleitoral<sup>113</sup>. Em sentido, próximo, já na capa, José Américo se via perdido em um labirinto, pedindo ajuda ao correligionário Benedito Valadares para sair daquela situação. A partir da tradicional propaganda da Emulsão de Scott, na qual um indivíduo carregava um enorme peixe às costas, o Jeca constatava que a mesma fora inspirada na carreira política de Vargas, em referência às suas astúcias. Getúlio era também apontado como um “campeão”, reconhecido por Popeye, um personagem acostumado às lutas e que via a figura presidencial derrotando vários políticos e alijando os dois principais candidatos da disputa. Sales e Américo de Almeida apareciam também como dois naufragos, boiando em uma barrica e prestes a enfrentar um cardume de tubarões. A presença da letra “P” voltou a figurar na arte caricatural do periódico, dessa vez espalhada em várias residências, frente às quais dois indivíduos cogitavam que o seu significado seria o de “prorrogação”, em alusão à permanência de Vargas no governo. Frente a uma ilha tomada por possíveis presidenciais, o ex-Presidente Washington Luís agradecia a Getúlio, pois assim ele poderia deixar de ser reconhecido como o único “grandíssimo trouxa” do Brasil<sup>114</sup>.

---

<sup>113</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 20 nov. 1937.

<sup>114</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 27 nov. 1937.



**Partes iguaes**

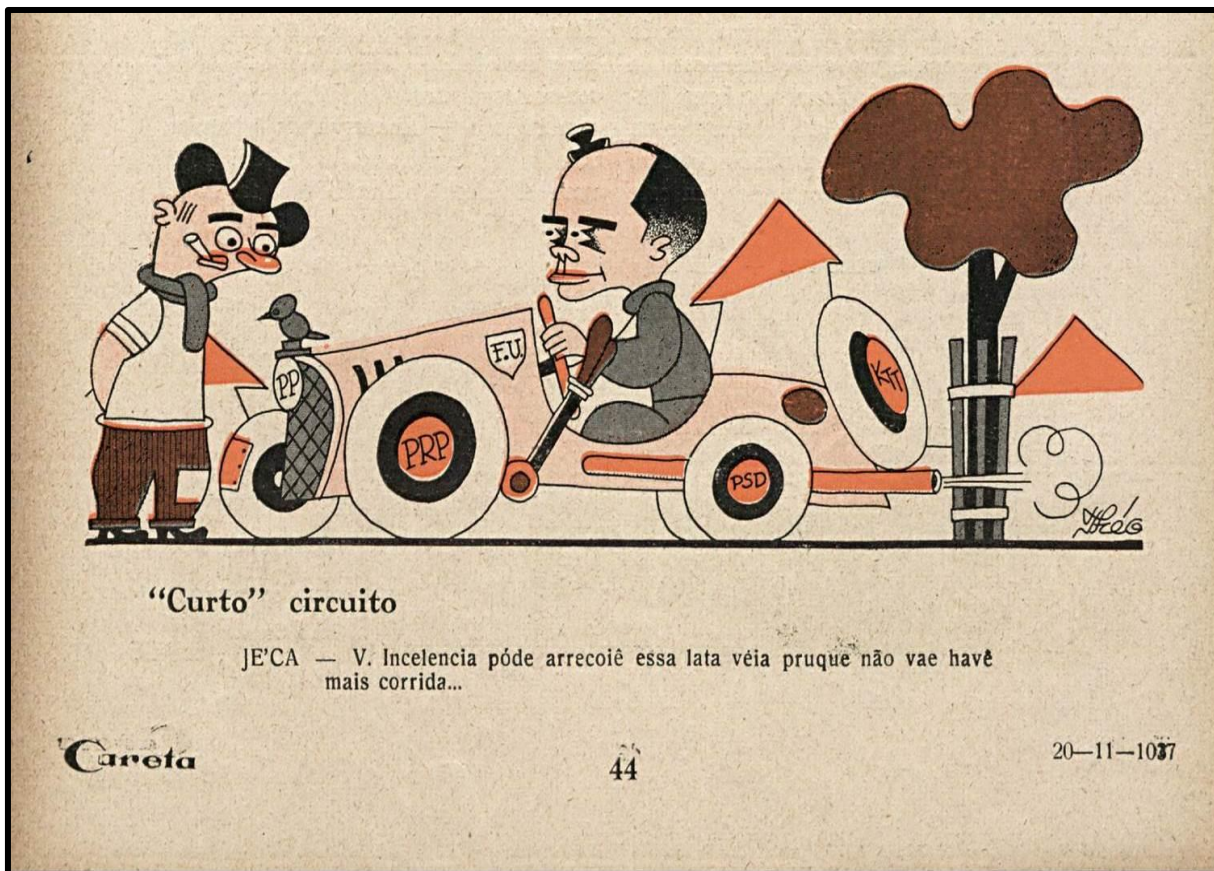
— Afinal de contas nenhum de nós saiu perdendo.

**Caretta**

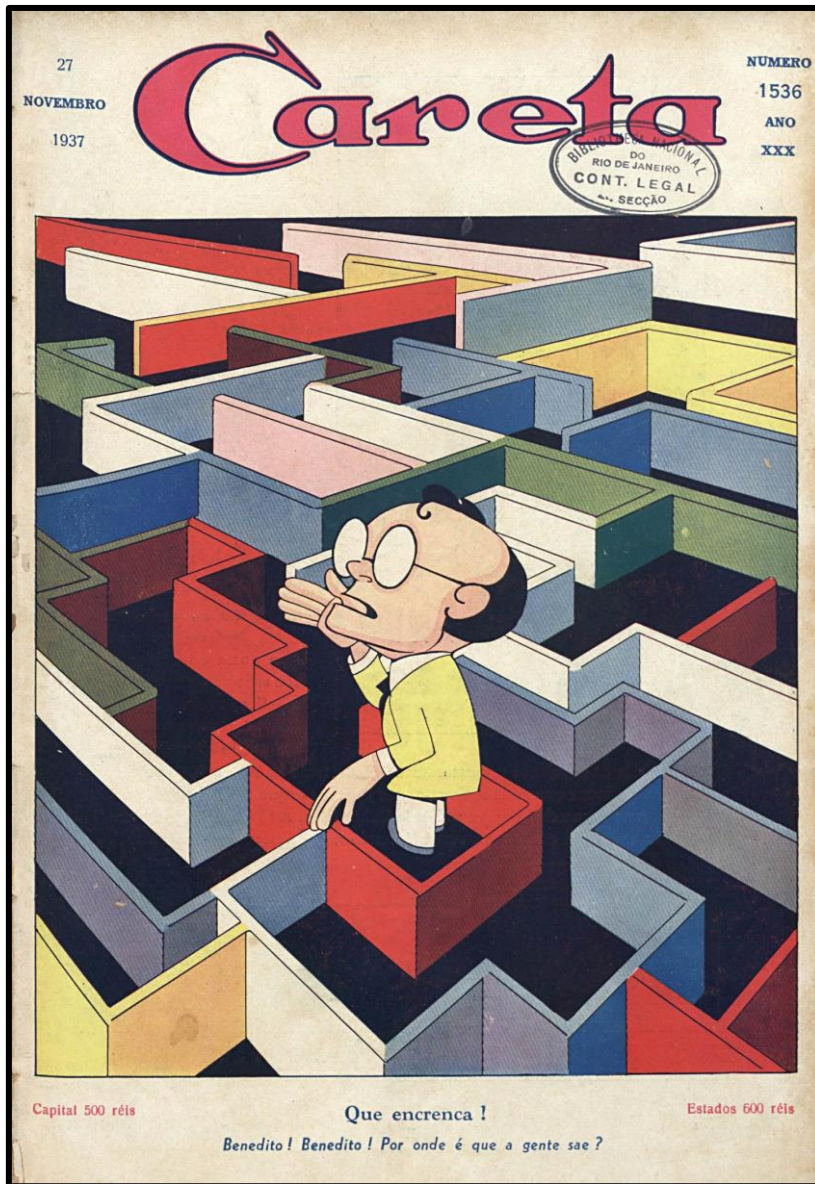
40

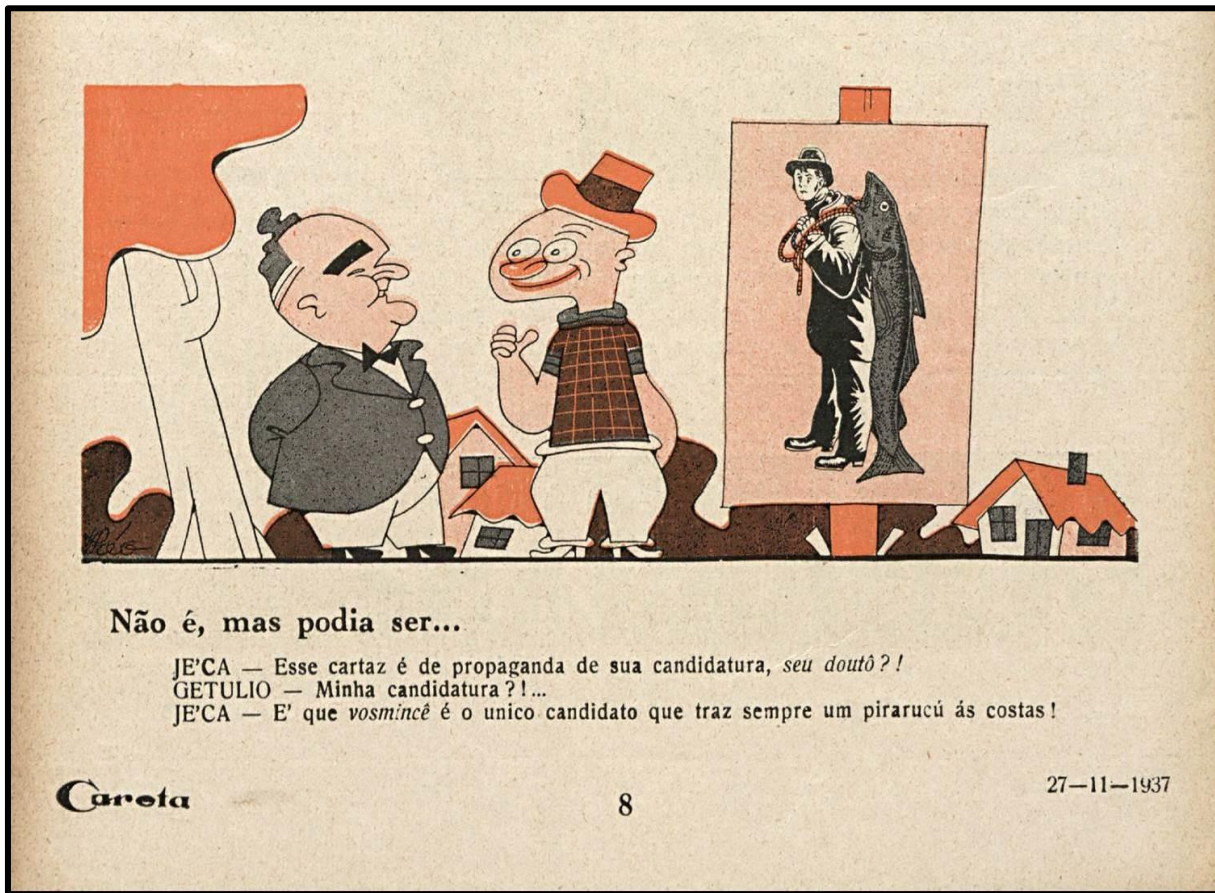
20-11-1937





FRANCISCO DAS NEVES ALVES





**Não é, mas podia ser...**

JE'CA — Esse cartaz é de propaganda de sua candidatura, *seu doutô* ?!

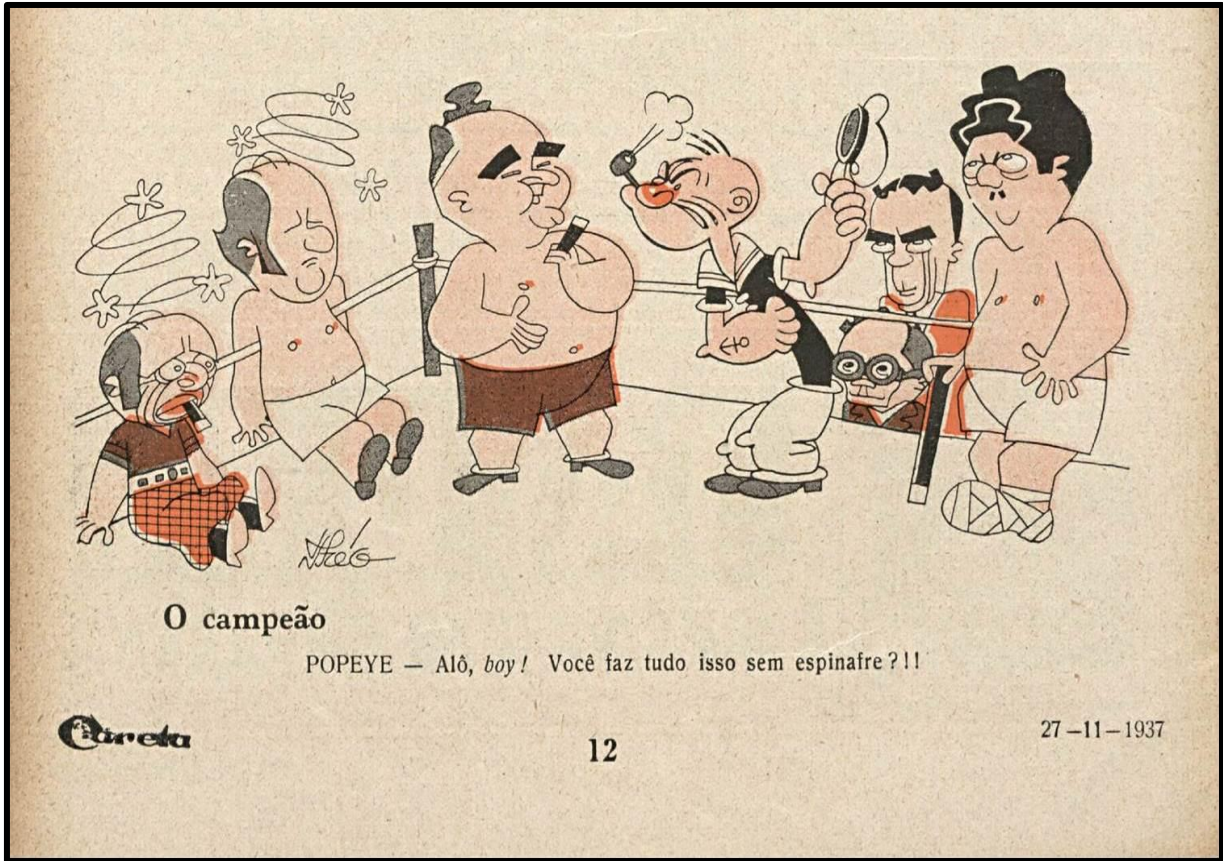
GETULIO — Minha candidatura ?!...

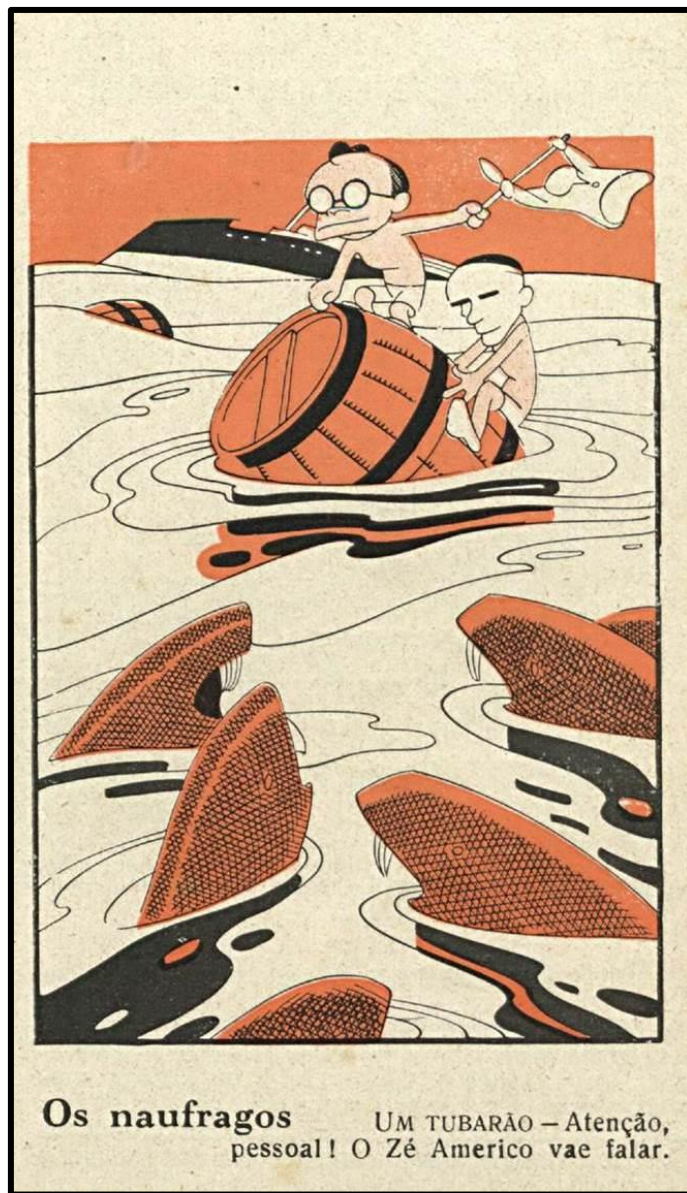
JE'CA — E' que *vosmincê* é o unico candidato que traz sempre um pirarucú às costas !

**Careta**

8

27-11-1937









A partir de dezembro de 1937 as capas da revista não se voltaram mais à abordagem abertamente política, com a preferência pela crítica de costumes. Já no interior da publicação ainda houve espaço para a caricatura de teor político, como a que mostrava Getúlio Vargas trocando juras de amor com a dama republicana, enquanto alguns dos presidenciaíveis tinham sido transmutados

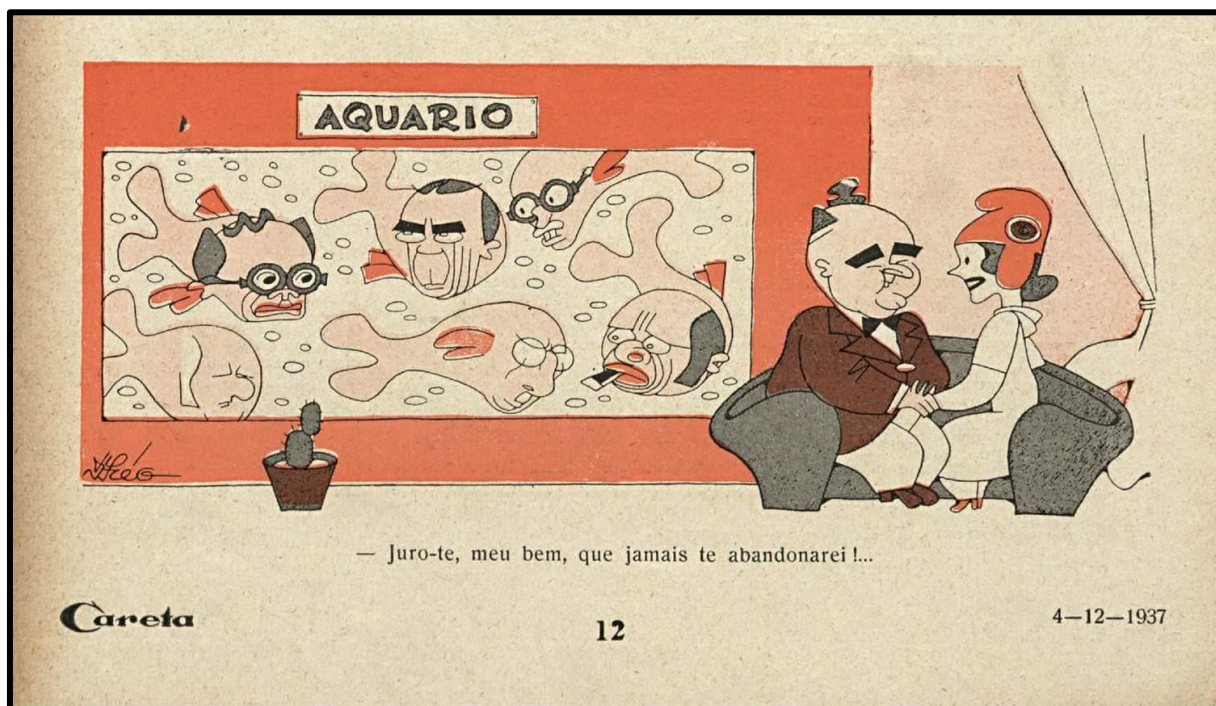
em peixes e colocados em um aquário, em sinal do fim de suas pretensões. Em diálogo ente dois populares, um deles chamava atenção para o número de eleitores do país, ao que o outro se admirava com a quantidade de “zeros” presente em tal número, em alusão ao caráter nulo que o eleitorado tivera com a suspensão das eleições. O obelisco do Rio de Janeiro voltou às ilustrações da revista, lembrando a completa ruptura para com o epíteto “liberal” da Aliança que, indiretamente, levava Vargas ao poder. Com Getúlio levando para si a cadeira presidencial, José Américo se via preterido do cargo que ambicionava, mas insistia em um dos bordões que a ele foi atribuído à época da campanha, quanto ao seu conhecimento dos caminhos para o dinheiro. Um “partido monárquico”, representado por um ancião de coroa, reclamava de Vargas por não ter obtido o seu registro, ao que o Presidente lembrava que tal formalidade era desnecessária tendo em vista a eliminação do processo eleitoral<sup>115</sup>. Como era comum na representação caricatural, a recém-inaugurada estátua de Deodoro da Fonseca, ganhava vida, tirava o boné e saudava Getúlio Vargas, reconhecendo que seria de tirar o chapéu, concluindo com êxito um golpe de Estado que lhe conferia poderes extraordinários, intento que o próprio primeiro Presidente tentara sem sucesso. Mais um encontro do Jeca com Getúlio, trazia aquele questionando se o outro estava tentando aprender uma dança originada nos Estados Unidos, ao que este respondia que a intenção fora o fracasso, tendo em vista que ele não conseguia aplicar uma rasteira em si mesmo, ou seja, só conseguia fazê-lo nos outros. A “mudança de regime” constitucional para o

---

<sup>115</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 4 dez. 1937.



autoritário, era vista pelo Jeca como uma “bonita mágica”, na qual, Vargas, rapidamente e com “quase ninguém” percebendo, trocara o seu retrato, portando o barrete frígio republicano, mas no primeiro portando a liberal Constituição de 1934, enquanto no segundo já carregava a ditatorial Constituição de 1937<sup>116</sup>.



<sup>116</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 11 dez. 1937.

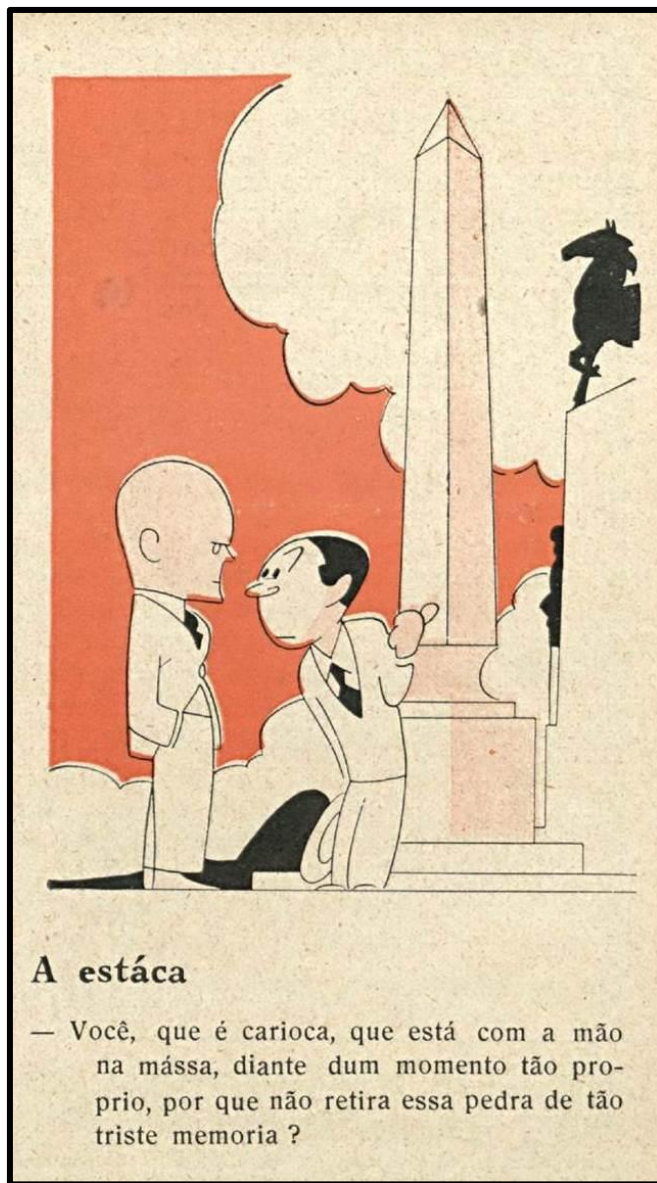


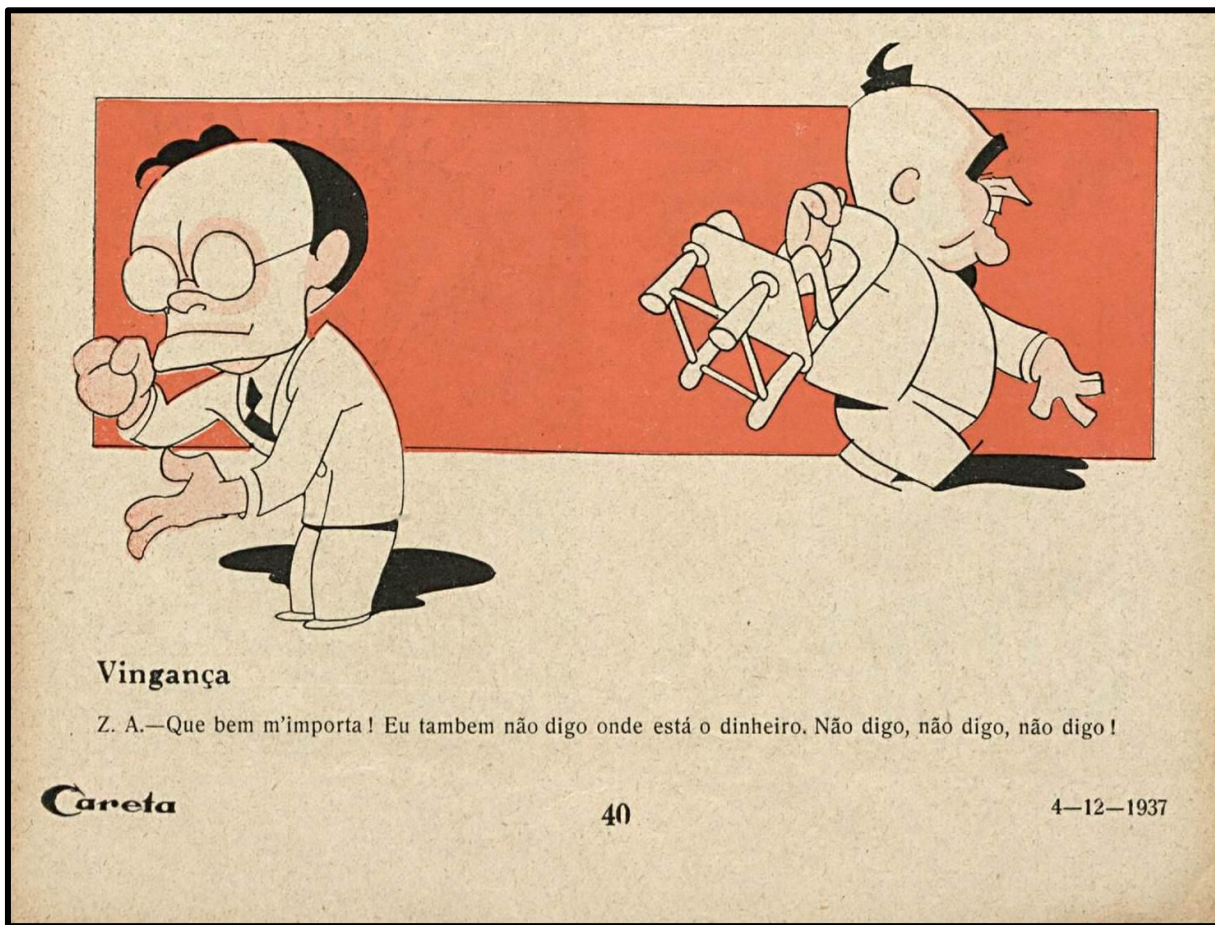
### Quantidade...

- Olhe que não é brincado. O Brasil tem 4.000.000 de eleitores.
- E' assombroso! Ha muitos *zeros* no numero de eleitores!

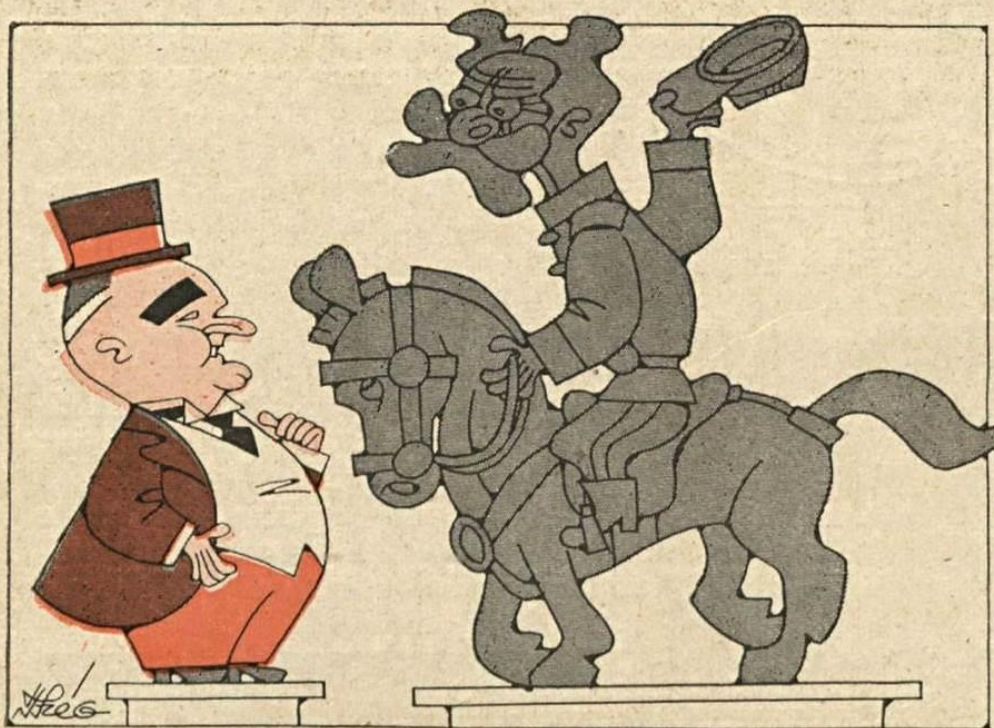
**Carota**

16







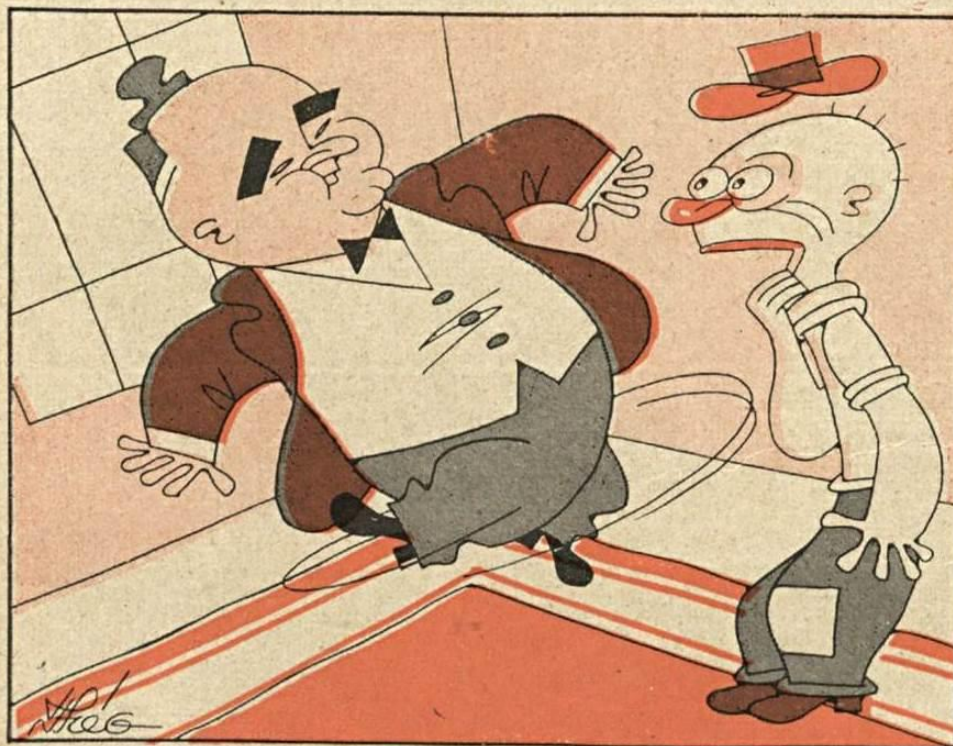


**Espirito carioca**

DEODORO — Sim, senhor, seu Getulio! Você é de se tirar o chapéu!...

**Careta**

4



### Espirito carioca

JE'CA — Ué! *seu* Presidente, aprendendo *Shimmy*?

GETULIO — Um fracasso, Jéca! Imagine que quero dar uma rasteira em mim mesmo, mas não consigo!...

**Careta**

8



O tema de Getúlio Vargas dando rasteiras em seus adversários e aliados políticos voltava à baila, com Benedito Valadares estranhando o ferimento que trazia ao pé direito, ao que o Presidente justificava que fora o uso excessivo do movimento utilizado para derrubar os outros<sup>117</sup>. Quanto ao fechamento político do país, o periódico mostrava Vargas conversando com seu Ministro do

<sup>117</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 11 dez. 1937.

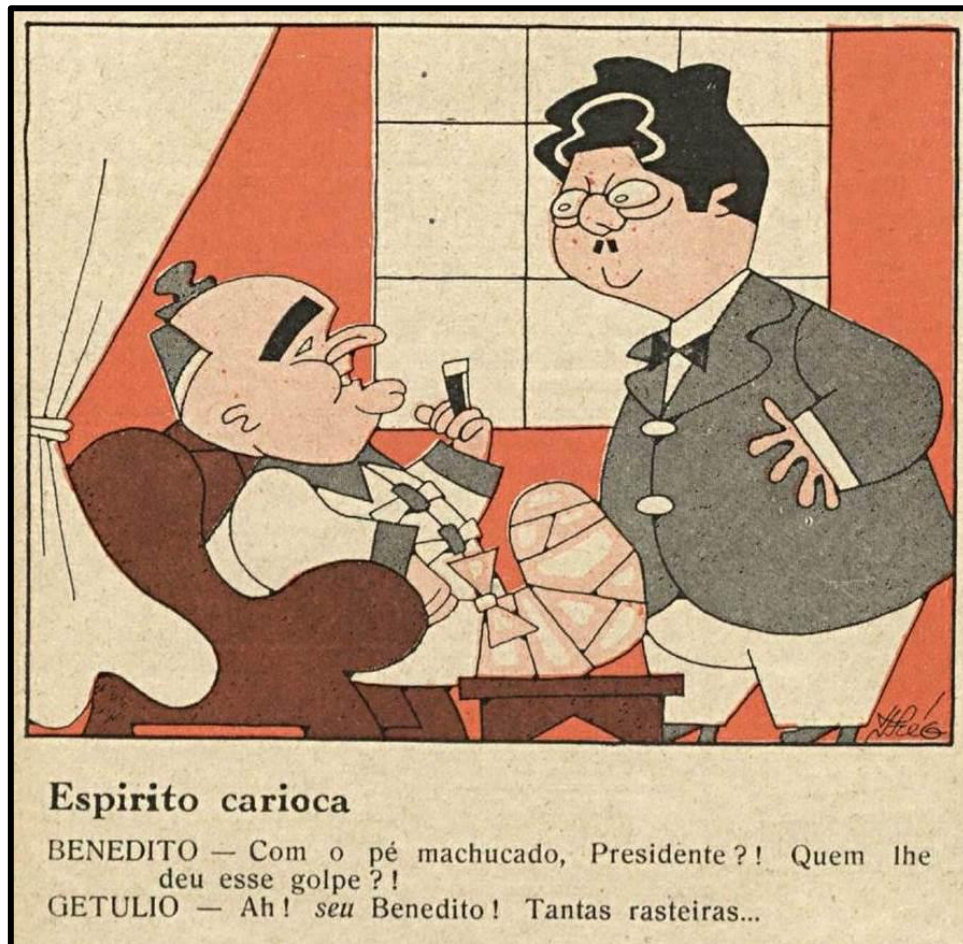


Trabalho, Indústria e Comércio e trancando a porta da Câmara dos Deputados e colocando o prédio para alugar, uma vez que o parlamento fora dissolvido. Em outro diálogo com um de seus assessores, presidindo o Departamento Nacional do Café e depois assumindo a Pasta da Agricultura, a respeito da abertura de escolas de pesca, Getúlio questionava a possibilidade de que tivesse a vir de ensinar as estratégias para arpoar seus competidores. Observando um grupo de desocupados em trajes de banho, um indivíduo considera tratar-se de um grupo de praticante de nudismos, ao que o outro responde que eram os parlamentares em férias, em razão do encerramento dos trabalhos legislativos. As conspirações que levaram ao golpe eram traduzidas figurativamente pela figura de Benedito Valadares ambicionando utilizar o uniforme militar de Flores da Cunha, uma das lideranças derrotadas com a virada política. A partir da frase que lembrava os mortos, uma figura feminina de lápis à mão, que representava a arte caricatural, frente aos retratos de vários dos possíveis presidentes, avisava a Getúlio que se ele perpetrasse outro golpe, ela ficaria sem “clientela”, ou seja, personagens para desenhar<sup>118</sup>. Vários líderes partidários brasileiros apareciam travestidos de criança a brincar, levando em conta a extinção dos partidos políticos, que poderiam tornar-se sociedades recreativas. Em outra caricatura, Getúlio dava orientações a seu Ministro João de Mendonça Lima, quanto à manobras e desvios, em relação a transportes, mas também à política; e o mesmo auxiliar governamental era apreciado por outros dois ministros quanto à sua capacidade, utilizando-se termos vinculados ao boxe. Getúlio Vargas aparecia ainda como um estilista que preparara a roupa da “dama

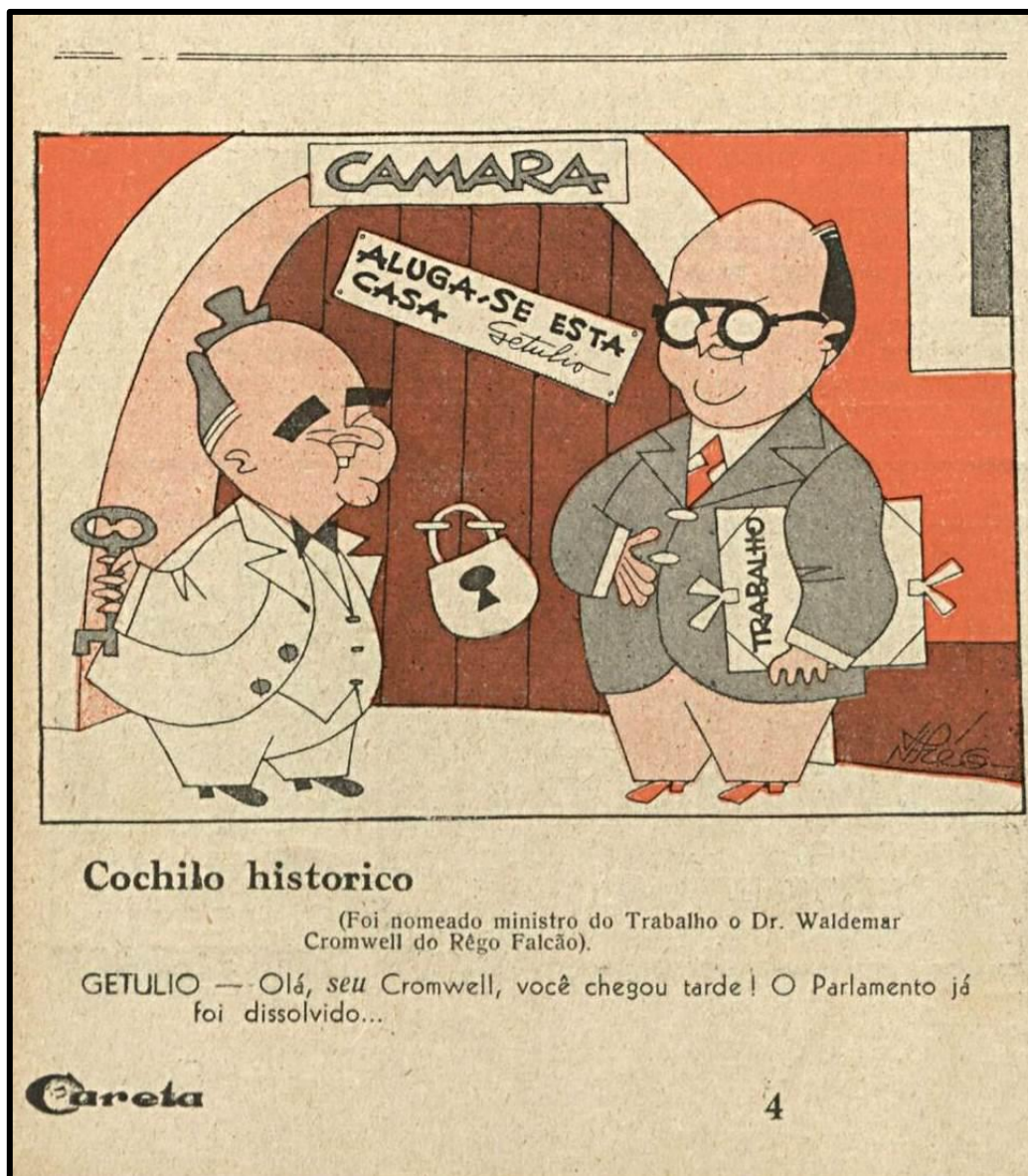
---

<sup>118</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 18 dez. 1937.

constituição” desde o figurino, incluindo até uma causa em seu vestido, caso fosse necessário derrubá-la<sup>119</sup>.



<sup>119</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 25 dez. 1937.





### **O meu segredo**

FERNANDO COSTA — Prometi aos pescadores abrir duas escolas de pesca!

GETULIO — Escolas de pesca?! Você, então, está pensando que eu vou ensinar como se arpôa um pirarucú?!



**De tanga**

- Olha só, Polixeno: Uma colonia de nudismo.
- Nudismo, nada. Devem ser parlamentares em férias.



**Aquele aspeto sedutor...**

- Na proxima parada passarei revista ás tropas fardado.
- Sim ?
- E' exato. Vou pedir ao Getulio a farda do Flores





**Gente... do brinquedo**

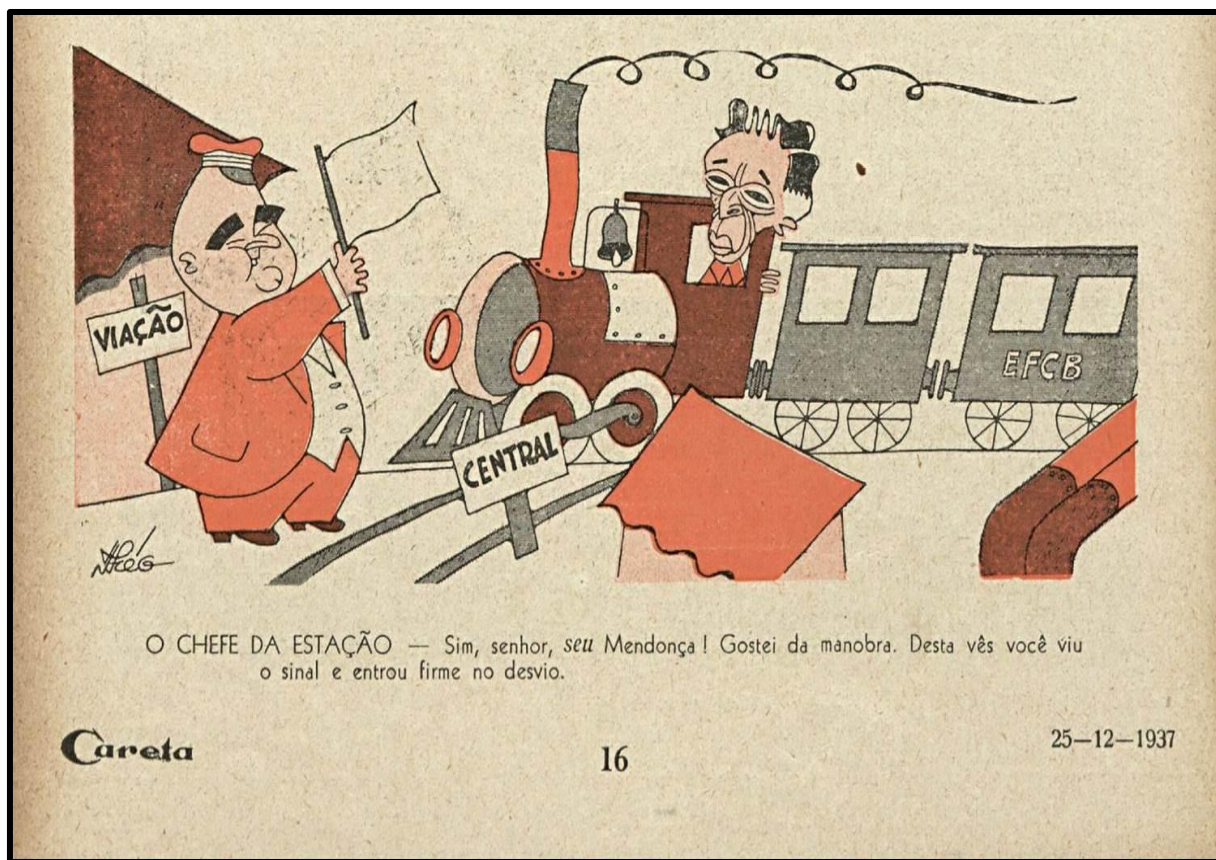
— Os partidos políticos dissolvidos poderão transformar-se em sociedades recreativas, beneficentes ou desportistas...

Careta

4

25-12-1937







**Peso pena**

WALDEMAR FALCÃO — O Mendonça Lima quer ser o campeão da indústria *pesada* !  
FERNANDO COSTA — Uê! Ele não chega a ser nem peso *leve* !



Assim, a *Careta*, uma das mais importantes publicações de seu gênero na época em que circulou trouxe um prisma caricatural acerca do contexto histórico nacional do ano de 1937. As idiossincrasias da vida política brasileira notadamente entre as tendências de alternância e continuidade no poder ficavam evidenciadas nas páginas da revista. Como era típico do jornalismo humorístico, a publicação enfrentou os poderosos, uma vez que ainda havia resquícios de liberdade que permitiam a livre expressão daquele olhar crítico. Em breve, o arbítrio ditatorial responderia a esse tipo de visão com a coerção e a repressão. Mas, enquanto pode, o magazine mostrou as tantas contradições que marcavam o cenário brasileiro naquele intrincado ano de 1937<sup>120</sup>. Nas caricaturas do periódico houve um protagonismo de Getúlio Vargas, normalmente com seu sorriso malicioso, mordaz e ambíguo, sempre pronto a estabelecer uma nova estratégia em sua atuação política. Nessa linha, o Presidente da República tornava-se a personificação das incertezas que marcaram o ambiente político brasileiro de 1937, caracterizado por um processo de alcances e limites do processo de uma sucessão presidencial que jamais chegou a passar da campanha eleitoral.

---

<sup>120</sup> ALVES, Francisco das Neves. O contexto histórico nacional em fevereiro de 1937: um rápido olhar a partir da revista *Careta*. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique & MONICO, Reto. *O bicentenário da cidade do Rio Grande*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2017. p. 49.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

